

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O VERMELHO É A COR DE TODOS.
DESCENDENTES PORTUGUESES E AÇORIANOS
EM SANTA MARIA:
ETNIA, EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dalila Flora Cardoso Varino

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

**O VERMELHO É A COR DE TODOS.
DESCENDENTES PORTUGUESES E AÇORIANOS
EM SANTA MARIA:
ETNIA, EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLA**

por

Dalila Flora Cardoso Varino

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

Orientador: Prof.º Dr. phil. Jorge Luiz da Cunha

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação**

Programa de Pós-Graduação em Educação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**O VERMELHO É A COR DE TODOS.
DESCENDENTES PORTUGUESES E AÇORIANOS
EM SANTA MARIA:
ETNIA, EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLA**

elaborada por
Dalila Flora Cardoso Varino

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Jorge Luiz da Cunha, Dr.
(Presidente/Orientador)

Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Dra. (PUCRS)

Ceres Karam Brum, Dra. (UFSM-RS)

Lúcia Salete Celich Dani, Dra. (UFSM-RS) – Suplente

Santa Maria, 16 de maio de 2008.

Dedico este trabalho a meus pais José e Gertrudes, a meu filho Luna, por fundamentarem a essência do meu ser, e a meu esposo Alberto, por ser o elo entre dois mundos totalmente diferentes.

AGRADECIMENTOS

O conhecimento é uma obra coletiva. Imerso num contexto qualquer, um pesquisador se lança à aventura da investigação sobre um problema que o interesse, que o instigue a reflexões, e que resulte em uma nova interpretação da realidade humana. Ele está sempre acompanhado de pessoas que, voluntárias ou não, participam da sua caminhada. Meus agradecimentos se referem aos dois casos.

Agradeço inicialmente aos meus pais José e Gertrudes, por sempre proporcionarem as condições necessárias para que eu prosseguisse nos estudos e por estimularem a indignação às injustiças de qualquer natureza. Reconheço em minha irmã Olga a singeleza nos elogios que sempre me fortaleceram (e ao abstract!) e ao meu sobrinho Henrique que, sem saber, com sua curiosidade pelo mundo me inspirava a cada dia. Voluntário também, meu filho Luna, à sua maneira, simplificando o mundo, ponderando a gravidade de momentos críticos que conjugavam trabalho e estudo, me mostrando o lado bom de tudo. A meu esposo Alberto agradeço o exemplo de não se desesperar, de tentar racionalizar no que é racional e emocionar no que há de sentimentos. À toda a família que se preocupou em saber sobre o que eu tanto lia e o que tirava horas de convívio e conversas amigáveis, e que não me deixava ir a São Paulo.

Àqueles que mesmo de longe, sem saber muito da realidade em que vivo, lançaram-me palavras tranquilizadoras e estimulantes, de coragem e admiração. Entre estes se encontram minha família baiana (Obrigada, Dina, por me mostrar que sempre é tempo de fazer coisas novas!) e portuguesa: primos e primas que venho pouco a pouco retomando o convívio ainda que digital (mérito aos programas aplicativos de mensagens instantâneas). Ainda neste grupo estão amigos de infância, do trabalho, da faculdade e amigos da vizinhança que, cada um do seu

jeito, me apoiaram e me cobriram de conforto. (Orengo está na lista pela amizade e pelo apoio logístico!)

Minha gratidão bate às portas da Prof.^a Deisi Sangoi Freitas, da Prof.^a Elisete Medianeira Tomazetti, da Prof.^a Lucia Salete Celich Dani e do Prof. Guilherme Carlos Correa, que de forma desprendida demonstraram interesse em indicar caminhos, em sugerir textos, em emprestar livros, em dialogar, em participar.

Ao Prof. Jorge Luiz da Cunha, dedico minha amizade em gratidão, embora distante, por ter me feito sentir como sua orientanda desde o momento em que nos conhecemos. Seu apoio em me ditar ritmos, em emprestar materiais quase incondicionalmente (desde que devolvesse, é claro!), em me lançar para fora do ninho como uma águia lança seus filhotes ao primeiro vôo. Minha admiração pela sua desenvoltura com os problemas diários, intelectuais, acadêmicos, administrativos e pela problematização da vida. E pela beleza que imprime ao deslindar a realidade, encantando ao conhecimento.

Gostaria de manifestar minha imensa alegria em ter estabelecido amizades durante as aulas do curso de Mestrado e dos encontros realizados com o Núcleo de Estudos sobre Educação e Memória – Povo de Clio. Meus sinceros agradecimentos a Ilhana, por ser uma pessoa de incansável dedicação a ajudar a resolver problemas alheios; a Janice pela sua calma e simplicidade diante dos problemas; a Luciani, que pela objetividade transformou caminhos tortuosos em estradas iluminadas. Ao Cléo agradeço a indignação, a inquietude e a criticidade; a Caren Bernardi agradeço a doçura do olhar, a amizade e a leveza; e a Josiane pela paciência com as transcrições e comigo também. Sem eles certamente o caminho não seria tão enriquecedor de idéias e emoções.

Imensa gratidão sinto pelos colaboradores desta pesquisa e centro de todo o estudo. Sem eles nada seria feito.

Meus agradecimentos ao Centro de Educação da UFSM por me proporcionar oportunidades de reflexão e engrandecimento pessoal e profissional. Aos profissionais e amigos do Colégio Militar de Santa Maria que possibilitaram tranquilidade de muitas horas de estudo desde 2005, ano em que passei a me preparar para o ingresso no curso de Mestrado: Karine, Adriana, Glaucon e Milton; e a Silva Torres pelo apoio administrativo igualmente precioso.

Alma Não Tem Cor

Composição: André Abujamra

Alma não tem cor
Porque eu sou branco?
Alma não tem cor
Porque eu sou negro?
Branquinho, neguinho
Branco, negon
Alma não tem cor
Porque eu sou branco
Alma não tem cor
Porque eu sou Jorge Mautner
Percebam que a alma não tem cor
Ela é colorida
Ela é multicolor
Azul, amarelo, verde, verdinho, marrom
Cê conhece tudo, cê conhece o reggae
Cê conhece tudo né, cê só não se conhece

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

O VERMELHO É A COR DE TODOS. DESCENDENTES PORTUGUESES E AÇORIANOS EM SANTA MARIA: ETNIA, EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLA

AUTORA: DALILA FLORA CARDOSO VARINO

ORIENTADOR: JORGE LUIZ DA CUNHA

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 16 de maio de 2008.

A investigação sobre a relação entre educação familiar e a formação de valores étnicos através da transmissão de elementos culturais entre as gerações, é o objetivo desta pesquisa. A relevância deste trabalho está em fornecer subsídios à prática docente no sentido de melhor lidar com os conflitos recorrentes no ambiente escolar. A formação de valores, iniciada no ambiente de convívio da criança no lar ou em instituições, é a primeira oportunidade de desenvolvimento de aspectos psicossociais relacionados à autonomia, à consciência de escolha, à segurança nas atitudes. A escola como mais um espaço para esse exercício imprescindível na formação do indivíduo, deve estar preparada para uma atuação que favoreça este processo. Este trabalho pretende contribuir para uma educação que atue positivamente para um convívio multicultural pacífico. A obtenção de informações se deu a partir de roteiros de entrevistas realizadas com descendentes de açorianos e portugueses sediados em Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul. A escolha de famílias açorianas e portuguesas como colaboradoras se fundamenta no fato de que, após as guerras de fronteiras ocorridas no sul do Brasil e a delimitação desse território como pertencente à Coroa Portuguesa, foram essas as primeiras famílias povoadoras da Região Sul do Brasil (1740) e, portanto, personagens importantes na construção da cultura local. Buscar informações de um passado recente através da memória do presente, só se pode conseguir através de autobiografias ou de informações coletadas por entrevistas. A modalidade de História Oral como Depoimento Oral é um enfoque que permite a referência a fatos que o colaborador presenciou ou sobre os quais detém informação a partir das suas visões e experiências. As informações decorrem das lembranças e da construção das representações que fazem sobre o passado. Esta foi a opção metodológica para obtenção dos dados necessários à análise. As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas com três eixos norteadores: o reconhecimento de si, o reconhecimento do outro e a relação de si com o outro. A apreciação dos dados indica que, se nas famílias em questão houve práticas voltadas para o respeito étnico em suas convivências, estas não ficaram evidenciadas nas memórias dos colaboradores. Porém, valores como honestidade e trabalho possuíram destaque nessas memórias. Nas situações escolares apresentadas nas narrativas, as manifestações de discriminações diversas aparentemente não receberam atenção adequada visando à dissipação ou superação do problema. Assim, não há indicativos de que as famílias e as escolas referidas neste trabalho atuassem na solução dos conflitos sociais enquanto instituições educadoras. Reafirma-se por isso a necessidade de dedicação da instituição escolar à essa problemática por meio de ações planejadas, cumprindo um de seus papéis fundamentais que é a educação para o convívio social e para o respeito às diferenças.

Palavras-chave: Educação – Educação Familiar – Etnia.

ABSTRACT

Dissertation of Master
Program for Post-Graduate Studies in Education
Universidade Federal de Santa Maria

RED IS THE COLOR OF ALL OF US. PORTUGUESE AND AZOREAN DESCENDANTS IN SANTA MARIA: ETHNIC, FAMILY EDUCATION AND SCHOOL

AUTHOR: DALILA FLORA CARDOSO VARINO

ADVISER: LUIZ JORGE DA CUNHA

Date and Place of Defense: Santa Maria, 16th may 2008.

The goal of this research is to investigate the connection between family education and ethnic values formation through the transmission of cultural elements over generations. The relevance of this work is to provide elements for teaching practice in order to better deal with the time after time conflicts in the school environment. The children values formation starts in the environment where they live either at home or school. This is the first opportunity of developing on psychosocial aspects concerning autonomy, conscience of choice, and safety in attitudes. The school should be ready to facilitate this process since it is a place for the crucial period in the formation of the individual. This paper intends to contribute to an education that results positively for a peaceful multicultural relation. The information was collected through interviews made with Azorean and Portuguese descendants who live in Santa Maria town, Rio Grande do Sul state. These families were chosen as collaborators because they are descendants from the first families who settled the South of Brazil (1740). Therefore, they are important characters in the local culture structure. The search for information in the recent past through the memory of the present can only be achieved through autobiographies or facts collected during the interviews. The aspect of Oral History as Oral Interview is an approach that allows the reference to the facts that the collaborators have lived or held information from their visions and experiences. The information flows from memories and construction of representations about the past. This was the chose methodology to get the necessary data for analysis. The interviews followed a script of questions with three points: the recognition of themselves, the recognition of the other, and the relationship between themselves and the other. The evaluation of the data indicates that the mentioned families didn't emphasize practices related to respect in their ethnic relations. Values such as honesty and work were highlighted. In the presented schoolchildren situations a lot of manifestations of discrimination didn't receive adequate attention in order to vanish or overcome the problem. Therefore, according to the analysis of narratives, it was concluded that families and schools mentioned in this work have not presented the solution for social conflict as institution educators. School education has contributed to the permanence of discriminatory situations taking into account it has being negligent and/or not showing worry on this issue. For this reason it is restated the necessity of school to strongly/deeply dedicate to this question through planned actions, accomplishing one of its key roles that is education for social relations as well as respect for differences.

Keywords: Education - Ethnicity - Family.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Anúncio

APÊNDICE 2 – Roteiro da Entrevista

APÊNDICE 3 – Mensagem Eletrônica

APÊNDICE 4 – Carta de Cessão

APÊNDICE 5 – Ficha Individual dos Colaboradores

APÊNDICE 6 – Ficha de Catalogação das Entrevistas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 EDUCAÇÃO E RELAÇÕES INTERÉTNICAS	19
1.1 A educação familiar e o convívio na escola	19
1.2 O sentido da educação para o convívio interétnico	24
2 FAMILÍA E HISTÓRIA ORAL	28
2.1 Memória familiar e oralidade	28
2.2 Os protagonistas desta história.....	30
2.2.1 Lusa	32
2.2.2 Faial	33
2.2.3 Corvo	34
2.3 A produção dos documentos históricos	35
2.3.1 As pré-entrevistas	36
2.3.2 As entrevistas	37
2.3.3 Outros participantes das entrevistas	39
2.3.4 A transcri(a)ção	40
2.3.5 A conferência	41
2.3.6 Documentação: arquivamento e acesso	42
2.3.7 Formalidade ética	42
2.3.8 “Para nunca mais” e “para sempre”	42
3 A COLORIZAÇÃO DO BRASIL.....	44
3.1 Colonização e etnias.....	44
3.2 Imigrantes portugueses e açorianos no Brasil.....	46
3.3 ...no Rio Grande do Sul e	48
3.4 ...em Santa Maria e seu povoamento	51
4 DIALOGANDO COM AS MEMÓRIAS	57

4.1 Quem sou eu? O reconhecimento da origem	59
4.2 Quem são os outros? A percepção da diferença	63
4.3 Como aprendi isto? A família e a transmissão da cultura	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: AONDE CHEGAMOS?	86
5.1 Quem sou eu? O nascimento da pesquisa	86
5.2 Quem são os outros? O caminho às respostas	87
5.3 Como estamos? Resultados e idéias	88
FONTES E REFERÊNCIAS	91
APÊNDICES.....	96

INTRODUÇÃO

Durante toda a minha vivência na escola e fora dela, me foi possível perceber conflitos entre grupos de pessoas que se aproximavam e se repeliam conforme suas identificações, suas semelhanças e diferenças. Nas primeiras experiências escolares vivenciei situações de discriminação pautadas em critérios étnicos (negros, judeus), religiosos (macumbeiros, evangélicos) ou econômicos (ricos, pobres) que, geralmente, eram expressas por meio de palavras de cunho depreciativo. Por minha família ser originária de Portugal, era muito freqüente sermos identificados pelo aspecto da nacionalidade. Minhas irmãs e eu éramos referidas como as “filhas da portuguesa” enquanto as outras crianças eram referidas como “as filhas da Dona Ivone, do Seu Biné, da Dona Norma”. E como as crianças que freqüentavam aquela escola eram as mesmas que viviam nos bairros ao seu redor, a forma de tratamento que eu recebia também se estendia ao espaço escolar. Parecia-me estranho, mas aos poucos fui me acomodando com essa situação como se fosse natural.

Assim, ora aluna, ora professora, pude acumular algumas experiências que de certa forma se completaram. Enquanto aluna convivia com pessoas negras e via discriminação a elas e a mim, indiretamente, porque me relacionava proximamente com elas. (Andava de braços dados com Maria Fernanda, minha colega de sala, durante os intervalos das aulas e na volta para casa.) Também ouvia reclamações de colegas que me recriminavam porque eu andava com uma ou outra “burguesinha” ou “ricaça”, como eram chamadas as meninas da camada média que iam de veículo próprio ou de ônibus para escola – a grande maioria ia a pé – ou que haviam cursado a pré-escola, privilégio de quem podia pagar essa etapa de formação. Nenhum dos dois era meu caso. Eu acabava por pensar que realmente

estava fazendo algo errado, tamanha era a força da opinião do grupo frente à pessoa em formação.

Hoje, como professora, observo determinadas atitudes entre alguns alunos no ambiente da sala de aula ou em outros espaços escolares. Referências são feitas às suas origens de acordo com o sotaque que a criança apresenta ao se expressar verbalmente, e também ao vocabulário que ela utiliza em sua fala. Durante uma aula sobre o comércio na Modernidade, alguns alunos referiram-se a um grupo humano que se identifica com a atividade lucrativa como: “é tudo ladrão!” numa atitude espontânea – já que a situação de aprendizagem estimulava o debate –, ao mesmo tempo generalizadora e, em alguma medida, preconceituosa. Isto revela que a criança, ao conviver com pessoas e meios de informação que expressam determinados valores estão, de alguma forma, sendo influenciados por esse ambiente cultural. A expressão de suas idéias revela algum aspecto desse ambiente.

Esta reflexão me leva a pensar que há alguma relação entre a formação de valores na criança em seu ambiente de convívio – que pode ser familiar (quando há algum grau de parentesco) ou não (abrigos de crianças, orfanatos, igreja, vizinhança) – e suas atitudes frente ao relacionamento com o grupo maior, com a coletividade. A idéia que instiga a pesquisa é a compreensão da relação existente entre o ambiente de convívio da criança e a formação de valores. Valores estes que podem resultar em manifestações de discriminações de diversos tipos.

Uma das metas do trabalho é encontrar, através das narrativas pessoais, as formas de transmissão de elementos culturais no decorrer das gerações. A compreensão da relação entre as formas de transmissão e a ocorrência de discriminação (em especial, a discriminação étnica), seja passiva ou ativa, também é objetivo deste trabalho.

Acredito que a forma como a criança é apresentada a contextos de convívio entre culturas diferentes, forjando seus valores, pode acarretar conflitos étnicos de grandes dimensões, dentro ou fora da escola.

Embora esta investigação não se efetive dentro do espaço da escola, ela guarda uma profunda preocupação com a educação escolar. Como professora, procuro formas de compreender melhor o universo das pessoas com quem me proponho a realizar um trabalho de crescimento individual e coletivo, intelectual e

afetivo – os meus alunos. Penso que, ao investigar o processo de formação de seus valores, poderei melhor intervir ativamente em busca da melhoria das relações interpessoais dentro e fora da escola.

Este trabalho está inserido num contexto amplo de discussão acerca da diversidade cultural, das relações interétnicas e da educação extra-escolar, sendo, como principal objetivo, a compreensão da relação entre educação familiar e conflitos entre etnias que se expressam no espaço escolar. O ambiente escolhido para o desenvolvimento do trabalho é a cidade de Santa Maria-RS e as etnias escolhidas para a investigação acerca da transmissão de valores familiares são a portuguesa e a açoriana (suas descendências). As narrativas são a fonte principal de informações acerca das formas de representação das pessoas a respeito de sua própria cultura.

A cidade de Santa Maria possui um perfil que coaduna com a proposta da pesquisa por receber anualmente uma grande quantidade de pessoas interessadas nos serviços de que a cidade dispõe.

O ambiente é propício a assimilações de hábitos externos e a adequação de práticas cotidianas, a outras práticas novas, introduzidas pela chegada de novos grupos à convivência. E pelos mesmos motivos, propício ao aparecimento de conflitos culturais entre moradores naturais desta cidade – ou das mais próximas, – e oriundas de outras partes mais distantes, outros estados.

É freqüente encontrarmos em sala de aula alunos de diferentes origens em consequência da migração constante na cidade. É igualmente comum o aparecimento de apelidos entre eles, não raro ressaltando suas características étnicas de forma jocosa ou depreciativa. Isto demonstra um reconhecimento das diferenças entre os alunos e uma correspondente intolerância, ou desrespeito, às suas características individuais e étnicas.

A escolha da etnia açoriana como perfil das famílias colaboradoras nesta pesquisa feita inicialmente, se fundamenta no fato de que, após a delimitação do território pertencente à Coroa Portuguesa no Sul do Brasil, estas famílias foram as primeiras povoadoras da região e que realizaram uma colonização planejada.

A partir, também, do final do século XVIII, desenvolveu-se no sul do Brasil a colonização com famílias açorianas, atraída, organizada e financiada pela

coroa. Em cerca de vinte anos, após 1740, chegaram ao Rio Grande do Sul cerca de dois mil açorianos destinados, inicialmente, às regiões limítrofes da Laguna dos Patos. (...) A colonização açoriana permitiu o aparecimento de uma zona de trigo no Rio Grande do Sul, onde colonos açorianos estabeleceram colônias viáveis de trigo de 1780 a 1820 (CUNHA, 1999, p. 199).

Grande parte dos hábitos alimentares, vestimentas, formas de lida no campo, atitudes de valorização do local em que se nasce ou vive, decorrem dessa cultura que se reelaborou a partir dos já aculturados povos guaranis remanescentes dos Sete Povos das Missões.

A inclusão da etnia portuguesa se deu após conversas informais com pessoas de meu convívio profissional. Ao questioná-las sobre suas origens, geralmente elas não sabiam precisar se seus ascendentes eram oriundos de portugueses ou açoritas. Isto me levou a concluir que, pela proximidade histórica e cultural entre os dois grupos étnicos, os descendentes por vezes não os diferenciavam, levando-os à ignorância quanto a suas origens. A partir dessa constatação, e reconhecendo a proximidade entre as duas etnias, decidi ampliar o perfil dos colaboradores em função de evitar a auto-exclusão por parte deles. Acreditei que ampliando para ‘portugueses e açorianos’ aumentaria a possibilidade de colaboração, além de considerar as duas etnias como primeiras povoadoras da região Sul do Brasil, após delimitação dos territórios através de tratados com a Espanha ao final do século XVIII.

As tradições de nosso país – tradição “entendida como um conjunto de orientações valorativas consagradas pelo passado” (OLIVEN, 1992, p. 21) – em relação com sua memória cultural, sofreu e sofre modificações no decorrer do processo histórico. A modernização dos meios de comunicação e das estruturas produtivas, a substituição de valores morais, as oscilações do mundo do trabalho, entre outros fatores, oferecem condições para uma constante mudança nas formas de “transmissão” da memória cultural na sucessão de gerações. A permanência ou não de práticas cotidianas (culinária, religião, valores de conduta, regras de convivência, opção por formas de trabalho ligadas ou não às opções dos ascendentes) está sujeita, não só à cultura de origem como também à adaptação que sofre no lugar que a acolhe.

A estrutura das famílias de origem, a concentração ou a dispersão dos grupos imigrantes de mesma origem, o modelo de integração do Estado que os recebe, a

presença ou ausência das famílias dos imigrantes, são fatores que também interferem diretamente no modo como esses imigrantes oferecem aos seus descendentes os elementos culturais que os identificam com suas origens. Condicionam também a forma como enxergam aqueles forasteiros, os moradores temporários, oriundos dos diferentes lugares. A etnia açoriana é, assim como a indígena, a portuguesa e a africana, fundadora da cultura gaúcha e, por isso, está na base de sua formação.

As informações necessárias para a realização do trabalho são obtidas por meio das narrativas pessoais dos descendentes de açorianos e portugueses estabelecidos nesta cidade. As entrevistas estruturadas são conduzidas de forma que possibilitem a expressão de idéias, valores e informações baseados em experiências de vida dos colaboradores. As perguntas apresentadas aos participantes se referem a suas vivências relacionadas ao aspecto étnico e familiar (conforme APÊNDICE). Em seqüência à transcrição das entrevistas, elas são analisadas separadamente de acordo com três eixos: o reconhecimento dos elementos culturais de origem (etnia da família a que pertence), o reconhecimento do outro como diferente e o reconhecimento da existência de discriminações étnicas no convívio. E por fim a análise das entrevistas procura observar a relação existente entre as formas de transmissão de elementos culturais e a manifestações de situações de discriminação (ativa ou passiva) por parte dos colaboradores.

Foram entrevistados dois descendentes açorianos e um português que foram contatados em resposta a um anúncio colocado na seção de Classificados do Jornal Diário de Santa Maria (conforme APÊNDICE) e que se dispuseram integralmente a colaborar no que estivesse ao seu alcance. Todos demonstraram satisfação em encontrar “por acaso” – já que estava em seção de Classificados – um anúncio de um pesquisador interessado em estudar sua ascendência. Isto já demonstra alguma valorização da cultura açoriana e portuguesa e do lado genealógico a ser abordado pelo tema. Os pseudônimos foram escolhidos tomando a idéia de origem geográfica de seus ascendentes. Assim, Corvo é assim chamado porque tem ascendentes imigrantes da Ilha do Corvo, O mesmo acontecendo com Faial, e com Lusa, esta lusitana, do continente.

Faial é um descendente de imigrantes açorianos, da Ilha Faial. Militar aposentado, se dedica aos estudos genealógicos de sua família e da igreja a que se

associou e em que atua como sacerdote. Lusa, neta de um imigrante português (por isso Lusa, de lusitana), passou sua infância na fazenda do avô e do pai, mas estudou na área urbana. Exerce a profissão de cabeleireira mantendo seu próprio salão, com toda a arte inerente à sua profissão. Corvo é também descendente de açorianos e é profissional de programação visual, um artista à luz da razão. Assim como os dois colaboradores anteriores, veio a conhecer as origens de sua família já em idade adulta. Seus ascendentes vieram de diversas ilhas do Arquipélago dos Açores, entre elas, a Ilha do Corvo.

A partir da análise das entrevistas, embasada em referências oferecidas pela bibliografia estudada, procuro perceber em que medida os colaboradores reconhecem sua própria cultura e que relações podem ser estabelecidas entre essa cultura e a cultura de outros grupos étnicos a partir de seus olhares – relação de inferioridade, igualdade ou superioridade.

Esta dissertação está organizada em cinco seções, sendo quatro dedicadas a capítulos específicos e uma dedicada às considerações finais. Início com a discussão acerca da importância da relação entre a educação familiar e o convívio escolar, razão de ser desta pesquisa. O segundo capítulo trata dos caminhos que trilhei na obtenção de respostas às questões colocadas. O terceiro se dedica ao contexto da imigração portuguesa e açoriana no Brasil fornecendo o histórico do problema investigado. No quarto capítulo estão apresentadas as análises das entrevistas e, por fim, os resultados obtidos com a investigação do tema.

Diante do contexto atual em que conflitos religiosos, étnicos e políticos ocorrem em todo o mundo, acredito que este trabalho venha a subsidiar a prática educativa no que se refere à superação deste tipo de problema social. Os conflitos são naturais da convivência humana. A tentativa de superação não deve ser evitada, pois se pode aprender com eles. Por existirem, os conflitos devem ser aceitos, solucionados e valorizados positivamente. Eles podem contribuir para o aprendizado da convivência com as diferenças e com o respeito a elas.

A diferenciação das origens étnicas expressas pela cor da pele está presente no dia-a-dia e no vocabulário dos colaboradores da pesquisa. O título desta dissertação refere-se à alusão a essa diferenciação: negros, brancos, amarelos. O fundo ideológico do trabalho – o convívio e a aceitação do diferente – está expresso no título. A cor comum a todos é a que está no sangue que corre no corpo de cada

um de nós. O corpo é o veículo de transformação da realidade, por via do trabalho educativo ou de quaisquer outras áreas da experiência humana.

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO E AS RELAÇÕES INTERÉTNICAS

1.1 A educação familiar e o convívio na escola

A família constitui o espaço de convívio primeiro em que a criança conhece a vida social e se apresenta também como ser social. Trata-se, neste caso, por família, o conjunto de relações de parentesco ou dependência (responsabilidade) em que a criança está inserida. Assim, as noções de respeito aos familiares e às pessoas em outros ambientes sociais são inicialmente introduzidas no universo infantil por meio das pessoas de maior convívio: pai, mãe, irmão mais velho, babá, creches, profissionais de casas de assistência à criança, etc. Essas noções passam a nortear o comportamento das pessoas em seus lugares de convívio e interferem na forma de relacionamento das pessoas entre si.

Espaços de interação como igreja, escola, ônibus, ruas, áreas de lazer públicas ou privadas, filas de bancos ou supermercados requerem atitudes de tolerância, compreensão, cortesia, mas também de exigência de cumprimento de direitos, de justiça e de bom senso. Assim, as atitudes expõem ao social todo percurso de construção de uma personalidade e também de valores culturalmente constituídos no decorrer da experiência humana.

Entre as diversas abordagens a respeito do desenvolvimento humano – cognitivo (Piaget), psicosssexual (Freud) e psicossocial (Erikson) – a que mais colabora para a compreensão da formação dos valores da criança é a teoria

psicossocial, pois analisa o estágio de desenvolvimento da pessoa através da relação entre seus aspectos psicológicos e sua interação com o meio em que vive.

Ao sistematizar o desenvolvimento humano em oito estágios, Eric Erickson (HALL, 1984)¹ esquematiza uma correspondência entre esses estágios e as fases de amadurecimento da pessoa. Aos quatro primeiros estágios correspondem à infância e a meninice, ao quinto corresponde à adolescência e aos três últimos correspondem à maturidade e velhice, para utilizar a terminologia dos autores.

Durante a infância e a meninice, o estabelecimento da confiança/desconfiança, da certeza e da esperança, demonstrados pelas atitudes do bebê, “prossegue na infância e contribui para os rituais da sociedade” (HALL: 1984, p. 69). A relação de reconhecimento recíproco (mãe e filho) permite construir a capacidade de abandonar esperanças frustradas ou antever esperanças futuras. Em sentido oposto, o não reconhecimento pode gerar a sensação de abandono e de separação contribuindo para construção de uma personalidade insegura ou idólatra, creditando aos outros uma importância maior que a si mesmo.

Esta relação de reconhecimento é fundamental para a construção do senso de autonomia que se realiza no segundo estágio, em que as limitações, obrigações e privilégios são colocados para o adolescente. A necessidade do autocontrole e da aceitação do controle de outrem são exigências colocadas pela busca pela experiência nova. Assim, a abordagem tranqüilizadora do adulto (o controlador), é de grande importância no desenvolvimento da liberdade de escolha com autocontrole: autonomia. O exemplo de vontade apresentado pelo adulto na relação com o adolescente estimula neste a vontade própria, a liberdade de auto-expressão. Nesta etapa, a criança/adolescente passa a realizar julgamentos de certo/errado, justo/injusto através da percepção do que “se é” e do que “são os outros”.

Como condutores, os adultos constituem peça fundamental no desenvolvimento da criança e do adolescente no que se refere à construção da personalidade e dos valores, através do exemplo, do cultivo da autonomia e da segurança emocional.

Nesta fase, temas relacionados à etnia, a manifestações culturais e a conflitos religiosos, são propícios para serem discutidos, por condução dos educadores, pelos adolescentes nessa fase. Esta etapa é de construção do senso de autonomia (para

¹ HALL, 1984, p.67.

julgar, para discernir entre si e o outro) em que valores como respeito e justiça são promovidos.

A educação escolar deve incorporar estas considerações na busca por uma melhor atuação da instituição frente à sua primeira tarefa que é a transformação do espaço físico da escola em espaço humano de relacionamento e investigação.

As pesquisas atuais voltadas para a área de Educação concentram-se em torno dos eixos: prática docente, formação de professores e políticas públicas (em quaisquer níveis: da educação infantil ao ensino superior, passando por Educação de Jovens e Adultos).

Ainda que intelectuais de diversas especialidades (biólogos, pedagogos, psicólogos) apontem para a necessidade de se considerar a educação de forma global e integral, pouca atenção se dispõe aos aspectos formadores do discente que antecedem sua freqüência à escola. As relações familiares ou de vizinhança, a natureza do local de vivência (urbana, rural ou industrial), são ambientes em que se formam, se consolidam e se transformam os valores das pessoas. Estes refletem a representação que cada um faz do mundo em que vive e regulam as relações interpessoais.

Transcendendo esta reflexão para a prática docente, pode-se dizer que a atuação dos professores com seus alunos, em geral, não considera este aspecto formador como componente do dia-a-dia. Prioridades educacionais estabelecidas pelas instituições fazem o currículo girar em torno de conteúdos programáticos, ou de projetos temáticos, desenvolvendo trabalhos voltados à valorização de informação ou ao desenvolvimento de habilidades e competências. Aspectos voltados para a formação dos valores nas etapas pré-escolares e escolares da vida do discente não têm sido preocupação das escolas e dos professores, pois ora não priorizam esses fatores, ora não se sentem habilitados para tais propósitos.

Os valores, conceitos e pré-conceitos de todos nós são expressos nas atitudes de convívio nos diversos ambientes em que freqüentamos. Em especial nas escolas, eles – os valores – aparecem em sala de aula, pátios, bibliotecas, laboratórios, jardins, áreas administrativas, na relação entre os sujeitos. Os conflitos aparecem naturalmente à medida que surgem as diferenças. Porém, estas situações não são realmente consideradas enquanto objeto de educação formal.

Em suma, as escolas enquanto instituições voltadas para a educação não realizam, nem se preparam para lidar, com os conflitos decorrentes das diferenças

existentes entre as pessoas que a compõem. Não se trata de substituir a família, trabalhando com valores, ou transformar a escola em clínica psicológica para os alunos, mas sim de considerar os aspectos culturais, formadores daquele grupo para melhor desenvolvimento humano de cada um. Então, a comunidade escolar há que se reconhecer composta por um grupo heterogêneo, mas com características básicas semelhantes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio afirmam: “O jovem não inicia a aprendizagem escolar partindo do zero, mas com uma bagagem formada por conceitos já adquiridos espontaneamente, em geral mais carregados de afetos e valores por resultarem de experiências pessoais.” (PCNEM, 1999, p. 95).

A formação de valores numa sociedade tem raízes no convívio social mais próximo da criança, seja em uma família, num orfanato, na rua. O ambiente em que forja sua sobrevivência é o cenário que dará suporte a sua personalidade, ao seu caráter e que subsidiará suas ações e escolhas. As colocações de CLAVAL acerca da relação entre a família e a formação do jovem, são esclarecedoras:

Após os sete ou oito anos e durante a adolescência, o papel desempenhado pela família continua importante. É no seu seio que se consolidam as aquisições no que concerne às técnicas e as atitudes que convêm à vida cotidiana. (...) É também primeiramente na família que o adolescente é instruído sobre os rituais e mitos próprios à religião, à ideologia de seus pais ou àquela que domina na sociedade da qual faz parte (CLAVAL, 1999, p 63).

Certamente, a educação e a formação dos valores dos indivíduos numa dada sociedade não são de responsabilidade exclusiva da família. Indivíduo e família estão inseridos numa cultura que, ao apresentar os padrões de comportamento que a edifica, engloba novos indivíduos, numa lógica de manutenção desses mesmos padrões, como numa retro alimentação cultural. Denys Cuche, ao investigar a história da noção de cultura, aponta idéias que auxiliam a análise sobre essa questão:

a personalidade individual não se explica por seus caracteres biológicos (...) mas pelo "modelo cultural" particular a uma dada sociedade que determina a educação da criança. Desde os primeiros instantes da vida, o indivíduo é impregnado deste modelo, por todo um sistema de estímulos e proibições formulados explicitamente ou não. Isto o leva, quando adulto, a se

conformar de maneira inconsciente com os princípios fundamentais da cultura. (...) processo que os antropólogos chamam de “enculturação” (CUCHE, 2002, p. 81).

O relacionamento de uma criança com o mundo, suas posturas frente aos conflitos e às situações de percepção de diferença na vida adolescente e adulta refletem, em alguma medida, a base de valores em que foi criada pela família ou pelo grupo social com quem convive na infância. A escola constitui um dos espaços em que, ao interagir com a comunidade escolar, a criança externa por meio de relacionamentos e ações, seus valores, suas formas de se defender e de sobreviver frente ao grupo. Diferenças culturais (migrantes ou imigrantes), sociais (situação econômica dos alunos) e físicas (relacionados ao fenótipo ou à formação física) são motivos constantes de conflitos expressos por meio de manifestações de preconceito não raro ofensivas e violentas.

Essa realidade pode ser entendida como um dos aspectos do contexto escolar que constituem o pano de fundo dos relacionamentos e aponta para aspectos da cultura social que merecem atenção da comunidade escolar. Episódios relacionados com desigualdades sociais e econômicas, diversidade cultural, diferenças de alimentação e higiene pessoal, direitos de cidadania, etc., aparecem. Isto sinaliza à comunidade escolar a necessidade da realização de um trabalho de intervenção que busque problematizar a realidade posta e compreendê-la, a fim de traçar uma ação direcionada à melhoria da qualidade de vida de todo aquele grupo.

A compreensão do processo pelo qual a criança ou o adolescente passam no seio da família e que forma a sua base de valores é um ponto de partida para o planejamento de posturas pedagógicas que possam ser adotadas e que tenham como preocupação a superação de conflitos, em especial neste caso, os conflitos interétnicos.

Esse tipo de conflito tem sido considerado como próprios ao relacionamento humano à medida que cada parte em questão tende valorizar mais a si do que à outra, o visto como diferente, o interlocutor. Assim, crianças brancas podem vir a estranhar crianças negras, que também o podem fazer às brancas. Igualmente pode ocorrer entre um grupo de migrantes japoneses que se mude para um bairro de maioria étnica negra e freqüentem a mesma escola e que convivam. Acerca da participação dos indivíduos em sua própria cultura, LARAIA (2003, p. 72-3) aponta a tendência etnocêntrica do homem de “considerar seu modo de vida como o mais

correto e o mais natural” em função de sua visão de mundo, forjada pelo ambiente cultural em que se criou. Porém, a forma como a relação entre os grupos vai se desenrolar está influenciada pelo ambiente cultural em que essas crianças forem educadas por suas famílias e também pela escola que freqüentem.

1.2 O sentido da educação para o convívio interétnico

Especialmente nas Ciências Humanas, alguns temas levam ao debate idéias e valores que tanto podem ser previamente formados pelas experiências pessoais quanto reorganizadas através do saber escolar. Algumas temáticas são propícias à discussão de valores culturais dos sujeitos históricos diretamente envolvidos e dos próprios estudantes que, ao estabelecer relações de si com o passado, posicionam-se diante de fatos presentes. Esta situação é conveniente para o desenvolvimento de competências como a análise e a crítica. Porém, há mais objetivo na educação básica do que o mero exercício de idéias, onde se manipulam argumentos embasados por fatos históricos. A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação – estabelece no Art. 3º, Inciso IV, do Título II, o princípio do “respeito à liberdade e o apreço à tolerância” (PCNEM, 1999, p. 39). Ainda na Seção IV, do Capítulo II, do Título V, dispõe como uma das finalidades para o Ensino Médio, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (PCN, 1999, p.46).

A atenção sobre o tema dos conflitos interétnicos é pertinente não somente porque a LDB definiu princípios ou diretrizes a serem seguidas. Atuais conflitos recorrentes entre grupos religiosos discordantes (Oriente Médio) ou as freqüentes manifestações, ora jocosas ora ofensivas, entre brasileiros e argentinos, são demonstrações de que há pelo mundo o reconhecimento à diferença entre os povos, mas ainda não há convívio respeitoso entre eles. Esta situação respalda a idéia da necessidade de intervenção pedagógica neste contexto.

A educação que esteja referenciada na interação entre as culturas favorece a quebra da visão que coloca os países europeus como possuidores de superioridade de desenvolvimento político, econômico e social em relação aos países da África, América Latina e Ásia. Há que se ressaltar que a situação de desfavorecimento em que se encontram atualmente os povos destes continentes se deve em parte pela exploração a que foram submetidos pelos países europeus durante o neocolonialismo do século XIX. Esta situação levou à exploração maciça das populações e das riquezas materiais e culturais, gerando posteriormente altos índices de analfabetismo, desemprego, doenças, violência social e política. Exemplos são fartos: milhares de sudaneses são escravizados e levados para Kordofan e Darfur, no norte da África; massacre de um milhão de tutsis pelos hutus em Ruanda em abril de 1994; golpes de Estado em diversos países da América Latina no decorrer do século XX.

MATURANA (2004) defende a necessidade de substituição da cultura de valorização da guerra, da competição, das hierarquias, da apropriação da verdade e da restrição da liberdade, por uma cultura de cooperação não-hierárquica, de confiança não autoritária, de cooperação e auto-respeito e dignidade. Compreende que uma nova cultura nasça quando modificações numa dada cultura se dêem através das formas de emocionar e se mantenham de forma transgeracional: “só se produz uma modificação numa dada comunidade humana quando uma nova forma de viver como rede de conversações começa a se manter geração após geração.” (MATURANA, 2004, p. 51).

Numa perspectiva de educação para a paz cabe uma atuação dos profissionais da área no sentido de provocar essas modificações através de sua prática problematizadora, que esteja voltada para o questionamento do determinismo cultural de que trata MORIN (2001) em seu texto “Determinismos culturais e efervescências de cultura”. Para Morin, existe um determinismo que se sobrepõe ao conhecimento, condicionando seu desenvolvimento, reprimindo idéias que contradigam os interesses da ordem dominante, gerando o conformismo cognitivo. Há sob o conformismo cognitivo o *imprinting cultural* e a normalização, que crescem paralelamente à cultura. O *imprinting*, responsável pela seleção de idéias convenientes, faz do diferente, um tabu. Este é o elemento característico do aspecto totalizante da cultura e manifesta-se pelo condicionamento da visão.

O autor também oferece uma opção de superação, suscitando a seguinte dúvida: esse determinismo é implacável? É necessário o desabamento de uma cultura para que esse modelo acabe? MORIN (2001) propõe a investigação da possibilidade de enfraquecimento desse *imprinting* cognitivo e das possibilidades de sua superação: através da dialógica cultural, a diversidade de pontos de vista. A comunicação e o debate de idéias enfraquecem o *imprinting cultural*. As idéias antagônicas criam campo de turbulência gerando brecha no determinismo. Porém, o diálogo deve ser lei, a fim de evitar guerras entre os povos, pessoas. Quando as rupturas do *imprinting* são profundas pode resultar em queda de verdades. Os desvios passam a ser preponderantes: uma cultura produz sua própria ruína. A partir daí, surge uma nova cultura de respeito, de valorização das diferenças, num caminho para a paz.

A história da educação no Brasil contém em si as marcas do *imprinting* europeu que supervaloriza a si em detrimento do outro, excluindo-o, de forma totalizante, tornando-o referência cultural negativa em relação à visão eurocêntrica de mundo. O etnocentrismo presente na educação brasileira desfavorece o desenvolvimento de uma cultura de respeito e valorização entre os povos. Façamos nossas as palavras de CAMBI que melhor expressam o objeto de reflexão desta dissertação:

Existem depois as enormes rebeliões de povos, as migrações, os assentamentos e as fusões com outros povos que caracterizam a época e a vida social contemporâneas, e que levantam complexos e novíssimos problemas educativos, como também reclamam novos aparatos pedagógicos, conceituais. São os problemas da multiculturalidade e da intercultura que estão se impondo como uma emergência não-transitória, como uma emergência dramática, que reclama soluções a curto prazo e, se possível, racionais e eficazes, para evitar choques entre etnias, entre religiões, entre culturas, que tais migrações vêm agitando ou tornando possíveis. A pedagogia deve aparelhar-se para compreender as culturas "outras" (em relação à ocidental, greco-cristã-burguesa), deve elaborar vias de comunicação e critérios de intercâmbio entre essas culturas, deve preparar para o diálogo, e a tolerância (para valores bastante alheios à nossa tradição inclusive pedagógica, baseada no domínio e não no diálogo). Trata-se então de colocar *en question* o etnocentrismo da pedagogia e desmascarar suas características de "racismo" e de intolerância, para favorecer a centralidade de princípios não-etnocêntricos, anti-racistas, etc., para depois identificar também as vias para torná-los operativos na sociedade. (...) Abre-se, assim, para a pedagogia uma tarefa árdua, urgente e epocal, que ela deve procurar resolver (não sozinha certamente, mas com papel prioritário) (CAMBI, 1999, p. 596-643).

A contemporaneidade é rica em problemas, mas o é igualmente em possibilidades de superações, que chamam a pedagogia para colaborar no trabalho de desafiar primeiramente a si própria, às suas tradições e para enfrentar as questões postas na sociedade do presente.

LARAIA (2003) nos fornece um bom argumento para a compreensão da necessidade do convívio favorável entre as culturas:

Não resta dúvida que grande parte dos padrões culturais de um dado sistema não foi criada por um processo autóctone, foram copiados de outros sistemas culturais. A esses empréstimos culturais a antropologia denomina difusão. Os antropólogos estão convencidos de que, sem a difusão, não seria possível o grande desenvolvimento atual da humanidade. (LARAIA, 2003, p. 105)

Se atualmente somos fruto das relações entre as culturas, por que negamos o diferente? Por que superestimamos o que somos ou pensamos enquanto grupo cultural em detrimento do que os outros são ou representam? Como a escola pode contribuir para que haja um convívio favorável entre os grupos diferentes que aponte para o resultado de um bem para todos?

CAPÍTULO 2

FAMILÍA E HISTÓRIA ORAL

2.1 Memória familiar e oralidade

A compreensão do processo de transmissão de tradições, de hábitos e valores entre as gerações de uma mesma família requer uma busca pela imagem que esse grupo guarda de si mesmo em sua memória. As práticas de sobrevivência física de um grupo humano determinam sua sobrevivência cultural, à medida que constrói sua realidade com base em um universo de representações. A forja da alimentação (agricultura, preparo e conservação de alimentos), a distribuição do trabalho entre os membros da família, a realização de tarefas diárias, a possibilidade da frequência a estabelecimentos escolares, os hábitos de higiene revelam a concepção de um grupo sobre o mundo a seu redor e indicam os elementos mais ou menos passíveis de valorização e de sobrevivência.

A modernização dos meios de comunicação e das estruturas produtivas, a substituição de valores morais, as oscilações das possibilidades de trabalho, entre outros fatores, oferecem condições para uma constante mudança nas formas de “transmissão” da memória cultural na sucessão de gerações.

A permanência ou não de práticas ligadas a uma cultura (culinária, religião, valores de conduta, regras de convivência, opção por formas de trabalho ligadas ou não às opções dos ascendentes) está sujeita, não só à cultura de origem como também à adaptação que sofre no lugar que a acolhe. A estrutura das famílias de origem, a concentração ou a dispersão dos grupos imigrantes de mesma origem, o modelo de integração do Estado que os recebe, a presença ou ausência das

famílias dos imigrantes, são fatores que também interferem diretamente no modo como esses imigrantes oferecem aos seus descendentes os elementos culturais que os identificam com suas origens.

A relação entre os membros de uma família se apresenta através das ações, do comportamento, da oralidade. O aprendizado da fala, o desenvolvimento da audição, da linguagem, e posteriormente da conversação tem início na gestação, quando a mãe, num instinto carinhoso, lança mensagens ao seu útero na intenção de se fazer presente e demonstrar proteção e espera. As primeiras palavras, valores, idéias são expressas oralmente e a comunicação entre as pessoas se efetiva no contar histórias, nos aconselhamentos e nas discussões. Estes são exemplos que demonstram a necessidade do recurso oral entre os grupos.

A narrativa das memórias é o elo entre as gerações que possibilita a permanência de elementos culturais e a perpetuação de um grupo étnico. A compreensão da relação entre os valores familiares e o relacionamento social exige uma busca de informações com base nas memórias de vida das pessoas e suas relações com os parentes e com o passado familiar. A narrativa das memórias pessoais possibilita o aparecimento de elementos identificadores da autovalorização cultural, de consideração ou não pelas tradições da família, e de respeito ou não a outros referenciais culturais.

A fonte principal de informações para subsidiar a reflexão da relação entre educação familiar e conflitos étnicos é a oralidade, a narrativa, a rememoração. Assim, “as provocações de memória”, ou seja, a forma de mobilizar as lembranças do passado conduz a auto-reflexões incitadas pelo pesquisador ao colaborador, ao entrevistado: o descendente de portugueses e/ou de açorianos.

Neste sentido, a metodologia de História Oral Temática é a que mais se aproxima do trabalho aqui desenvolvido. As entrevistas realizadas e os documentos escritos produzidos a partir delas são a principal fonte para o trabalho, pois é a partir deles que a investigação parte. A história da cidade de Santa Maria e seu processo imigratório compõem o cenário onde os colaboradores da pesquisa se encontram hoje. Porém, as experiências de vida se desenvolveram em Alegrete, Uruguaiana, Santiago e também Santa Maria. A investigação está focada nas lembranças dessas pessoas que passaram por diversos locais antes de aqui estarem. Então a história de cada um desses locais não é o mais importante no trabalho, o que faz da pessoa do colaborador o centro da atenção.

As provocações de memória foram realizadas por meio de entrevistas direcionadas para as lembranças das pessoas acerca do relacionamento com a família e com as formas de vivência econômica, intelectual, religiosa e escolar. As experiências individuais foram investigadas separadamente, mas as reflexões a realizadas procuraram enxergá-las no contexto do grupo de colaboradores que guardam características comuns, próprias ao seu perfil.

Cabe mencionar que as perguntas que dão estrutura à entrevista são de caráter investigativo e não de julgamentos acerca de atitudes ou valores ocorridos no passado da família colaboradora da pesquisa (conforme roteiro anexo).

2.2 Os protagonistas desta história

Inicialmente, o perfil das famílias colaboradoras para este trabalho foi definido pelo atributo do pertencimento à ascendência açoriana estabelecida em Santa Maria.

A busca pela localização das famílias partiu da bibliografia específica que fornece um rol de famílias e suas respectivas áreas de estabelecimento no Rio Grande do Sul. A presença de sobrenomes somente nos nomes masculinos das famílias levou ao questionamento a respeito da busca pelas mulheres descendentes de açorianos. Gustavo Py Gomes da Silveira, pesquisador das famílias açorianas que se estabeleceram na região central do Rio Grande do Sul, informou por correio eletrônico em 13/01/2007 (conforme APÊNDICE), que as mulheres açorianas freqüentemente adotavam o complemento “do Nascimento” ou “de São Joaquim”, “dos Santos”, geralmente relacionando o nome da mulher ao nome do santo do dia em que ela nasceu. Adotar o nome do esposo quando do matrimônio também se constituía numa opção para elas. Assim, a busca pelas mulheres que, com certeza, possuísem ascendência açoriana passou a ser demasiadamente difícil.

A opção de realizar a busca em cartório não foi efetivada, pois a fixação de açorianos em Santa Maria se deu nas primeiras décadas do século XVIII, o que oferece uma seqüência de diversas gerações até o século XXI. A pesquisa sofreria uma mudança de direção, tomando caráter de investigação genealógica mais que de caráter cultural.

Conversas com algumas pessoas da cidade levaram à constatação de que muitas desconhecem as suas origens étnicas. O atributo *açoriano* para a definição do perfil durante a fase de busca de fontes seria restritivo, demais específico, pouco conhecido, de difícil identificação. Acrescentou-se então o atributo *português*, a fim de ampliar a possibilidade de encontrar as ascendências escolhidas.

A opção por publicar um anúncio em jornal da cidade expressando a procura por descendentes de famílias açorianas e portuguesas para pesquisa histórica acadêmica foi a alternativa que mostrou frutos favoráveis. O anúncio foi publicado no caderno de Classificados, na Seção de Colégios – Produtos e Serviços, do Diário de Santa Maria, nos dias 20, 24, 27 e 31 do mês de janeiro do ano de 2007 (ver APÊNDICE). As pessoas interessadas em colaborar se manifestaram por meio de correio eletrônico e por telefone, conforme os dados fornecidos no anúncio. Esta alternativa não convencional se mostrou interessante e eficiente porque os colaboradores que fizeram contato em decorrência do anúncio só o fizeram por se reconhecerem como pertencentes ao perfil apresentado, assim como demonstraram total disponibilidade para a participação na pesquisa.

Lançar-se a esta pesquisa tem sido se entregar ao desconhecido, ao risco, à emoção. Acreditar que uma pesquisa acadêmica é puramente um trabalho intelectual predominantemente racional e, por isso, responsável por maturidade acadêmica e temática é uma visão pelo menos ingênua.

A redação de uma entrevista, a elaboração de um anúncio para jornal, a realização de testes com o gravador são procedimentos puramente técnicos até o momento em que o telefone toca em nome de alguém procurando informações sobre o anúncio do jornal, até o contato por e-mail, até a audição de uma entrevista realizada no dia anterior. O telefonema para marcar um encontro que não chega a acontecer, a conversa sobre as lembranças intimamente guardadas, a transcrição da entrevista em que a rememoração passa a ocorrer não mais pelo entrevistado, como também pelo entrevistador, podem se tornar momentos de extrema angústia, nervosismo, expectativa e alegria.

Colaboradores e pesquisadora passaram a manter uma relação de contato humano que ultrapassa os limites acadêmicos formais, pois compartilharam de momentos construídos pelas suas histórias, agora entrelaçadas. Assim, todos estão presentes como os personagens principais nesta pesquisa, mais humanizados pela troca de memórias.

Foram firmados os contatos entre três colaboradores, sendo que um possui ascendência portuguesa, um possui ascendência açoriana e o último possui ambas as ascendências.

Após contato telefônico entre pesquisadora e colaboradores, um encontro com cada colaborador serviu para que houvesse mútuo conhecimento e uma aproximação entre as partes. Este aspecto foi importante e necessário para que houvesse esclarecimento das intenções dos envolvidos, da análise das condições do ambiente em que se realizariam as gravações das entrevistas, para que houvesse estímulo dos interesses de ambos os lados, para adequação de questões a serem investigadas, enfim, em prol da ambientação e ajustes para a efetivação do registro oral.

Os nomes fictícios atribuídos aos colaboradores nesta pesquisa fazem alusão aos lugares de origem dos seus ascendentes. A opção se justifica pelo valor simbólico: as raízes evocam os ancestrais, pelo lugar de onde partiram e, portanto guarda relação com os descendentes. Estes sempre buscam saber: de onde eram meus pais, meus avôs? É o ponto de partida do entrelaçamento das histórias humanas. É este encontro que evocamos ao buscar a memória familiar.

2.2.1 Lusa

Lusa é neta de um imigrante português. Chegado ao Brasil no início do século XX, ele se inseriu nos trabalhos de construção de ferrovias no Sul do país. Ao perceber a possibilidade de aquisição de terras, dirigiu-se para o Estado do Rio Grande do Sul com três irmãos que vieram consigo iniciando a vida na área rural: “Ele comprou muita terra. Ele chegou ali, ele foi trabalhar na viação férrea. Ele trabalhava com pedra.”²

Lusa passou sua infância na fazenda, mas se deslocou para a cidade para realizar os estudos. Desde garota mostrava vontade e aptidão para cortar os cabelos

² Lusa. Entrevista concedida em 23 de fevereiro de 2007. Parte 1, p.2.

das primas e fazer maquiagens. Então passou a exercer a atividade de cabeleireira, abrindo mão dos estudos para ajudar a criar os irmãos mais novos.

Embora não tenha concluído os estudos formais, Lusa se interessa por assuntos atuais como educação e política, e aprecia a leitura de jornal. Foi numa dessas leituras que encontrou um anúncio da Embaixada Portuguesa procurando um cidadão português, cujo nome era o de seu avô. Lusa ficou surpresa ao saber que ele, já falecido estava sendo procurado por parentes em Portugal. Em resposta ao anúncio e com os contatos decorrentes dessa atitude, Lusa passou a conhecer uma história de seu avô ainda mantida em segredo. Quem procurava seu avô era uma prima por parte de mãe. Quando seu avô veio para o Brasil, deixou uma namorada grávida em Portugal, para quem enviava recursos destinados ao sustento dessa família desconhecida até então.

Em outra ocasião, lendo o jornal do fim de semana, Lusa encontrou o anúncio de um pesquisador da Universidade Federal de Santa Maria precisando de colaboradores descendentes de portugueses e açorianos para uma pesquisa. De posse de grande curiosidade, guardou o recorte do jornal esperando uma hora com pouco movimento para fazer o contato. No domingo seguinte, realizou o telefonema em que se manifestava muito feliz em saber que alguém precisava dela e se dispunha a ajudar no que fosse preciso. De ar tranqüilo e disposta a fazer as coisas funcionarem, colocou seu local de trabalho aberto para a realização das sessões de entrevista. Foi nesse lugar que elas se efetivaram.

2.2.2 Faial

Faial é aposentado do Exército Brasileiro. Descendente de imigrantes açorianos dedica-se ao sacerdócio na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (SUD) e aos estudos genealógicos de sua família.

A igreja que freqüenta mantém um centro de estudos sobre história da família. As pesquisas genealógicas são centrais nesses estudos e Faial colabora com esse

trabalho enquanto investiga suas raízes. Viajou constantemente durante toda a sua vida profissional, como militar e depois como representante de vendas de produtos farmacêuticos. Por ocasião de uma reportagem sobre conservação de alimentos, tema que lhe interessava quando se aposentou, procurou o curso anunciado oferecido por uma igreja. Nesse local, além de realizar o curso desejado, envolveu-se com aquela religião. Encontrou também o centro de genealogia que o deixou curioso em descobrir suas origens.

A partir das buscas por sua árvore genealógica, chegou à sua avó, descendente de açorianos que vieram ao Brasil por volta de 1740, quando do incentivo a essa imigração. Estabelecidos no município de Durasnal, passaram por Uruguaiana, Alegrete, São Leopoldo e Santa Maria, onde Faial definitivamente se estabeleceu.

Apesar de freqüente usuário da rede internacional de comunicações digitais, também lê jornal impresso e, ao encontrar o anúncio da procura de descendentes açorianos e portugueses, enviou mensagem para o endereço eletrônico indicado, se apresentando como colaborador para o trabalho. O contato pessoal inicial e as sessões de gravação foram realizados em sua casa, lugar mais adequado para mostrar suas pesquisas e os materiais que coleciona a respeito da história da sua família. Fortemente ligado à igreja em que atua, é um mensageiro de fé e esperança de dias melhores.

2.2.3 Corvo

Corvo é profissional de programação visual. Assim como Faial, veio a conhecer as origens de sua família já em idade adulta. Com o nascimento de sua filha passou a se preocupar com o legado familiar, com a memória de sua ascendência. Desde então se dedicou a pesquisar e construir a representação da árvore genealógica da sua família e a escrever sobre ela.

Na busca por documentos oficiais em cartórios e igrejas chegou às origens açorianas e portuguesas por parte da avó materna. O casal de imigrantes que veio ao Brasil e que deu origem à sua família por parte da mãe, eram ele, português, e ela, açoriana. Vieram para que ele assumisse uma sesmaria:

E o T. foi sesmeiro aqui na região de Santa Maria. Ele recebeu a sesmaria em 1792, se não me engano. Então, não sei nem se ele morava aqui. Porque os sesmeiros muitas vezes recebiam dotes de terras que ficavam afastados da sua residência.³

Ao encontrar o artigo no jornal, também se comunicou por correio eletrônico. O primeiro contato pessoal ocorreu no local de trabalho bem como a primeira entrevista. Dedicado a estudos históricos sobre o município de Santa Maria, onde vive, vê nesta pesquisa a oportunidade de colaborar com imensa satisfação.

Esta realidade demonstra que o contato humano é o aspecto diferencial entre este tipo de metodologia e aquelas pautadas em fontes clássicas para o historiador, como documentos de época, fontes bibliográficas ou iconográficas. O diálogo entre pesquisador e fonte já não acontece mais de forma simbólica e sim real, o que faz deste trabalho uma experiência de convívio e aprendizado mútuo. A transformação da experiência em acadêmica para a pesquisadora e para os colaboradores já está explícita.

2.3 A produção dos documentos históricos

A transposição do discurso oral para a forma escrita consolida o aspecto documental das declarações a fim de serem utilizadas para análises e pesquisas posteriores.

Nesta pesquisa a elaboração dos documentos iniciou-se com as pré-entrevistas, que embora não tivessem um roteiro, estavam guiadas por orientações no sentido de esclarecer os colaboradores a cerca do teor da entrevista, analisar as

³ Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte1, p.1.

condições para a realização das gravações e marcar o encontro posterior em que as gravações seriam realizadas.

2.3.1 As pré-entrevistas

Falar de si para uma pessoa estranha ao seu convívio não é atitude fácil de realizar. Ainda que voluntariamente, expressar lembranças do passado recente ou remoto exige vontade de colaboração e confiança no interlocutor. O ato de gravar a entrevista passa a ser um fator de inibição ao entrevistado devido à pouca familiaridade com o aparelho e novidade da ocasião.

Considerando esta situação, a realização de um encontro prévio da pesquisadora com os colaboradores possibilitou uma aproximação entre as partes. Nesta situação de pré-entrevista, a apresentação da pesquisa foi mais bem explicitada, já que o primeiro contato (telefônico e eletrônico) serviu para breves esclarecimentos e marcação do primeiro encontro (pré-entrevista).

Inicialmente sem pretensão de realizar a gravação da pré-entrevista, uma recomendação de THOMPSON fez mudar a atitude frente a este primeiro contato:

“Alguns historiadores orais julgam que o primeiro encontro deve ser utilizado como uma visita exploratória, curta, para preparar e conhecer um informante sem usar o gravador. (...) Segundo minha própria experiência, o melhor é pôr o gravador a funcionar logo que você possa, assim que você comece a falar.” (THOMPSON, 1992, p. 268)

Ao apresentar o gravador aos colaboradores, estes não se opuseram à sugestão de registro deste encontro, mesmo não se tratando da entrevista formal. A opção por gravar esta etapa se constitui numa conveniência de retornar a algumas informações úteis ao preparo das entrevistas formais. Estas pré-entrevistas compõem o acervo documental desta pesquisa, tanto em formato de áudio quanto de texto escrito.

2.3.2 As entrevistas

O roteiro da entrevista foi apresentado aos colaboradores a fim de que se familiarizassem com a abordagem e se preparassem para a ocasião da gravação. Embora FREITAS (2002, p.93) recomende “evitar o fornecimento do roteiro ao depoente antes da entrevista. (...) o contato prévio induzirá o depoente a tentar elaborar respostas, tirando a espontaneidade da fala.”, no caso desta pesquisa, este procedimento contribuiu e não prejudicou a tranqüilidade dos colaboradores. Como cada entrevista tem uma dinâmica diferente, própria, algumas questões surgiram naturalmente, de acordo com a fluência do roteiro que sofreu algumas variações de acordo com as ocasiões. Como exemplo disto, reproduzimos a declaração colaborador Corvo:

eu omitirei boa parte das respostas porque não sei. Como tá muito distante... por exemplo, eu não sei sobre as dificuldades que eles enfrentaram, os motivos que os trouxeram para cá... Eu deduzo que tenham sido os mesmos motivos que deram incentivo à imigração naquele período, não é. Então os açorianos vieram em grande número e eu creio que eles vieram motivados da mesma forma como os demais. Mas os motivos específicos da imigração deles eu desconheço totalmente. E acho que nunca vou conhecer. (Parte 1, p.1)⁴

A presença de perguntas relativas ao cotidiano dos imigrantes mencionados acima foi dispensada visto que o colaborador afirmou desconhecer essas informações. Na sua convivência com avôs, ele se recorda desta fase da infância, mas sem contato com as memórias dos ascendentes mais distantes. Assim, alguma flexibilidade houve de acordo com a realidade de cada colaborador. Ainda citando FREITAS:

“A aplicação dos roteiros das entrevistas não é feita de forma rígida, uma vez que muitas questões vão surgindo naturalmente no discurso do depoente no transcurso da entrevista e, essas, às vezes, nos suscitam outras.” (FREITAS, 2002, p.92)

Vale mencionar que dois dos colaboradores localizaram material fotográfico e registros genealógicos para comporem a narrativa, disponibilizando cópias de

⁴ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007.

fotografias antigas e textos. Esta atitude reforçou a conveniência da realização do encontro prévio para esta pesquisa, concordando com MEIHY (2005, p.110): “muitas vezes provocações podem motivar aspectos da lembrança que não emergiriam com a naturalidade das recordações.”.

A escolha do local da entrevista ficou a critério dos colaboradores, pois se acredita que se sentir à vontade proporciona segurança ao momento da manifestação de oralidade. “Seja no trabalho ou na residência, deixe que ele escolha sua cadeira ou sofá preferido, pois esses elementos, que integram o seu cotidiano, colaboram para seu bem-estar físico e psíquico.” (FREITAS, 2002, p.99-100). Ora em local de trabalho, ora em residência, as condições de ruídos foram testadas e ajustadas para garantir a melhor qualidade da gravação, visando facilitar o entendimento do áudio gerado, para posterior transcrição. A utilização de gravador digital se mostrou extremamente conveniente pela pureza do áudio gerado e pela facilidade de uso para a transcrição, permitindo a utilização do computador simultaneamente para audição e transcrição. O armazenamento das faixas de áudio em discos digitais se mostrou prático também para o momento da conferência das entrevistas por parte de um dos colaboradores.

As verificações da carga da bateria e do preenchimento da capacidade de memória do equipamento garantiram a eficácia do procedimento. Assim, a cópia da gravação em meio digital (memória do computador e disco digital) subsequente ao momento da entrevista garantiu a segurança da integridade do registro oral e a liberação da memória do equipamento para utilização em encontros posteriores. Em um dos casos, a finalização da carga resultou na necessidade de um novo encontro para que a entrevista chegasse a termo. Também proporcionou à pesquisadora um maior senso de prevenção: transportar junto ao material a ser utilizado na entrevista, um estabilizador de corrente elétrica, visto o gravador ser de voltagem 110 v e a voltagem elétrica na cidade de Santa Maria ser 220 v. A essência desta observação está no fato de que cuidar de detalhes passa a ser essencial para o êxito do procedimento.

A duração das entrevistas variou de acordo com o perfil dos colaboradores. A prolixidade da narrativa de Faial ou a tranqüilidade de Lusa ocuparam três vezes mais tempo que a objetividade de Corvo. A condução da entrevista é um aspecto de extrema importância e carrega certa ambigüidade. Ao mesmo tempo em que a espontaneidade pode fazer a narrativa se prolongar muito além do programado (em

vez de um encontro de duas horas, ocupar três encontros de duas horas) e isto se tornar angustiante no momento da transcrição e da análise, também constitui a ampliação da oportunidade de obtenção das informações previstas pelas perguntas do roteiro.

Optou-se nesta pesquisa em deixar que o colaborador se expressasse livremente dentro das questões colocadas, mas com o cuidado de retomar a questão posta, a fim de não perder o rumo da entrevista, o que resultaria na impossibilidade da utilização do documento para análise.

2.3.3 Outros participantes das entrevistas

A participação de uma terceira pessoa ao momento da entrevista pode ser favorável tanto para o colaborador como para o pesquisador. Num exemplo citado por ALBERTI (2005, p. 110), a participação de um familiar que auxilie o colaborador que se apresente em dificuldades com a fala pode ser de extrema valia.

A acadêmica Josiane Carré do curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFSM voluntariou-se para o trabalho das transcrições dos depoimentos de Faial. Apesar de a pré-entrevista já ter ocorrido sem a sua presença, ela foi convidada a participar dos encontros em que as entrevistas se realizariam para que se familiarizasse com o colaborador e sua forma de expressão. Ao ser previamente consultado, Faial concordou com a situação sem demonstração de incômodo ou inibição. A narrativa transcorreu com naturalidade e esta oportunidade favoreceu o trabalho de transcrição dos depoimentos.

Os encontros realizados com Corvo em seu local de trabalho contaram com a presença esporádica de uma funcionária da instituição, com quem divide a sala com horários intercalados. Sendo o local de entrevista de escolha do próprio colaborador, nenhuma objeção lhe foi colocada, visto que implicitamente não se alteraria com a presença de uma pessoa alheia ao trabalho. No que se refere à pesquisadora também não houve incômodo, pois o teor das declarações não era de caráter sigiloso, e a discricção da funcionária colaborou para sua não interferência.

As condições de entrevista de Lusa foram menos confortáveis fisicamente, visto se realizar no local de trabalho e em noites quentes. Porém, apesar de passar

o dia no local, o que lhe provocava cansaço físico, esta se mostrou empolgada e alegre em expor suas memórias. Como ela optou por não realizar os encontros em sua residência por julgar que lá fosse menos tranqüilo então o salão de beleza foi acordado como o local adequado, o que resultou em privacidade e familiaridade. Ao fim do atendimento ao público e com tranqüilidade, iniciaram-se os registros.

Inicialmente, pelo interesse e por um sentimento gregário, Lusa solicitou a participação dos seus irmãos na gravação das entrevistas julgando que contribuiria para a riqueza das informações. Essa forma de entrevista coletiva inviabilizaria a transcrição devido à dificuldade em distinguir a quem pertenceriam as falas. A entrevista realizou-se então somente com Lusa, sem a participação de sua família.

2.3.4 A transcri(a)ção

A apresentação dos depoimentos transcritos, os documentos produzidos a partir das entrevistas, é questão debatida entre duas posições extremamente diferentes, mas que privilegiam a valorização do conteúdo das narrativas. Para tanto, há que se reescrever, além de transcrever, no que ALBERTI (2005, p.173) chama de processamento e MEIHY (2005, p. 184) de textualização.

FREITAS (2002) defende a supressão de palavras repetidas que têm muito mais uma função fática no discurso do que semântica. Por não prejudicar o entendimento do texto e terem função enquanto linguagem oral e nem tanto escrita, podem ser retiradas para favorecer a fluência da leitura do público interessado na produção textual. Termos como “né”, “tá”, “compreende?”, “sabe” seriam dispensáveis neste caso. Ressalta, porém, que a espontaneidade da entrevista deve ser garantida “pois um discurso escrito elaborado torna a entrevista oral sem função.” (FREITAS, 2002, p.101). Devem-se manter as características do narrador, presentes ao texto escrito, privilegiando o sentido em detrimento da forma, esta entendida como estilo textual.

MEIHY (2005) aponta para uma maior manipulação do material textual, operando uma transcrição do depoimento. Assim “o mais importante na transposição de um discurso para o outro é o sentido” (MEIHY, 2005, p.195) referindo-se ao oral e ao escrito. O autor indica três etapas de trabalho para a

elaboração do material final: a transcrição absoluta, em que a passagem do discurso oral para o escrito se dá em forma total, incluindo perguntas, respostas e ruídos alheios às falas (buzinas, sons domésticos, etc.); a textualização (retirada das perguntas, erros gramaticais, ruídos e vícios de linguagem) e a transcrição (em que há retirada de informações repetidas, privilegiando o sentido e não as palavras como foram pronunciadas).

As duas formas se apresentaram convenientes em circunstâncias diferentes. A transcrição absoluta é imprescindível para a posterior utilização das informações e para que os outros pesquisadores interessados tenham acesso ao material como foi produzido, embora a necessidade da audição se imponha, como alerta FREITAS (2002, p. 102). Entretanto, as citações dos excertos dos depoimentos foram colocadas após sofrerem processo de textualização, etapa constante do tratamento do acervo. Esta opção se deu tanto por este trabalho não se constituir em uma produção literária, não exigindo a transcrição do depoimento, como também por necessitar da apresentação das falas dos depoentes de forma mais próxima possível do original, não prejudicando a fluência da leitura das análises e, ao mesmo tempo, preservando o sentido das declarações.

2.3.5 A conferência

As conferências dos depoimentos aconteceram de acordo com a opção dos colaboradores. Corvo foi bastante atencioso, sugerindo modificações na transcrição absoluta que foram respeitadas e negociadas, principalmente no que se refere aos vícios de linguagem e na preservação da identidade de pessoas vivas citadas em alguns episódios. As partes referentes a esta situação foram suprimidas sem prejuízo do trabalho, já que não estavam diretamente ligadas ao tema central.

Os demais colaboradores não foram tão atuantes no sentido de fazer ressalvas ou modificações, mas se prontificaram a colaborar dirimindo as dúvidas presentes no áudio.

2.3.6 Documentação: arquivamento e acesso

As gravações das entrevistas desta pesquisa foram feitas com uso de equipamento de gravação digital, sendo que cada faixa de gravação possui aproximadamente trinta minutos de duração. Cada faixa foi transcrita de forma literal e, tanto a faixa de áudio quanto seu texto escrito correspondente estão armazenados em mídia digital (*Compact Disk*). Nos documentos das transcrições estão indicados: os nomes do colaborador e da entrevistadora, a data e o local da gravação, e a faixa de gravação a que se refere. As páginas e as linhas estão numeradas a fim de melhor localizar as informações no corpo do texto.

Todo o material ficará arquivado no acervo do Núcleo de Estudos sobre Educação e Memória – Clio, vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

A consulta ao material fica disponível a todos os interessados após solicitação feita à coordenação do núcleo de pesquisa.

2.3.7 Formalidade ética

O uso de depoimentos para fins de pesquisa exige um comprometimento de respeito quanto ao uso do teor das entrevistas. Para tanto, é preciso que haja formalização da cessão dos depoimentos através de uma carta de cessão. O modelo da carta utilizada nesta pesquisa se encontra em APÊNDICE.

A carta foi assinada pelos colaboradores após gravação, conferência e concordância quanto ao uso das informações.

2.3.8 “Para nunca mais” e “para sempre”

A experiência do Programa de História Oral do Cpdoc relatada por ALBERTI (2005) fornece descrição minuciosa de aspectos técnicos relativos à preparação,

realização e finalização de entrevistas. Neste texto, há uma passagem que pode ser mencionada como um consolo aos erros cometidos e admitidos nesta pesquisa, no que se refere a esses aspectos. Na discussão acerca de condução de entrevista, ALBERTI (2005, p.119) menciona que ao interromper o entrevistado cometendo um erro de condução, o erro “cometido pelo entrevistador serve de aprendizado para as próximas ocasiões, o que significa dizer que é fazendo entrevistas que se aprende a fazê-las.”

Erros cometidos “para nunca mais”, entre tantos, são:

- perguntas longas;
- perguntas complexas;
- perguntas com respostas embutidas, como por exemplo: “Você acha que as tradições culturais da família têm se mantido através das gerações ou tem diminuído com o passar do tempo?”, em vez de: “O que você acha que tem acontecido com as tradições culturais da sua família ao longo do tempo?”.
- não anunciar ao início de cada gravação os dados relativos àquele evento, como data, local, pessoa entrevistada. Embora a gravação digital facilite essa identificação já que arquiva seqüencialmente as faixas, facilitando o processo de transposição para o meio físico escrito, é melhor que se registre oralmente.

Para sempre, fazer:

- realizar as transcrições e conferências imediatamente às realizações das entrevistas o que favorece as lembranças das informações, evitando incomodar os colaboradores para esclarecimentos de pontos duvidosos das entrevistas (ALBERTI, 2005);
- estudar com atenção a pré-entrevista gravada a fim de conhecer ao máximo seus colaboradores, evitando assim confusões de situações simples, como por exemplo, informações de identidade ou de locais;
- adotar um caderno de campo em que todas as impressões sejam anotadas a cada encontro: data, local, colaborador, nomes próprios de pessoas, lugares, observações quanto a expressões e gestos, dúvidas.

A frase de FREITAS (2002, p.94): “Saber entrevistar se aprende entrevistando.” resume esta reflexão metodológica: o caminho se faz ao caminhar.

CAPÍTULO 3

A COLORIZAÇÃO DO BRASIL

3.1 Colonização e etnias

Data de 1500 a viagem das embarcações portuguesas que oficialmente tomaram posse das terras brasileiras habitadas por indígenas de grupos étnicos diferentes e conflituosos. Os Jês (Tapuias: bárbaros, pois não falavam tupi) em combate com os Tupis no litoral, foram expulsos para o interior. Os Aruaques, que viviam na Amazônia, Bacia do Prata e Bolívia eram do mesmo tronco lingüístico dos Tupis, originários da mesma região. Ambos, Tupi e Aruaque, povoaram o sul em busca da “terra sem males”, mito tupi, ocupando essa área.⁵ A introdução da cultura européia na América Portuguesa teve início com a atividade comercial extrativista e com o estabelecimento do escambo, prosseguindo com a atuação jesuítica e os trabalhos de catequização, visando à aculturação e a dominação do indígena brasileiro.

Com a implantação da agricultura açucareira, a partir de 1530, os africanos escravizados foram inseridos como mão-de-obra nas lavouras, trazendo, embora de forma fragmentada e reprimida, sua cultura e formas de viver. Passou a haver assim, de forma conflituosa, pela própria opressão com que se deu, o convívio entre essas três culturas.

Diversas outras etnias chegaram ao Brasil desde o século XVII compondo a diversidade cultural brasileira: a ocupação holandesa no nordeste brasileiro por mais de duas décadas (1630-1654); a chegada de casais açorianos (1754) para a

⁵ Para aprofundar informações sobre os Tupinambá: Florestan Fernandes, *A Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB, 1989.

ocupação de terras ao sul anteriormente ocupadas por jesuítas espanhóis e definidas em acordo com a Espanha, como pertencentes a Portugal; a vinda de imigrantes italianos (século XIX) para o trabalho na cultura de café; a criação de núcleos coloniais de imigrantes alemães, poloneses e tchecos em Santa Catarina (1828) para efetivação de povoamento do sul do Brasil; os japoneses que se dirigiram para São Paulo a partir de 1908 para a lavoura cafeeira em expansão e diversas outras etnias para cá vieram em busca de trabalho na crescente indústria paulista e na expansão da linha férrea pelo país⁶.

Os grupos étnicos aqui presentes desenvolveram suas descendências em adaptação e interação, num constante redesenhar de suas características.

A realização de eventos escolares como Festa do Folclore ou Feira das Nações ou da Cultura é comum nas escolas brasileiras como situações de aprendizagem sobre a história cultural brasileira. De acordo com a orientação da instituição de ensino, estes eventos podem levar a crer, para os alunos, que a formação cultural brasileira se deu num determinado momento histórico (1500-1950), de forma pacífica e que chegou a um termo. Porém, se admitirmos que as relações sociais entre os grupos estejam em constante troca, também se pode afirmar que a cultura brasileira não se formou a partir de ecletismo ou miscigenação com início, meio e fim e de forma pacífica. Esta seria uma visão positivista que desconsideraria que a todo instante as heranças culturais de todos os povos aqui presentes se refazem a cada geração.

Os massacres às populações indígenas e a inserção forçada do homem africano já demonstram a relação conflituosa entre povos de que nosso país é fruto. A perspectiva de constante transformação da cultura, defendida neste texto, considera que os povos imigrantes e seus descendentes viveram e vivem em constante interação, num processo de contínuo convívio de diversidade cultural, de transformação, ora conflituoso, ora harmônico.

⁶ Revista *Trabalhadores: Imigrantes*. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas. Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1989.

3.2 Imigrantes portugueses e açorianos no Brasil...

O deslocamento de contingentes imigrantes portugueses remonta à fase colonial da história brasileira. Durante a fase pré-colonial (1500-1530), quando Portugal mantinha ações de caráter econômico extrativista, os portugueses que se dirigiam ao Brasil o faziam dentro dessas ações exploratórias em que a extração de pau-brasil predominava.

A partir de 1530, os investimentos em produção de açúcar definiram o perfil da ocupação do território: divisão das terras em lotes em que a plantação de cana-de-açúcar se deu em larga escala. A imigração portuguesa estava voltada para a implantação desse projeto econômico.

À medida que a economia brasileira se desenvolvia com a ocupação das áreas internas com a criação de gado, que já não se dava mais no âmbito das fazendas de açúcar, a penetração de portugueses e seus descendentes pelo interior (região sudeste e central do Brasil) passam a aliar a pecuária à extração de pedras preciosas. A atividade extrativa nos séculos XVI e XVII atraiu novas ondas de imigração portuguesa para o Brasil. A possibilidade de ascensão social com base na extração de riquezas em curto período de tempo, se tomado como referência o tempo agrícola, estimulava a chegada de grupos que aspiravam melhores condições de vida.

A vinda de colonos ilhéus (de Açores) para o Brasil acontece de forma organizada pela primeira vez em direção ao Maranhão, desde 1617⁷, durante o período em que Portugal fora submetido à Coroa Espanhola, a União Ibérica (1580-1640). Logo após a rendição francesa (1615), o governo espanhol tomou essa medida a fim de garantir a posse do território e evitar incursões francesas pelo Rio Amazonas até os territórios já ocupados anteriormente, em cujas terras se encontravam minérios.

Paralelamente à ocupação econômica do território, a disputa pelas áreas de fronteira era acirrada no sul da América do Sul. A definição das posses da Colônia de Sacramento para a Coroa Espanhola e de Sete Povos das Missões para a Coroa Portuguesa embora formalizada pelo Tratado de Madri de 1750 não assegurou o

⁷ MARTINS, 2002, p. 18.

respeito mútuo pela fronteira. Invasões de ambos os lados aconteciam em função do aproveitamento de áreas de pastagens para a criação de gado.

Em vista da crise econômica que assolava o Arquipélago dos Açores, Portugal efetivou a imigração subvencionada de açorianos provenientes das ilhas de São Miguel, Graciosa e São Jorge, a fim de amenizar os problemas sociais de desemprego e precariedade em que se encontravam essas populações. A Provisão Régia de 1747⁸ apresenta as instruções para o projeto de colonização: anuncia a possibilidade de transporte de até quatro mil casais, que receberiam ajuda de custo conforme a prática de atividade econômica realizada em local de origem (artífices, camponeses) para estabelecimento em terras em Santa Catarina. A ação convergiu com a necessidade de povoamento das áreas de fronteira no sul do Brasil e do estabelecimento de atividade produtiva rural⁹.

A partir de 1850, se dá em Portugal a introdução do capitalismo no campo com processo de mecanização da produção agrícola comercial. A abolição dos vínculos feudais sobre as terras (1863) e o uso livre dos pastos regulado pelo Código Civil de 1867 “facilitavam a exploração rural capitalista e provocaram um declínio do padrão de vida dos pequenos proprietários rurais e da mão-de-obra do campo” (LOBO, 2001, p.15) nas regiões do Alentejo e do Ribatejo, prejudicando a economia desses grupos.

O setor primário exportador sofreu crescimento (vinho, cortiça, madeira) refletindo em investimento em obras públicas (estradas e ferrovias) levando a uma melhoria do mercado interno. Porém o que se observa pelas estatísticas de emigração é um aumento brusco em menos de uma década. De 1886 a 1871 a média anual de imigrantes era inferior a dez mil pessoas, subindo para dezessete mil de 1881 a 1887 e configurando mais de vinte mil em 1888, refletindo a crise da pequena produção rural em Portugal. São os camponeses das aldeias do norte, semi-proletarizados do Porto, Viseu e Bragança que se deslocam para o Brasil nesse momento em busca da ascensão social aventada pela industrialização.

A transição do regime imperial para república no Brasil também atingiu a população portuguesa aqui estabelecida em função da identificação dessa nacionalidade com a sujeição política e econômica histórica do Brasil em relação a Portugal. Conflitos decorrentes da idéia de ascensão social dos portugueses à custa

⁸ FORTES, 1999, p.32.

⁹ TREVISAN, 2002, p. 130.

da exploração dos brasileiros extrapolavam para outros aspectos da vida social e política, como a publicação de piadas insultuosas, a reclamação sobre preços cobrados por comerciantes portugueses, a vinculação do português à idéia de escravidão, etc.

A imigração portuguesa do início do século XX não era subsidiada e as condições de viagens eram ruins, o que não impedia que homens adultos, com idéia de enriquecimento rápido e retorno breve a Portugal, se dispusessem à imigração. A expansão da indústria têxtil e a decadência da economia cafeeira no Vale do Paraíba direcionam a imigração portuguesa para o São Paulo e Rio de Janeiro.

Segue-se um declínio da imigração portuguesa ao Brasil retomada a partir de 1950, em função da crise de exportações por ocasião da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pelas pressões pela democratização interna e externa no que se referia à libertação das colônias¹⁰. Em suma, as ondas imigratórias de portugueses a partir de meados do século XIX realizaram-se muito mais em consequência de aspectos críticos da economia e da política portuguesas do que pelos atrativos de ascensão social presentes no Brasil, reflexo da polarização política consolidada pela Guerra Fria.

3.3 ...no Rio Grande do Sul e...

As primeiras incursões de portugueses e seus descendentes às terras do sul do Brasil já surgiram no final do século XVI, com a chegada de paulistas bandeirantes interessados em escravização indígena. Após 1637, com a dizimação da população litorânea, os bandeirantes passam a adentrar o território rumo às missões jesuíticas em busca de apresamento.

Nos Campos de Viamão (nordeste do atual estado do Rio Grande do Sul), paulistas e lagunistas ocuparam campos com a criação de animais por volta de 1700. Mas a região fora povoada também por indivíduos de origem hispânica ou

¹⁰ “Em 1961, a Índia invadiu Goa, Damão e Diu, e essas possessões portuguesas não foram protegidas pelos organismos internacionais. A ONU queria que Portugal se alinhasse com o movimento de descolonização. Ainda em 1961 eclodiram movimentos de guerrilha na África Portuguesa, primeiro em Luanda, seguidos pelos de Angola, Guiné e Moçambique. Várias interferências internacionais complicaram a guerra, mas Portugal optou por prosseguir-la, envolvendo enormes contingentes militares.” LOBO, 2001, p. 214.

hispano-americana. As reservas de gado (criações) mantidas por povoadores europeus abasteciam as regiões mineradoras (Minas Gerais), o que levou à abertura de caminhos percorridos pelos tropeiros possibilitando a integração dos Campos de Viamão à região Sudeste colonial, gerando trânsito entre essas áreas.

A efetiva colonização do Sul do Brasil por Portugal se baseou em duas preocupações que garantiriam a posse do território e da economia já desenvolvida localmente. Além de apoiar a Colônia de Sacramento também manteria o fluxo de gado originário dos territórios ocupados por espanhóis: "... Portugal utilizou uma forma híbrida de colonização em Rio Grande: ao mesmo tempo que era uma fortaleza militar, era também uma colônia de povoamento." (KÜHN, 2004).¹¹ A concessão de sesmarias foi iniciada na região de Campos de Viamão em 1732 e intensificada a partir de 1750, a fim de garantir a ocupação de terras portuguesas após a assinatura do Tratado de Madri.

Os primeiros casais açorianos chegaram à Capitania de Rio Grande de São Pedro ao final de 1752 trazidos de Santa Catarina. Até 1754, entraram por volta de 589 casais.

Após a definição da fronteira estabelecida pelo Tratado de Madri, os açorianos destinados a ocuparem terras na região das Missões, aguardavam a retirada dos indígenas do local, permanecendo arranchados em Porto de Dorneles (Porto Alegre), Viamão, Rio Grande e Rio Pardo. Estes casais mantinham a prática de agricultura cultivando trigo, tabaco, arroz, cevada, milho, alpiste, legumes, melancia, mandioca.

FLORES afirma que a influência cultural açorita tem sido exageradamente valorizada pelos historiadores¹². Alega que os fluxos foram pequenos e curtos, de "casais pobres e sem maiores instruções, perdendo suas raízes ao longo dos 20 anos que viveram sem terras à espera da migração para as Missões" (FLORES, 2006, p. 52).

Quanto à intensidade da influência cultural estar relacionada à duração do fluxo, consideramos que desde o momento em que o migrante se desloca se estabelecendo e interagindo em outro espaço cultural, passa a assimilar elementos locais assim como fornece também suas características culturais para aquelas pessoas com quem convive a partir de então.

¹¹ KÜHN, 2004, p.55.

¹² FLORES, 2006, p. 51.

Embora os casais açorianos tenham sido pouco numerosos, de escassos recursos financeiros ou de baixo nível de escolaridade, isso não minimiza a influência de um grupo estrangeiro sobre uma comunidade local. Se não fossem essas as condições do grupo provavelmente não necessitariam ter emigrado. O próprio autor afirma que a crise econômica no Arquipélago dos Açores teve como fator a superpopulação decorrente do sistema de morgadio. Este sistema de organização patrimonial familiar reza que as terras de uma família são herdadas pelo primogênito. Aos outros filhos resta arrendar-lhe terras, pescar, servir ao exército ou à Igreja, e ainda, emigrar.

De forma alguma se pretende supervalorizar, por outro lado, a influência cultural dos açorianos, senão incorreríamos no mesmo extremo. Trata-se de relativizar os aspectos já que, embora não tenha sido grande o fluxo, como demonstram os números acima apresentados por FLORES, o povoamento açoriano foi organizado pelo Estado, com terras regularmente destinadas e com subsídios materiais e financeiros, o que atribui certa segurança na fixação desse grupo à área. Isto caracteriza a permanência do grupo, que mesmo pequeno, povoou o local e contribuiu com suas características de origem.

Ainda sobre o aspecto cultural, FLORES afirma que “Cristãos-novos migraram junto com os casais açorianos” (FLORES, 2006, p.52), mesclando-se à população, adotando o catolicismo e alguns alterando seus sobrenomes. Isto explica a existência de determinados hábitos relacionados à alimentação ou a rituais fúnebres. Com o passar das gerações esses hábitos foram considerados como folclore açoriano, embora tenham origem judaica. Caberia uma pesquisa destinada a esclarecer se os cristãos-novos foram ou não colonizadores das Ilhas dos Açores, e por isso, seus descendentes tenham vindo para o sul do Brasil.

Destinados originalmente à ocupação da região das Missões, os açorianos difundiram-se pelo Estado do Rio Grande do Sul. No estudo sobre a divulgação de famílias açorianas em cidades não reconhecidas como de ocupação originária açoriana, SILVEIRA (2002)¹³ apresenta troncos familiares dessas cidades no intuito de caracterizar a marca dessa etnia nesses locais.

Enquanto aguardavam as terras das Missões, foram deslocados para Viamão, Porto Alegre, Santo Amaro e Rio Pardo. Com a anulação do Tratado de Madri, os

¹³ SILVEIRA, 2002, p. 228-248.

casais açorianos ficaram abandonados em três regiões: Campos de Viamão, margens do baixo Taquari e vila do Rio Grande. Essas regiões sofreram acréscimo populacional considerável. Na freguesia de Viamão, a quantidade de registros de nascimento dobra de 1752 para o ano seguinte¹⁴. O núcleo urbano de Porto Alegre se desenvolve a partir de açorianos que são instalados provisoriamente às margens do Rio Guaíba.

Algumas freguesias são tidas como de povoamento açoriano, ao menos parcialmente. São elas: Santo Antônio (1763) que recebeu ilhéus em 1771; Conceição do Arroio (1773), atual Osório, e Mostardas, próximas ao litoral, e Santo Amaro, fundada em 1773, embora povoada desde 1750, pertencendo à paróquia do Triunfo. Taquari, fundada em 1765 era a mais tipicamente açoriana, visto que os colonos foram colocados na fronteira mais vulnerável ao avanço espanhol: estratégica e militarmente a freguesia foi colocada como um escudo.

3.4 ... em Santa Maria e seu povoamento.

Esta apresentação do perfil de Santa Maria se inicia com seu povoamento açoriano e abrange outras imigrações. Além disso, fornece informações sobre seu povoamento e o início das atividades educacionais no município. Desta forma pretende-se mostrar os elementos que compõem o caráter atrativo do município que teve origem na sua fundação e permanece até os dias atuais.

A formação do município de Santa Maria está vinculada à definição das fronteiras brasileiras ao sul do Brasil.

A demarcação dos limites territoriais entre as Américas Espanhola e Portuguesa teve início em 1784. Encarregada de marcar a linha divisória, uma Comissão Mista passou por Santa Maria em 1787 iniciando os estudos topográficos¹⁵. Em 1797, a 2ª Subdivisão da Comissão se estabelece em acampamento na colina que passa a ser o núcleo povoador local. Com a construção de moradias, depósito de materiais, quartel e capela. Essa comissão se retira da cidade em outubro de 1801 em cumprimento de uma ordem governamental.

¹⁴ KÜHN, 2004, p. 59.

¹⁵ BELÉM, 2002, p. 31.

BELÉM aponta para a chegada de casais descendentes de açorianos de primeira geração nascida no Brasil e açorianos natos ao local, em fins do século XVIII¹⁶. Eram provenientes de São Paulo, de Rio Pardo, Cachoeira, Taquari, Triunfo e Viamão, conforme consta nos registros nos Livros de Assentamentos de Batismos por ele consultados.

Em referência à origem açoriana dos primeiros povoadores de Santa Maria, BELÉM faz diversas menções.

Manuel dos Santos Pedroso, neto de açoriano e filho de curitibanos era criador de gado na cidade. Apesar de não ser militar, liderou a expulsão de colonos espanhóis de São Martinho e Missões. Recebeu de Portugal pelos serviços acima ditos a Estância de São Pedro, atual município de São Pedro.

Nascido na Freguesia de Santo Antonio da Patrulha, em 1766, Antonio da Costa Pavão tinha o pai nascido em Ilha de São Miguel (Açores) e mãe filha de açorianos. Embora tivesse recebido uma sesmaria onde hoje se situa a cidade de São Gabriel, retorna definitivamente a Santa Maria¹⁷.

Bento Gonçalves Chaves, por ter sido casado com Maria Cabral, deixou descendentes açorianos no município. Também era fazendeiro e escravista¹⁸.

As referências do autor são sobre famílias de posição privilegiada, de acesso à terra e de proximidade com o poder político. Não há referência em seu estudo sobre os casais açorianos de baixa condição social que tivessem vindo para Santa Maria.

O estudo que Luis Augusto Ebling Farinatti (1999) desenvolveu como pesquisa de mestrado dedicado aos lavradores nacionais em Santa Maria no período de 1845 a 1880 nos aponta mais informações sobre a formação do perfil da cidade, embora não mencione vínculo com a ascendência açoriana.

Homens livres e pobres trabalhavam como peões para os criadores de gado ao lado dos escravos e os lavradores nacionais. Estes, por sua vez, se instalaram em áreas campestres comprando terras a baixos preços ou através da simples posse e utilizavam-nas para a cultura de alimentos. Os criadores de gado também

¹⁶ *Op. Cit.*, p. 33.

¹⁷ BELÉM, 2002, p. 62.

¹⁸ BELÉM, 2002, p. 64.

ocuparam terras na cidade. Grandes estancieiros, médios e pequenos criadores habitavam as áreas de campo.¹⁹

Atualmente o município de Santa Maria constitui a 2ª maior guarnição militar do Brasil e é considerada cidade universitária, em função da presença de diversas universidades e instituições acadêmicas. Grande quantidade de militares e suas famílias, cidadãos universitários, microempresários em busca de trabalho, vêm todos os anos para habitar a cidade durante algum período, o suficiente para cumprir prazos de serviço militar ou conclusão de cursos de graduação e pós-graduação.

O caráter temporário dessa estada traça em Santa Maria, um perfil de cidade com alta rotatividade de população. As populações fixas que vivem também em função de serviços que alimentam esse caráter rotativo, adaptam-se ano a ano a novos convívios.

Essa característica remonta ao século XIX quando a cidade tornou-se passagem de viajantes e carreteiros que cruzavam do litoral para o norte, da capital para a região missioneira e devido à proximidade a centros comerciais como Rio Pardo e Porto Alegre. Contava então com 5.110 pessoas entre homens livres, libertos e escravos.²⁰ Constituíam-se como um mercado regional de gêneros alimentícios, com condições de vida precárias e más condições de estradas e vias de comunicação.

Em meados do século XIX, a instalação do Núcleo Colonial de Silveira Martins e o início da montagem da linha férrea entre 1880 e 1885, passam a ser fatores de atração populacional e crescimento demográfico. Em 1872, Santa Maria contava com 8.228 pessoas, saltando para 13.000 em 1885, e em 1890 já alcançava 25.207 moradores. Como afirma CARVALHO:

Assim, a ferrovia conferiu a cidade uma certa singularidade, fazendo com que passasse a viver num constante *frenesi* de pessoas que iam e vinham, de mercadorias que chegavam e partiam, de vidas que se modificavam, de culturas que se mesclavam, se reelaboravam, em uma intensa circularidade sócio-cultural entre campo e cidade (CARVALHO, 2005, p.62)

Santa Maria se expandiu à medida do crescimento dos bairros e distritos, ocupando principalmente as áreas em torno das linhas férreas e ocupação dos morros e encostas.

¹⁹ FARINATTI, 1999, p. 25-53.

²⁰ CARVALHO, 2005, p.40.

Ainda sobre o povoamento da cidade, a presença germânica no município é referida por BELÉM (2000) e por KÜHN (2004) em 1828, quando da imigração incentivada pelo Império Brasileiro a fim de promover o cultivo das terras e suprir a necessidade de soldados para os combates na região do Prata (Guerra da Cisplatina). Em Santa Maria, militares alemães pertencentes ao 28º Batalhão de Alemães, não retornam à Europa, passando a exercer a exploração de pedreiras e a carpintaria. Diversos imigrantes prussianos e alemães se estabeleceram na cidade no decorrer da primeira metade do século XIX desenvolvendo atividades urbanas como comércio e serviços.²¹

A posterior chegada dos imigrantes italianos (1870) foi motivada pela necessidade de ocupação de terras devolutas nas encostas das serras. Tanto alemães como italianos se deslocaram para o Brasil em decorrência das crises econômicas sofridas pelos seus estados de origem por ocasião das unificações Alemã e Italiana ocorridas na década de 1870. Em Silveira Martins se instalaram famílias italianas que posteriormente se deslocaram para Santa Maria para dedicar-se ao comércio e aos serviços.

Para terminar de compor o quadro do povoamento da cidade há que se mencionar a imigração judaica. Embora já houvesse imigrantes judeus no século XIX, foi no início do século XX (1904) que ela se processou de forma organizada institucionalmente. A Jewish Colonization Association comprou lotes para assentamento de 55 famílias em Santa Maria, dando origem a Colônia Philippon, fundada em 1903. De origem rural e urbana esses imigrantes advinham de perseguições políticas e religiosas no Império Russo.²²

Tendo sido promovida a categoria de vila em 1857 e a município em 17 de maio de 1858, Santa Maria se desenvolveu com base na expansão da via férrea, cujo trecho Santa Maria-Porto Alegre foi inaugurado oficialmente em 1885. Isto estimulou o aumento do número de estabelecimentos de comércio e serviços pelos mais diversos grupos aqui sediados.

Na passagem do século XIX para o XX, a cidade já possuía bairros estruturados com hotéis, pensões e pousadas, caracterizando local de parada de viajantes. O ambiente rural voltado para a produção agrícola se mescla com o núcleo urbano.

²¹ BELÉM, 2000, p.110-115.

²² KÜHN, 2004, p.100.

Assim como outras cidades brasileiras, Santa Maria passou a possuir uma composição social multiétnica decorrente da presença de colonização européia e do intenso tráfego de viajantes e comerciantes que cruzavam o local.

Atualmente a cidade conta com um grande atrativo de jovens interessados em realizar cursos de formação em diversas áreas. Instituições de ensino superior e de cursos técnicos estão presentes e movimentam jovens estudantes de todo o estado e de estados vizinhos em busca de formação acadêmica e especialização profissional.

A instrução pública no município teve início em 1838 com a abertura da primeira sala de aula, ainda no período imperial. Durante o início do regime republicano, o Colégio Distrital (1901) regularizou a instrução primária e secundária, em 1906, foi inaugurada a primeira Escola Complementar de Santa Maria e, em 1929, a segunda, mantidas pelo governo do estado. Em 1920, o município contava com 40 escolas rurais e em 1929 foi criada a Escola de Aperfeiçoamento dos Professores Municipais com a intenção de elevar a qualidade do corpo docente já em exercício então.

O ensino particular na cidade inicia em 1898 com a abertura do Colégio Santa Maria que ministrava cursos primário, secundário e comercial, seguido pelo Colégio Sant'Ana no mesmo ano e pelo Ginásio Ítalo-Brasileiro em 1907. Seguem-se o Colégio Alemão, Colégio Centenário, a Escola de Artes e Ofícios da Companhia de empregados da Viação Férrea. A Escola de Farmácia e Odontologia fundada em 1931 inaugurou o ensino superior no Estado, passando a funcionar efetivamente no ano seguinte. Santa Maria contava nesse ano com 132 estabelecimentos de ensino contabilizando 10.093 alunos.²³

A Universidade Federal de Santa Maria, inaugurada em dezembro de 1960 mantém oito centros de ensino na cidade, além de manter o Centro de Educação Superior Norte – RS (CERSNORs) com campi em Frederico Westphalen e Palmeira das Missões e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) com campi em diversas cidades dessa região (São Borja, Uruguaiana, Alegrete, Bagé e outras). Outras universidades como a Luterana (ULBRA), a Franciscana (UNIFRA) e faculdades particulares compõem a oferta de ensino superior que atrai estudantes que, ao chegar na cidade, movimentam o mercado imobiliário, as redes de alimentação e papelarias locais.

²³ BELÉM, 2000, p. 209-232.

Nesta exposição parcial do histórico do município pretendeu-se mostrar o desenvolvimento do cenário que abriga os colaboradores desta pesquisa e de partes de sua família. Faial enquanto morador de pequena propriedade rural no interior do estado que se desloca para Santa Maria em busca de oportunidades de estudo e emprego, Lusa que constrói seu espaço de trabalho, saindo de Santiago ansiando por público para sua especialidade, e Corvo, descendentes de italianos da Colônia de Silveira Martins e de açorianos que imigram ao Brasil para exercício de cargos públicos neste local.

CAPÍTULO 4

DIALOGANDO COM AS MEMÓRIAS

Esta reflexão analisa a relação existente entre a formação dos valores da criança no seu ambiente de convívio – que pode ser familiar (quando há algum grau de parentesco) ou não (abrigos de crianças, orfanatos, igreja, vizinhança) – e suas atitudes frente ao relacionamento com o grupo maior, com a coletividade. Assim, o objeto de investigação escolhido é o processo pelo qual se dá a transmissão de valores culturais entre as gerações dentro do ambiente familiar, formado por graus de parentesco diversos. Pretende ainda, analisar a relação entre esta educação extra-escolar, familiar, e o trato com as diferenças, especificamente as diferenças étnicas. Até que ponto a forma como a criança é apresentada a contextos de convívio entre culturas diferentes, interfere no seu comportamento a ponto de acarretar situações conflituosas dentro ou fora da escola?

Os aspectos compreendidos nas entrevistas são referentes à relação entre o colaborador e a sua cultura familiar (étnica); e a relação entre essa cultura e outras que fazem ou fizeram parte de seu convívio. O objetivo da realização das entrevistas é perceber de que forma as gerações transmitiram aos seus descendentes as noções de respeito à sua própria cultura e à cultura diferente, a de outrem. O roteiro de perguntas obedeceu a uma ordem que, em princípio, procurava averiguar o reconhecimento do colaborador a respeito de sua origem, relacionando suas experiências de criança e de idade adulta no seio familiar, inseridas numa cultura de origem açoriana ou portuguesa. Em segunda instância, o roteiro procurou investigar como a questão do convívio interétnico aparecia na educação familiar de cada colaborador. As perguntas que guiaram o roteiro foram elaboradas com o intuito de colher dados para interpretação desta abordagem.

A seguinte análise está apresentada em três blocos assim distribuídos. O primeiro trata do auto-reconhecimento étnico. As perguntas estiveram voltadas para as informações que os colaboradores possuíam sobre suas etnias ascendentes, sobre o momento em que tomaram conhecimento dela e sobre suas opiniões a respeito das características étnicas da família (Quem sou eu? O reconhecimento da origem).

O segundo bloco refere-se ao relacionamento dos colaboradores com outros grupos étnicos diferentes dos seus. As perguntas colocadas no roteiro procuraram remeter às lembranças do convívio em família, no bairro de moradia e na escola, buscando referências de situação de ser discriminado ou de discriminar os outros (Quem são os outros? A percepção da diferença).

Por último, o terceiro bloco concentra a análise dos depoimentos no que se refere aos mecanismos de transmissão de elementos culturais no seio da família. As perguntas constantes no roteiro giraram em torno da temática das manifestações culturais na infância e adolescência, enfatizando a valorização de atitudes ou rituais na convivência: alimentação, religião, reuniões da família ou trabalho, dentro ou fora do ambiente doméstico (Como aprendi isto? A família e a transmissão da cultura).

É preciso ressaltar que ao lidar com memórias²⁴ se assume o risco, próprio ao trabalho com fontes tão subjetivas, de aceitar informações surgidas de lembranças pessoais e tecer interpretações a partir delas. Essas lembranças são marcadas por sentimentos e processos cerebrais que as selecionam, reorganizam, ressignificam. Ao serem manifestadas as lembranças revelam uma história totalmente sujeita ao subjetivismo de quem narra, de acordo com as provocações a que é submetido. As análises deste trabalho consideram as informações fornecidas pelos colaboradores sem pretensões generalizantes.

²⁴ O conceito de memória assumido neste trabalho refere-se a “lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais.”. MEIHY, 2005, p.63.

4.1 Quem sou eu? O reconhecimento da origem.

As formas como os colaboradores tomaram conhecimento de suas origens étnicas foram diversas. Os colaboradores Corvo e Faial somente souberam que suas origens são açorianas já em idade adulta. Ao contrário, Lusa já sabia desde a infância a respeito da origem portuguesa de seu avô imigrante.

A convivência de Corvo com o lado açoriano da família – por parte de mãe – foi muito menos intensa do que com o lado italiano – por parte de pai, mais numerosa e presente. Por isso as lembranças do convívio com o lado materno são em menor grau e talvez até difusas com as lembranças do convívio com o lado paterno. A pesquisa genealógica desenvolvida por ele possibilitou o acesso a algumas informações da família e é o que lhe proporcionou interesse em tornar-se colaborador neste trabalho. Pode-se inferir que, neste caso, o colaborador não se identifica tanto como descendente da etnia açoriana em nível cultural, quanto no que se refere aos laços sanguíneos, visto ter feito uma pesquisa em fontes primárias e secundárias que o levaram a essa constatação.

Interessado pelos aspectos culturais e genealógicos familiares motivados pelo nascimento de sua filha, Corvo chegou ao conhecimento de que sua ascendência materna era originária de quatro ilhas açorianas e também de Portugal. Não havia na sua família a prática de relembrar a ancestralidade, por isso, apesar de saber que seus antepassados eram portugueses, não tinha conhecimento de que também eram oriundos do Arquipélago dos Açores.

Eu tenho antepassados que vieram de quatro ilhas e alguns do continente. Todos eles vieram mais ou menos pela metade do século XVIII, um pouquinho depois. Já tem registros de crianças nascidas no Brasil. O que trouxe esse pessoal realmente eu não sei. A tradição oral da família se apagou. A única coisa que eu sei por tradição oral, quando criança, conversando com meus avós, e até bisavós, que eu convivi, é que eram portugueses. Só isso. Eu nem sabia que eram, a maioria, portugueses das ilhas. Descobri isso muito depois. Eu tinha uma curiosidade latente, há muito tempo, mas nunca tinha tomado a iniciativa de ir a fundo na pesquisa. E quando nasceu a minha filha em 1994 eu disse assim pra mim mesmo: eu vou pesquisar. Vou pesquisar porque agora eu tenho uma descendência; eu preciso deixar isso pra alguém que vai dar seqüência pra mim. E gradualmente fui pesquisando em acervos mais fáceis, outros um pouco mais difíceis, fui juntando as coisas.²⁵

²⁵ Corvo, entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte1, p.1.

Nunca se cultuou muito na família a ancestralidade. Eu acho que eu já sou considerado uma referência entre os contemporâneos sobre conhecimento do que veio antes. Porque ninguém, nem pelo lado do meu pai nem da minha mãe há uma pessoa viva hoje, com interesse sobre ancestralidade tanto quanto eu. Assim, entre os familiares mais próximos eu posso te assegurar que não. E entre os antigos, alguns pesquisaram alguma coisa, mas muito pouco, eu creio. Tanto que as informações que eu obtive eram desconhecidas da família, até dos mais antigos, dos meus bisavós, por exemplo.²⁶

Por um caminho menos intencional, Faial conheceu suas origens étnicas após o seu ingresso na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (SUD). Ao envolver-se com o trabalho de História da Família ali desenvolvido, realizou a pesquisa genealógica alcançando o tronco açoriano, por parte de mãe:

Esse interesse pela história da família começou em 1981. Eu estava entrando para a igreja. Foi o primeiro treinamento que eu recebi. A genealogia pra nós é um mandamento. Mas como todo o mandamento é uma coisa de foro íntimo, tu aceita ou não aceita. Então, eu sou aquele cidadão que, aonde quer que eu esteja, seja a causa que eu abrace, funcional ou não, eu me dedico integralmente.²⁷

Após encontrar sua parcela de cultura açoriana, Faial passou a estudar a história dos imigrantes açorianos, especialmente os de sua família. Nos diálogos sobre sua vida na infância, quando morava em área rural, Faial refere-se a costumes açorianos presentes em sua criação que só foi possível reconhecer após seus estudos. Revela que só veio saber, muito tempo depois, que a técnica de construção de casas rurais com leivas – blocos de terra sobrepostos – era de origem açoriana. Busca sempre fazer referências dessa natureza quando comenta os hábitos e o convívio na família.

Lusa, diferentemente, teve um contato bastante próximo com o avô, pois quando criança ouvia histórias que ele mesmo contava sobre sua vida em Portugal: “Lá em Portugal! Ele tinha muitas casas, casarão, tinha mercado. Eu acho que era tipo uma colônia, porque eles faziam rapadura, faziam melado, matavam porcos, faziam salame. Então isso tudo ele contava.”²⁸

²⁶ Idem.

²⁷ Faial. Entrevista concedida em 24 de março de 2007. Parte 3, p.1.

²⁸ Lusa. Entrevista concedida em 05 de março de 2007. Parte1, p.2.

E sobre a viagem que realizou de navio para o Brasil: “Olha, da viagem, só o que eu lembro de ele falar é que vomitavam muito, que era muito ruim, que morriam as pessoas no caminho, que atiravam no mar... Eles levaram 30 dias de viagem.”²⁹

Lusa considera, em suas lembranças, que hábitos relacionados à criação de animais à agricultura e à produção de alimentos são relacionados aos portugueses. Após descobrir a origem e a história secreta do avô (conforme descrito na p. 35 desta dissertação), passou a ler algumas coisas sobre Portugal, o que permitiu que fizesse essas identificações.

Levando em consideração o contexto histórico das famílias dos colaboradores, percebe-se que quanto mais distante se encontra a origem da família da pessoa entrevistada, mas difícil é que saiba ou se recorde de elementos que possibilitem a identificação de elementos culturais originários. O convívio de Lusa com seu avô marcou suas lembranças na infância como está evidenciado em seu depoimento.

Por isso, o reconhecimento de elementos portugueses apareceu muito mais nitidamente nas memórias de Lusa do que de Faial ou Corvo que não tiveram convívio direto com seus antepassados imigrantes.

De acordo com as declarações dos colaboradores, pode-se afirmar que a identificação de si próprios e suas vivências no seio da família se relacionam com o momento em que esse conhecimento se deu. Corvo julga não saber identificar os elementos açorianos da sua cultura familiar porque não conviveu com os antepassados açorianos. Faial também não conviveu com antepassados imigrantes, porém reconhece esses elementos porque se lembra do que viveu e os identificou nos estudos que realizou sobre cultura açoriana. Lusa, por sua vez, sabe que os costumes da família eram portugueses. Apesar de ver esses elementos muito modificados atualmente, em sua percepção, a origem da cultura brasileira está no que foi trazido de Portugal pelos imigrantes ao longo dos séculos.

A partir do reconhecimento da etnia de origem coube investigar sobre a valorização dessa origem. Até que ponto os colaboradores atribuem importância aos elementos culturais presentes na família, que uso fazem dele, e como se relacionam com elementos culturais de outras origens étnicas. Em outras palavras buscamos

²⁹ Lusa. Entrevista concedida em 05 de março de 2007. Parte1, p.2.

observar e compreender quais os níveis de importância que atribuem à sua etnia e às outras com que se relacionam.

A dificuldade de distinguir os traços da cultura original por parte de Corvo é justificada por ele mesmo pela falta de convívio com os antepassados. Isto, de acordo com seu ponto de vista, o impede de estabelecer comparações ou relações a ponto de resultar em supervalorização ou inferiorização da cultura açoriana frente a outras quaisquer. De certa forma a posição do depoente é de neutralidade, pois não se sente seguro para fazer definições, distinções. Questionado sobre possíveis reminiscências da cultura açoriana presentes na cultura gaúcha, responde:

Eu acho que tem lugares do Rio Grande do Sul que conservam os costumes ainda fortes. Porém eu, na minha ignorância, não saberia identificar que sejam de origem açoriana! São costumes bonitos. São costumes de culinária, de casario, essas coisas, mas eu não posso te afirmar que sejam açorianos ou de outra origem. Mas eu estive em Tavares [município localizado na restinga, entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos] recentemente e, conversando com as pessoas, a gente nota que, pelo isolamento do lugar ainda existe muita coisa que parece ser açoriana, porque ali foi povoado por açorianos.³⁰

De posição oposta Faial afirma com absoluta certeza a identificação entre as duas culturas.

A cultura gaúcha, ela é toda açoriana. Ela é toda açoriana pelo seguinte: porque, quem colonizou o Rio Grande do Sul e trouxe hábitos culturais foi o açoriano. Primeira mão foi o açoriano. Então ele trouxe o trabalho no campo, ele trouxe o baile no terreiro, ele trouxe a gaita! Ele trouxe o contar histórias, o trabalho. Todos eles eram trabalhadores.³¹

A conclusão de Lusa a respeito desse tema é semelhante à de Faial. Considera que a cultura gaúcha é toda portuguesa, já que a colonização foi feita por portugueses e de lá trouxeram seus costumes.

Olha, eu acho que ela já tá ultrapassada demais. Já não tem mais definição, já são iguais. Até onde eu conheço! Porque a nossa cultura brasileira foi vinda de lá. Então ela é... É muito pouca a diferença. A cultura que nós herdamos, que nós temos, é de lá. Então por isso que é muito pouca a diferença uma da outra.³²

³⁰ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 3, p.2.

³¹ Faial. Entrevista concedida em 21 de abril de 2007. Parte 4, p.1.

³² Lusa. Entrevista realizada em 04 de outubro de 2007. Parte 1, p.1.

A valorização dos elementos culturais de origem aparece nas falas dos três colaboradores, embora em diferentes intensidades e compreensões. Enquanto Corvo reconhece a existência, porém sem saber apontar detalhes, Faial e Lusa concordam que há forte presença. Lusa compreende que depois de tanto tempo, as culturas já são uma só no Rio Grande do Sul, e Faial aponta que o que existe hoje é açoriano ainda, pela presença, dos elementos culturais dos Açores no Rio Grande do Sul atualmente. Em medidas diferentes, todos reconhecem a presença de cultura imigrante na história de suas famílias, embora não de total esclarecimento quanto às práticas cotidianas: alimentação, religiosidade ou vestuário, por exemplo.

4.2 Quem são os outros? A percepção da diferença.

A partir do reconhecimento das próprias origens e da relação com a cultura atual, a análise segue para os elementos presentes nas falas, que apontem para a percepção de outras etnias e da relação com elas. As perguntas nesta etapa se voltaram para as lembranças sobre o convívio familiar: experiências dos ascendentes e dos próprios depoentes no que se refere a terem sofrido ou cometido algum tipo de discriminação e às experiências relativas ao convívio com outras etnias na escola, na região de moradia, no ambiente religioso ou no trabalho. O ponto central desta etapa é a busca de elementos referentes à prática ou não de discriminação da família em relação a pessoas de outras origens, assim como de investigar se a família adotava alguma orientação de como lidar com situações conflituosas.

A constatação de que havia algum preconceito étnico ocorreu por parte de Corvo que se recorda do receio que a avó guardava dos correntinos (argentinos de Corrientes, região fronteira com Rio Grande do Sul).

Eu lembro da minha avó falar que o pessoal da família, os mais antigos tinham medo dos correntinos. Alguma rivalidade de fronteira, alguma coisa no período em que os dois lados se ameaçavam. Mas a minha avó, ela guardava esse resquício, sim. Ela os via com desconfiança. Preconceito racial, algum. Mas não exacerbado. O que era comum na época e aceito até. Na época eu me lembro que o negro era tratado de forma diferente e até na minha infância mesmo eu lembro disso. Quer dizer, o preconceito tá aí, ele existe e não acabou. Pelo contrário. A gente sabe que não acabou.

Eu nunca, nunca deixei entrar em mim. Mas na minha família tinha um pouco disso também, mas era o normal. Não era nada que fosse além do que era comum na época.³³

Sua família não lidava com o assunto em questão de forma a orientar um comportamento definitivo. Para a pergunta: “E havia conversas sobre como fazer, como lidar com isso, ou não?”, a resposta de Corvo foi definitiva: “Não! No meu tempo não. Talvez antes.”³⁴

Os estudos genealógicos realizados por Faial o levaram à informação de que o povoamento das Ilhas dos Açores e, por conseqüência, o povoamento do sul do Brasil, se deu com origens judaicas. Cristãos-novos deslocados de Portugal para os Açores povoaram as ilhas e suas descendências vieram se estabelecer no sul do Brasil a partir da década de 1740, quando do incentivo à imigração para essa região. Sua concepção elaborada já a partir da sua entrada para a SUD (Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) é bastante marcada pelas idéias da religião comumente chamada de “mórmon”. Por isso ele procura explicar diversas situações passadas e presentes da história humana através dos escritos do Livro de Mórmon. A origem dos povos americanos, por exemplo, é entendida como uma parte da história dos hebreus que viviam em Jerusalém e que por ordem do seu deus, atravessaram o oceano e chegam à América do Norte. Em decorrência, os indígenas são judeus, porém desinformados a respeito de suas origens.

Então esses povos das Américas, erroneamente chamados índios, eram judeus, só que, como eles não tinham a escrita, eles eram ignorantes eles não escreviam. As frases, as tradições eram transmitidas oralmente. O quê que aconteceu? Perderam as suas origens. Então esses seres, eles nada mais são os que ainda hoje temos aqui na Guarita, em Campo Novo e esses lugares aí, onde ainda existem aí as reduções de índios, os nativos, eles são judeus, só que eles não sabem.³⁵

As referências de Faial quanto à ausência de escrita nos povos indígenas e sua resultante perda de cultura demonstram que ele os coloca em grau de inferioridade por supostamente não saberem de suas origens judaicas. Neste ponto podemos notar que há certa subestimação do grupo indígena enquanto submetidos a valores de outra cultura. Ou seja, de acordo com a visão do colaborador, os

³³ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 3, p.1.

³⁴ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 3, p.1.

³⁵ Faial. Entrevista concedida em 24 de março de 2007. Parte 3, p.3.

indígenas são inferiores, pois ignoram suas origens, porque não têm escrita, porque perdem sua cultura.

No que se refere às suas lembranças sobre essa temática no passado, Faial rememora a orientação familiar que recebia em atitude de respeito e consideração a quaisquer pessoas e origens:

Felizmente na minha casa existia uma lei. Não sei se ela era materna ou se era materna e paterna. Mas o velho aceitava os que vinham, inclusive tratava com o mesmo diapasão que tratava um branco, um alemão, um Italiano, tratava um preto. Era o Seu Fulano, tá? Então existia o seguinte: todos nos somos irmãos. (...) Então isso aí pra mim, foi muito bom, porque eu nunca fiz distinção de raça. Todas as pessoas me são iguais, eu nunca tive, nunca senti-me superior a ninguém. Muito pelo contrário, às vezes. Eu admiro assim, profundamente ou grandemente, uma capacidade, manual, oral ou funcional de uma pessoa, não chego a sentir inveja. Mas eu me sinto diminuído porque eu não fui capaz de desenvolver aquilo ali.³⁶

Porém, ao contrário do que afirma acima, durante a entrevista, ao relacionar a cultura gaúcha à cultura açoriana, Faial faz comparações com diversos imigrantes e, em especial com os portugueses, como se segue:

Todo o português nativo, português de Portugal, é um individuo exploratório. Ele só serve para botar loja [abrir loja], mercado, bar, armazém ou bolicho³⁷. Não tem um português que vive na terra, não tem um português que tenha uma indústria, uma firma de engenharia, não tem um português que faça outra coisa. Eles só são exploratórios: é o menor serviço com o máximo de entrada de lucro. (...) O Rio Grande do Sul era o estado celeiro do Brasil. Por quê? Porque aqui teve a cultura italiana, alemã e açoriana: o açoriano, o italiano e alemão. Muito mais tarde chegou o português. Aí ele já foi criar bares e lanchonetes e confeitarias que tem até hoje em Porto Alegre; tem a confeitaria Rocco, tem a confeitaria de Pelotas... (...) Então isso aí é a cultura exploratória que eles trouxeram. Mas e lá pra cima, São Paulo, quem é que tem indústria em São Paulo? O português? É todo estrangeiro. É italiano, francês, inglês, alemão. Português não. Português é bar. Eles só sabem comer. Interessante isso! O povo só sabe comer.³⁸

Tornou-se bastante nítido o aspecto pejorativo das qualidades atribuídas aos portugueses e o aspecto positivo aos outros estrangeiros citados: trabalhadores, agricultores, industriais. Levando em consideração a questão da perseguição da Igreja católica aos judeus na Península Ibérica, conclui-se que o colaborador, ao indignar-se em relação a esse passado, tende a criticar os portugueses duramente,

³⁶ Faial. Entrevista concedida em 21 de abril de 2007. Parte 3, p.1.

³⁷ s.m. RS. Bolicho: bodega; pequena venda. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 482.

³⁸ Faial. Entrevista concedida em 21 de abril de 2007. Parte 4, p.1.

chegando a deixar de lado as perseguições aos judeus na Alemanha, fruto da qual houve imigração também para o Brasil. A desvalorização dos portugueses frente às outras etnias é bastante notória.

A história de Faial faz pensar que, apesar de ter sido educado por seus pais pela regra de que todos são iguais e que merecem o mesmo tratamento, isso não acontece nas declarações acima citadas, pois as pessoas envolvidas com o ramo de atividade alimentícia (docerias, bares, cafés) são tão trabalhadoras quanto às outras, independente da etnia à qual pertença. Então os conhecimentos que adquiriu depois, as idéias que têm a respeito da história dos judeus também ajudam a compor seus valores a cerca das diferenças étnicas.

Entre os três colaboradores da pesquisa, somente Lusa se recorda com clareza de situações de discriminação vividas por membros da família em função de serem imigrantes. Diante da indagação “Você sabe se quando ele veio, ele teve alguma discriminação por ser estrangeiro?”, responde positivamente:

Teve. Lá no lugar aonde ele foi morá chamavam... Como é que chamam quando um animal aparece? Chamam... ximbo.³⁹ Ah, eu não lembro agora como é que chamam, mas tem um nome que chamavam ele. Que era uma pessoa que não fazia parte da comunidade. (...) Já aqui onde ele comprou terra. E o pessoal começou a “crescer o olho”. [expressão que denota inveja] Porque ele chegou ali, eles eram três rapazes: o Domingo, o Antônio e o José, meu avô. Chegaram ali e trabalhavam na estrada de ferro. E eles trouxeram dinheiro de lá, né. Eles chegaram ali e começaram procurar chão pra comprar. E começaram a comprar. (...) O pessoal não gostava porque eles eram muito trabalhador e fizeram uma conquista enorme ali. Aí depois que viram quem ele era, que começou a crescer, aí foi ao contrário. Aí foi ele que não quis o povo.⁴⁰

Ainda na busca de outras informações na família coube uma pergunta voltada para os descendentes do seu avô: “No caso da sua mãe que era filha dele, recebeu alguma conseqüência? Ela não recebeu nenhuma discriminação em função dessa origem dele, portuguesa? Ninguém chamava ela: a filha do português?”. Lusa não vê que houvesse discriminação, mas uma decorrência mesma da origem da família: “Ah, isso sim, chamavam. Mas não de ofensa. Chamavam porque era.”⁴¹

³⁹ s.m. RS Cavalo de dono desconhecido. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 2897.

⁴⁰ Lusa. Entrevista concedida em 29 de julho de 2007. Parte 2, p.3.

⁴¹ Idem. P.4.

A situação de discriminação descrita por Lusa leva a crer que havia estranhamento por parte do grupo local pela questão econômica e também pelo reconhecimento de que era uma pessoa realmente alheia àquele ambiente.

Lusa se remete ainda a outras ocasiões onde ocorreu alguma discriminação. No episódio em que o avô engana o irmão e convence a futura cunhada a se tornar sua esposa, o irmão passa a não confiar mais em mulheres negras, pois:

Aí o irmão do meu avô, o tio Domingos, que morreu aqui no Brasil, ele casou com uma mulher alemoa. Casou com uma alemoa branca como ele. O [tio-avô] que era namorado da minha avó. Porque ele não ia casar com mais nenhuma negra. Porque o meu avô robô a negra dele. (risos) Ele achava que as nega não eram sincera.⁴²

Assim como as impressões de Faial o levam à subestimação dos indígenas e dos portugueses recorrendo a argumentos parciais, o tio-avô de Lusa comete o mesmo procedimento ao generalizar uma impressão, acrescido do fato de que foi baseada numa inverdade, afinal a avó de Lusa fora enganada pelo avô, que queria conquistá-la e não o teria deixado como ele supôs.

4.3 Como aprendi isto? A família e a transmissão da cultura.

Os questionamentos apresentados por esta pesquisa se concentram no papel da família frente à educação para o convívio entre etnias. Para isso a investigação se desenvolveu em torno das práticas familiares e do convívio com as diferenças. A parte do roteiro das entrevistas relativa a esta preocupação foi dedicada à rememoração de práticas cotidianas ocorridas durante a vida dos colaboradores em família, na escola, na vizinhança que possibilitassem a visualização da transmissão de elementos culturais do grupo étnico.

As perguntas realizadas focaram as práticas diárias no universo familiar. A realização ou não das refeições em grupo, o contexto religioso, o contar histórias para as crianças ou casos entre adultos, as atitudes frente ao trabalho e ao estudo foram temas abordados nesta etapa.

⁴² Lusa. Entrevista concedida em 29 de julho de 2007. Parte 3, p.4.

No que se refere à religião, nas três famílias deste estudo não havia frequência a igrejas, nem a cultos de nenhuma linha religiosa.

Na família de Corvo a religião não era praticada de forma rotineira. Não frequentavam missas. Mas Corvo realizou o curso de primeira comunhão, pois estudava em colégio religioso por conveniência da proximidade com a sua residência e não por opção religiosa. E como fazia parte dos estudos escolares a participação nos rituais confessionais oferecidos pela instituição, conseqüentemente concluiu o curso: “Não tinha gente muito religiosa na minha família. Eu fui criado sem... nunca frequentei missa. (...) Estudava lá porque era mais perto.”⁴³

E ainda nos dias atuais não tem assumido nenhuma tendência religiosa:

Nós nunca tivemos nenhuma influência religiosa na família. A não ser em tempos mais remotos que eu não tenha conhecimento. Eu nunca notei isso na minha família até porque acho que o preconceito da religião, ele é conseqüência dum certo fanatismo, ou certa transformação em dogmas. E daí tu acabas rechaçando o outro que supostamente seria uma espécie rival. Quando tu és neutro, é difícil tu ter preconceito. (...) Eu não tenho nenhuma preferência religiosa, eu não pratico nenhuma religião. Mas, na minha família, dos meus bisavós pra cá, eu nunca vi nenhum tipo de manifestação religiosa. A não ser eventualmente em ir numa missa quando morria algum parente ou quando tinha um casamento, iam na igreja, católica. (...) É isso o que minha influência religiosa é pelo lado dos açorianos; é isso o que eu vi. Do lado de meu pai, não. Já era mais diferente. Os meus avós eram católicos, mas nunca exerceram essa influência na nossa casa.⁴⁴

A ausência de orientação religiosa na vida de Faial se manteve até seu contato com a SUD. Lembra-se de que, quando era criança sua mãe não frequentava igreja nem rezava. Aliás, não lhe agrada o fato de ter se casado com cerimônia religiosa na Igreja Católica. Só o fez para satisfazer exigências familiares, mas que não lhe satisfaziam pessoalmente.

Não, eu não tinha religião. Quando eu cheguei na Igreja de Jesus Cristo, eu não tinha religião, eu tinha abdicado de ser católico porque coisas que não deveriam ter acontecido, aconteceram. Mas não foi por revolta e nada. É que eu tinha uma procura. Eu por exemplo, em São Leopoldo, com a minha primeira esposa, eu casei-me na Igreja Católica para satisfazer o meu sogro, o pai dela, ele era católico. Pra mim foi a coisa mais aberrativa que eu fiz, foi aquele troço lá. Casamento pra mim é casamento. Não precisa, não tem religião. (...) Não. A mamãe nunca foi à igreja. (...) Nada, nada. Ninguém fazia nada disso. Exatamente. A que fazia oração, depois quando

⁴³ Corvo. Entrevista realizada em 20 de abril de 2007. Parte 2, p.4.

⁴⁴ Idem. Parte 3, p.2.

chegava em casa, era a minha irmã Noêmia, é a mais velha, mas ela com um rosário na mão ia dormir.⁴⁵

Tendo sido criada sob orientação católica, Lusa admite que hoje esteja aberta a diversas religiões. Acredita que foi após o falecimento dos pais que houve uma mudança nas opções religiosas na família: “Houve um desmembramento, sabe. Principalmente depois que a gente perdeu eles, né!”⁴⁶

Seus irmãos migraram para a Igreja kardecista em maioria, de acordo com a busca de suas necessidades. Ela, porém, buscou conhecer diversas linhas religiosas e manifesta suas preferências pela Igreja Universal.

Eu vô ali naquela missa. Eu oro em casa. De vez em quando eu vô no [culto] evangélico... (tosse) Essa minha irmã que faleceu era espírita. Ela trabalhava em mesa, ela dava receita, ela fazia tudo. A maioria deles [irmãos] foram para o kardecista. Cada um foi em busca do que tava lhe faltando. É porque não era um deus forte. Porque quando tu vai em busca de uma outra coisa é porque aquela que tu tem tá fraca, não tá te servindo. Ou não tá tendo aquele apoio que tu precisa. Então tu vai em busca. E é por isso que acontece esse desmembramento. Por quê? Porque a Igreja Católica é fechada, é fechada. Ela faz muito pôco por tudo que ela sabe, por tudo que ela pode fazê. Por quê que os evangélico, as igreja tão entupida de gente? Porque eles fazem. Eles fazem as coisas. E eles têm uma palavra muito forte. (...) Eles oram com mais força. São um deus maior. Eles te propõem mais. Eu vô dizer uma coisa: eu li a Bíblia mas eu não sabia porquê. E foi dentro do evangélico que eu aprendi o porquê. (...) As espíritas são mais calmas um pouco, mas são assim as que mais fazem pelo povo. A católica é quem menos faz. A católica é muito de morder as pessoas, não de alimentar. (...) Eu conheço todas, mas a que eu gostei de ir, foi na Universal.⁴⁷

As influências religiosas da família embora estivessem presentes de forma amena, não havendo prática sistemática em nenhum dos dois casos, os exemplos de Faial e Lusa demonstram que as opções religiosas não foram definitivas. Pelo contrário, foram modificadas ao longo da trajetória de vida de cada um.

A alimentação foi um aspecto comentado durante as entrevistas sob dois ângulos. O primeiro deles se refere às culinárias açoriana e portuguesa. Elas apareceram mais como uma prática voltada à sobrevivência, e sob diferentes formas entre os colaboradores. O segundo refere-se à ritualização da alimentação: reunião em família, momento especial de estar em companhia dos pais e irmãos.

⁴⁵ Faial. Entrevista concedida em 24 de março de 2007. Parte 6, p.5.

⁴⁶ Lusa. Entrevista concedida em 04 de outubro de 2007. Parte 1, p.5.

⁴⁷ Lusa. Idem. Parte 2, p.2.

Da sua vida urbana, Corvo recorda-se do ritual de reunião em família para alimentação e do hábito de sua avó fazer doces que reconhece como aspecto cultural dos Açores.

Mas uma coisa assim que ficou bem marcada também, e eu acho que em todas famílias da nossa geração: a reunião da família pras refeições. Hoje, não. Hoje as pessoas quase não sentam na mesa para fazer refeições juntas. Eu lembro bem disso na minha família. Então a gente chegava do colégio, todo mundo ia pra mesa ao meio-dia. Já na janta era mais flexível. Às vezes uns não queriam jantar, os adultos. Me lembro, sim, já não da minha mãe, mas da minha bisavó, ainda algumas tradições culinárias que talvez possam ser identificadas lá na origem açoriana que é a feitura de doces! A minha bisavó era bem velhinha e eu lembro dela na cozinha, mexendo com colher de pau, a panela, fazendo doce, muito doce. Ela fazia... muito bom... eu adorava comer os doces!⁴⁸

Observa também que é um hábito que se perdeu na atualidade, pois hoje ele não encontra a prática da reunião das famílias à hora da refeição.

A experiência de Faial sobre esse tema é bastante diferente. Ambientado à vida rural, tinha na agricultura e na criação as fontes dos alimentos da família. Independente da origem das combinações dos alimentos, a base era a carne e hortaliças.

Nossa alimentação básica era arroz, feijão e carne. Era carne de porco, carne de galinha, era lingüiça, era feijão, era charque, torresmo, café preto, com lingüiça de manhã cedo. (...) Se comia legumes, couve, sempre em casa, sempre tinha. Couve, cebola, isso aí, cebolinha verde, alface, cenoura, repolho, batata doce, mandioca. Isso tudo era produzido em casa. Os espaços da casa, nas casas que a gente morava tinha uma imensidão de terra. Nós tínhamos vaca, tinha cavalo. Galinha de monte, porco no chiqueiro.⁴⁹

Mais do que o tipo de alimentação, Faial ressalta o seu envolvimento com o trabalho de manutenção da criação de animais e do cultivo de ervas.

Pequeninho, mas a gente tava sempre trabalhando. Eu por exemplo, em Rosário do Sul, lá em 1942, no tempo em que caíam geadas assim homéricas, o cocho das galinhas e o cocho dos porcos, e o cocho dos cachorros, era eu quem trocava a água de manhã nos dias de geada. Sabe o que é que eu fazia? Eu metia os dedos e tirava a geada e brincava, saía rodando com ela assim, e correndo atrás com a lata pra pegar água no poço e botar água ali no cocho. Ia lá e fazia o mesmo com o outro [cocho], atirava rodando e vinha brincar, e depois que eu botava, ainda ficava brincando com aquela roda. (...) Ia no mato colher, a minha mãe dava chá de ervas,

⁴⁸ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 2, p.4.

⁴⁹ Faial. Entrevista concedida em 24 de março de 2007. Parte 5, p.5.

dava sempre pras pessoas em casa. Então eu sempre ia buscar folhas disso, folhas daquilo, porque eu conhecia todas as raízes, hoje eu não lembro.⁵⁰

Não havia no ambiente infantil de Faial à referência à cultura açoriana no que se refere também à alimentação, pois os elementos de que dispunham estavam incorporados no dia-a-dia sem preocupação com identificações culturais étnicas.

Lusa passou sua infância na fazenda do avô e também na do pai que mantinham a mesma estrutura de criação de animais e cultivo agrícola. Recorda-se, não só dos alimentos, como também da forma como eram preparados.

Pão de torresmo. Faziam a massa, tipo como abriam a massa pra pizza e ali dentro fazia torresmo temperado com tudo que era tempero assim de salgado. Molho, botava ali. E depois fechava, botava outra camada por cima e aí fechava, tudo dobradinho. Eu não me lembro como era o nome desse pão. Também, quantos anos? Mais de 50 anos. (risos) (...) Fazia pão doce, fazia outro pão moreno que era da segunda farinha que sai do trigo. Chamava “rolão”, naquele tempo. Da segunda farinha. A primeira farinha que sai, que ela é escura. Então aquela farinha ali era feita e esse pão que eu te falei, que leva os torresmos e depois fazia aquele pão com aquela farinha morena, dessa mesma aí, fazia aquelas roscas. Mas aquilo bem, bem feito, bem bom. Fazia um monte. Botava nos balaies. E também fazia pão de milho, que era com coalhada, uma coisa boa que você não pode imaginá. Então fazia aquela coalhada do leite e botava aquela coalhada numa bacia e colocava a coalhada, colocava ovos, colocava açúcar, fermento e depois colocava farinha de milho, aquele milho branco. Então fazia aquelas rosca, aquelas fornadas daquelas rosca, aquilo maravilhoso... Bom, bom, bom. Nem fala... a gente comia na época o que era bom, o que era gostoso. Hoje nem tem isso mais. (...) Comia, ajudava, tava sempre por perto. (risos) Então tinha outro pão que era... era o pão doce, era o rolão, era o pão de milho esse, a rosca com coalhada, e depois tinha a broa, de porvilho. (...) Depois vinha o queijo, deste tamanho, ó. Queijo de duas, três lata de leite! Fresquinho desse tamanho, dessa altura ó! Cortava com uma faca larga assim: “tchón”. Fora aquelas lingüiças, que matavam o bicho, matavam o porco, matavam a vaca. Lá no meu avô era assim e lá no meu pai também. Então faziam o charque porque naquele tempo não tinha geladeira. Faziam o charque que hoje a gente compra nos açougue, aquele picadinho. É horrível. Eu acho, porque eu fui criada com tudo isso, né. Então faziam charque, salgava e botava aquelas mantonas assim, e fazia lingüiça. Misturava a carne de porco com carne de gado, cortada à mão. Fazia aqueles varal de lingüiça, aquelas lingüiçona desse tamanho, varal de lingüiça.⁵¹

E como na vida na fazenda Lusa acompanhava as atividades como uma brincadeira infantil, lembra-se ainda de outras coisas que se produzia no local além daquelas relacionadas à alimentação.

⁵⁰ Faial. Entrevista concedida em 24 de março de 2007. Parte 5, p.5.

⁵¹ Lusa. Entrevista concedida em 21 de março de 2007. Parte 2, p.5

E ainda faziam sabão, com aquelas gordura do gado. Derretia aquela graxa e fazia sabão, sabão amarelo, maravilhoso. E fazia um outro sabão que era feito com a tintura da cinza. Então colocava uma lata cheia de cinza, e colocava a água em cima, pingava aquilo na gordura, pra fazê o sabão de cinza que era um sabão especial. Dava pra tomá banho, pra lavá cabelo com aquele sabão. Sabão maravilhoso. Minha vó fazia. (...) Sabonete de cinza que a gente chama. Fazia tudo lá.⁵²

Nas lembranças da vivência infantil, as brincadeiras foram abordadas de forma a investigar a presença de algum elemento cultural açoriano ou português como conteúdo nesses momentos lúdicos.

Ambientados em área rural, Faial e Lusa tinham como entretenimento cotidiano a exploração dos espaços externos da moradia. Andar a cavalo, correr no campo, utilizar os instrumentos presentes no universo rural, eram ações básicas nas diversões.

Nossas brincadeiras... organizava uma mangueira com uma tropa de osso. As juntas, os arnelhos. Mangueira é um cercado. É a onde o gado fica restrito ali dentro, né. Hoje em dia tem currais. É que lá falava mangueira. Então fazia-se uma mangueira, ou vários poteiros digamos assim, mais amplo, e dentro ali a gente colocava o gado de osso [fingindo que os ossos eram bois]. E nós brincava de cavalo, o cavalo era de taquara que era próprio do pessoal, dos homens e mulheres que andavam de carroças. E eu me lembro assim, eu tinha acho que seis anos, eu cortava lenha em casa, pra família, pra mamãe cozinhar. (...) Eram, então toras de madeira e eu cortava e ia cortando, arrodando, até que eu separava. (...) Então, era aquilo que a gente fazia. Eu passava uma manhã inteira cortando lenha. Depois quando eu tive um pouco mais de idade, naquela época o inverno era rigoroso, fazia bastante frio. Então eu era o menino da casa, o mais novo, eu era responsável pela água dos cochos: cocho das galinha, cocho do cachorro, cocho dos porcos e o cocho da vaca. E eu tinha que tirar a água do poço, não tinha torneira, e encher todos aqueles utensílios. Só que antes, aqueles inverno de rachar, então dava uma crosta de gelo, de 1 a 2 centímetros dentro dos cochos... O cocho da vaca era uma pipa de vinho, serrada, então se chamava tina. Eu tinha um baldinho lá que era atado na corda, aquilo eu acho que eu botava uns 20 baldinhos daqueles para deixar a água pra vaca. (...) Eu brincava com as rodas de gelo.⁵³

A realização de atividades necessárias à manutenção da sobrevivência tornava-se brincadeira no universo de menino, enquanto tomava corpo, na educação familiar, a prática do trabalho e o desenvolvimento da noção de responsabilidade.

As brincadeiras comentadas por Lusa aparecem mais de forma lúdica e nem tanto como obrigações para a vida na fazenda. Ela acompanhava a lavagem da

⁵² Lusa. Entrevista concedida em 21 de março de 2007. Parte 2, p.6.

⁵³ Faial. Entrevista concedida em 21 de abril de 2007. Parte 2, p.1.

roupa à beira do rio, mas não as executava, pois não era necessário que participasse dessa forma, mas sim como diversão.

A gente usava era andá a cavalo, corrê cadeira, sabe? [duas pessoas trançam os braços e uma senta em cima apoiada.] Pegava dois, duas pessoas e via qual era que chegava primeiro lá. Então a gente curtiá muito isso, andá a cavalo, saí pro campo, junto com vovô, junto com a vó e visitá os possêro, tinha umas quantas pessoas moravam no campo deles, né! (...) a gente tomava banho lá no rio, né! A gente se largava naquelas águas maravilhosas. No dia em que iam lavá rôpa, era o dia intero lá na sanga. Chamava sanga. Aquela água limpa brilhosa, maravilhosa. A gente corria naquelas pedras. E a gente passava brincando ali o dia inteiro. (...) Só voltava quando voltava! [acabava] Levava fiambre. Levava pão, levava lingüiça, queijo, leite.⁵⁴

A prática de contar histórias foi lembrada por Corvo que não citou as brincadeiras, já que ouvir histórias era sua preferência.

Eu sempre tive vínculos muito fortes com a família, então nesse ponto eu me considero assim uma pessoa que... Se alguém sofreu influência dos antigos, eu posso dizer que sou um deles porque eu adorava... Nessa casa aqui, sentava no colo dos meus bisavós, especialmente do Geraldo, e ele me contava histórias das caçadas que ele fazia, ainda no final do século XIX, de pescarias. Eu até não sei até que ponto era tudo real ou era uma ficção que ele inventava prum menininho com oito ou nove anos. Mas era muito interessante: tinha tigre... (...) Eu adorava cinema, filme do Tarzan, essas coisas, e meu bisavô contava coisas mais interessantes que os filmes do Tarzan e outros que se passavam em ambientes hostis, na selva.⁵⁵

Corvo ressalta que dessa situação decorreu seu interesse pela memória da família.

Foi por isso que eu liguei pra ti, na verdade. Eu falei: acho que metade do Rio Grande do Sul é descendente de açorianos. Agora, alguém que vê um anúncio "pesquisadora procura descendentes de açorianos em Santa Maria", as pessoas nem sabem que são descendentes. Eu fiz contato justamente pra dizer que: eu sei que eu sou descendente embora eu ache que tenha perdido essas características principais. Mas eu tenho, eu gosto muito de saber que eu sou descendente, de ter convivido com pessoas que ainda traziam alguns traços culturais dessas pessoas, mesmo que eu não os identificasse. Mas hoje eu vejo que sim.⁵⁶

Acredita que essa prática pode vir a despertar interesse de sua filha também pela história das gerações anteriores.

⁵⁴ Lusa. Entrevista concedida em 21 de março de 2007. Parte 2, p.7.

⁵⁵ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 4, p.1.

⁵⁶ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 4, p.1.

Conto. Mas agora ela já não tá muito interessada. Ela é adolescente... tá entrando na adolescência, então não tá interessada. Mas quando era piquininha, a gente ficava horas conversando sobre coisas do passado, da família. E acho que depois quando ela ficar adulta vai tornar a se interessar sobre isso. É normal essa fase de... um certo rechaçamento do que os pais têm a oferecer.⁵⁷

Corvo demonstra dessa forma que possui interesse em cultivar a história da ancestralidade, valorizando a cultura familiar, mesmo sem clareza dos elementos culturais açorianos.

Ainda sobre contar histórias, as experiências de que Faial se lembra é bastante oposta às experiências dos outros dois colaboradores: “Os adultos não conversavam com as crianças. Era: ‘cala a boca; fica quieto.’”.⁵⁸ Mas havia ocasiões de se reunirem para contar casos e as crianças participavam desses momentos.

Mas tinha aquelas noites de verão e-xce-ssi-va-mente quentes, em que todo mundo sentava do lado de fora da casa, porque dentro de casa era muito quente (...). E então, nessas noites que a gente ficava do lado de fora, não existia jornal, não existia revista, a maioria não gostava de lê. Mas o que quê faziam? Contavam histórias. Então tinham histórias de guerra, os homens que haviam lutado nalguma revolução... Eu assisti o meu pai contando, que ele viveu em algumas revoluções... O vizinho, tinha o seu Jacinto que era vizinho, da nossa casa e aí a parentada com a família. E ele então contava histórias dele, cheio de balas pelo corpo, de cortes e coisas assim. Tinha uma espada enorme de grande, ele era um homem de dois metros de altura. Então ele contava as histórias da guerra. Então tinha uma frase que ele usava, muito interessante: “Pois ti digo: nós queimemos cartucho o dia inteiro, não sei quantos eu matei!”. Eu achava matá, era uma coisa normal, mas eu não, nunca tive vocação para matar ninguém. (...) o sujeito degolou o outro lá na esquina! (...) sempre tinha aquelas pessoas contando aquelas histórias. E porque a comunicação, ela se fazia de boca em boca. Eu por exemplo, vim conhecer leitura, livros, aqui em Santa Maria. (...) Eles viviam falando em almas. Eu não sei, eu não te contei a história do cara que chegou lá em casa e contou: “Pois olha, eu vinha pela estrada, vinha a trotezito e quando eu passei ali no cemitério, o meu cavalo chegou a quase sentar no chão, com o peso dum bicho que me subiu atrás, botou as duas mão no meu ombro.” Mas que baita deslavada mentira! (risadas) Mas todo mundo acreditou. Era lugar comum. (...) Porque não tinha outra coisa. Era um homem respeitado, era mais velho que o meu pai. Então esse tipo de coisa assim era lugar comum. Era os homens sempre contando vantagem de alguma coisa. (...) Então sempre tinha aqueles rasgos de valentia assim, que era uma coisa de louco.⁵⁹

Devido às condições econômicas da família de Faial, as pessoas estavam mais voltadas ao trabalho que ao estudo, já que tinham que executar as tarefas de sobrevivência, como exposto pelo trecho a respeito do corte da lenha e da troca de

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Faial. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 2, p.3.

⁵⁹ Faial. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 2, p.3.

água dos animais. Então o estímulo a leitura, ao estudo foi pouco para Faial, que passou a praticar a leitura com intensidade quando se deslocou para Santa Maria e, posteriormente, ao ingressar na SUD.

A falta de informação, da leitura, atrofia o conhecimento das pessoas. Então eu tenho irmãos que nasceram e morreram e só estudaram o livro no colégio, até o segundo ano quando muito! e foram pro trabalho e nunca mais pegaram nada para ler. Quando liam uma palavra, era gaguejando, porque não sabiam articular.⁶⁰

Por sua vez, Lusa relembra momentos em que o avô e outros familiares conversavam sempre, e se contava histórias da vida em Portugal, antes da imigração para o Brasil. Lusa tem no avô uma referência positiva, de sabedoria.

Porque a gente, todo mundo sempre se conversô muito. E o vovô era uma pessoa que ele passava muita coisa boa pra gente. Veio dum país pequeno e pobre na época. Então ele chegou aqui e viu esse horror de terra [muita área rural] (...) Todos os dias de tardezinha, na frente da casa do meu avô tinha um figueirão. Coisa mais linda que tinha! Iam embora as raízes dele. Aquela árvore imensa! Então de tardezinha depois que todo mundo chegava do trabalho, os homem, os filho dele, todo mundo ia sentá lá fora pra conversá. Então ele sempre contava as coisas lá de Portugal. ... trabalhavam na agricultura, tinham mercado. Se ele falava assim, que vendiam isso, que vendiam aquilo, que vendiam não sei o que mais. Falava em cabritos. Trabalhavam com esses bicho lá, decerto.⁶¹

O caminho escolhido para perseguir as questões da pesquisa levou à análise de aspectos que os colaboradores julgavam importantes na educação familiar e escolar, tendo em vista toda a trajetória de convivência com os parentes mais próximos. As atitudes de boa convivência e honestidade são aspectos que aparecem nos depoimentos de formas diferentes assim como a experiência que passaram no ambiente escolar.

O depoimento fornecido por Corvo possui duas passagens significativas a respeito de atitudes valorizadas pela família que englobam valores referentes à educação na família e a forma de se relacionar com os outros.

A questão da honestidade, assim tipo: se tu encontra algo tem que devolver pro dono. Se está com algo emprestado tem que devolver intacto... Essas coisas assim ficaram muito fortes. Claro que noções de solidariedade também foram passadas, né! Esse lado da honestidade sempre foi uma

⁶⁰ Idem. P.4.

⁶¹ Lusa. Entrevista concedida em 21 de março de 2007. Parte 3, p.1.

coisa que lembro da minha mãe e dos meus avós insistirem muito com as crianças.⁶²

Eu sempre fui criado assim num ambiente de nenhuma agressividade. Sempre tive noções de respeito com relação ao próximo, essas coisas. (...) Quero dizer, meus pais nunca tiveram arma em casa, meus avós nunca tiveram arma em casa... (...) Uma chineladinha, sim, era normal na época. Acho que todas pessoas da nossa geração ainda faziam isso. Hoje a gente vê já com outros olhos.⁶³

A lembrança da orientação de caráter por parte dos avôs ficou presente na lembrança de Corvo, em relação às atitudes de respeito com os outros, sendo a honestidade, uma forma de demonstrar esse respeito.

A solidariedade aparece no depoimento de Faial ao se referir a uma passagem da vida enquanto criança. Relembrou de um momento em que sua mãe o levava junto a visitas que fazia a pessoas doentes, ajudando nos afazeres domésticos, cuidando das tarefas da casa, arrumando o ambiente da pessoa adoentada, numa atitude de total desprendimento.

Então isso aí eu me sinto bastante feliz porque, no lar que eu vivi, era um lar humilde, que não tinha limites lá em casa. Por exemplo: se um vizinho chegava às três da manhã: "Vizinha, por favor!", (palma) a velha saía correndo para ajudá, um parto, pra uma coisa, um doente, um negócio assim. Vou te contar uma, uma partezinha da minha mãe, eu tenho escrito aqui. Ela fazia todos os deveres da casa: ela tirava leite, ela cuidava da horta, ela fazia comida, ajudava a minha irmã às vezes, quando ela não podia fazer. Lavava-se a louça da casa já por volta das nove horas da noite. E aí ela me pegava pela mão, porque eu era pequeno, e nos saímos pra ir na casa dos doentes de tuberculose, nosso vizinhos, próximos. Que vizinho assim digamos, lá na Santa Marta era um vizinho, lá no Patronato era outro vizinho⁶⁴ Então vizinhos eram os mais pertos, não era assim, vizinho de lado. Então, naquela época a tuberculose era um mal terrível, que ceifava vidas à nossa volta, lá diariamente, era um, dois. Eram crianças, homem, mulher, era um horror! Pessoas que morriam na solidão e na infelicidade, por que a própria família não ia para não se contaminá. Quem é que ia? Eu e a mamãe, ou os meus irmãos. (...) O Seu Velmir vendia quitanda na estação, no circo, na frente do cinema, ele vendia amendoim torrado, aquelas coisas assim, rapadurinha... Tuberculoso. Aí quando ele não pôde mais trabalhar, que ele ficou para morrer, a família, bum. E ele ficou sozinho, e aí então o meu pai se mudou para casa dele. Nas noites que eu saía com a mamãe, ela chegava numa casa, ela costurava, arrumava, varria o chão, às vezes lavava a louça, ou fazia comida. Deixava aquela família e nós íamos em outra. ... eu não sei que horas a gente voltava pra casa. Eu me lembro que às vezes eu não conseguia mais caminhar. Criança, né, fraca! Aí ela me pegava no colo e chegava em casa comigo no colo, ainda, depois de toda aquela trabalhadeira. Seis horas da manhã, seis e meia ela já tava na cozinha fazendo mate, já. Eu já ouvia o barulho e já todo mundo ia

⁶² Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 2, p.4.

⁶³ Idem. Parte 3, p.5.

⁶⁴ Bairros vizinhos de sua atual moradia, na COHAB Tancredo Neves.

levantando, ninguém mais ficava na cama. Então, a abnegação era um padrão da família. Eu não sou tão abnegado, mas sou solidário com as pessoas que têm problemas.⁶⁵

Essas experiências de infância são admiradas e mantidas por ele em sua relação com os outros. Implicitamente aparece em suas palavras a admiração que sente pela mãe, já falecida.

A realidade econômica da família de Lusa era por ela mesma definida como boa, visto o nível de vida alcançado com a moradia na fazenda, onde quase tudo de que se precisasse era produzido lá mesmo: “Podia se dizer que era assim uma família “por cima”, sabe. Que tinha tudo. E que ajudaram muita gente.”⁶⁶

O fato de haver pessoas morando na fazenda e se alimentando em troca de trabalho é visto pela colaboradora como um ato de bondade do avô. Este, nem por isso se comportava de forma a subestimar ou desvalorizar as pessoas que empregava no local.

Bons, caridosos. No campo do meu avô morava muita gente. Ele dava pra morá, aquelas pessoas trabalhavam lá, plantavam, criavam bicho. Eram pessoas dali mesmo. Pessoas que não tinham recursos, sabe! Então, eles eram padrinho de quase todo mundo, no bairro lá, nos arredores. (...) Eram pretos. Morenos. Gente de cor. Era uma descendência de escravos, né. É. Gente preta. E tratava essas pessoas muito bem. (...) Porque o meu avô procurô sempre fazê, humanizá, principalmente aquelas pessoa que não acreditavam nele.⁶⁷

O comentário referente à humanização demonstra que Lusa via no avô um homem que valorizava as pessoas e as ajudava também.

O roteiro das questões apresentadas para os colaboradores culminou com a discussão sobre as memórias em torno do tema discriminação étnica no ambiente escolar como em outras situações vividas, bem como a ocorrência de algum tipo de preconceito.

As situações escolares de que Corvo se recorda não se referem a preconceito étnico, mas a outra forma de violência freqüente no ambiente escolar.

Eu lembro que a minha experiência pessoal na escola era uma experiência de conviver com muito preconceito. Não só preconceito racial. Mas o preconceito do menino grande contra o pequeno, do menino rico contra o pobre, essas coisas assim. Era muito... muito latente. (...) A escola era

⁶⁵ Faial. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 3, p.2.

⁶⁶ Lusa. Entrevista concedida em 29 de julho de 2007. Parte 3, p.1.

⁶⁷ Idem.

omissa, omissa. (...) Famílias que tinham mais projeção social, nem tanto econômica, mas famílias influentes na sociedade, enfim. Seus filhos eram muitas vezes (...) dentro do colégio tinham mais status, né, e os outros não. Os agressivos preponderavam sobre os pacíficos. É o que existe acho que em todas as escolas do mundo. (...) Sempre fui dos pequenos, dos que apanhavam. Eu sempre fui criado assim num ambiente de nenhuma agressividade. Sempre tive noções de respeito com relação ao próximo, essas coisas. (...) a gente foi educado pra tipo: meus pais nunca tiveram arma em casa, meus avós nunca tiveram arma em casa... Mas no colégio era muito acentuado o preconceito com relação a isso. Acabava valendo o direito de quem tinha mais força e não de quem tinha mais argumentos. Força da crueldade, também. Criança que adora torturar o outro. Tortura de todos os tipos: torturas físicas e psicológicas. Especialmente entre os meninos. Porque entre as meninas acho que a tortura é mais psicológica.⁶⁸

Apesar de não haver referência sobre o aspecto étnico, outra questão importante para esta pesquisa aparece no relato de Corvo: a postura de omissão da escola frente a essas situações de discriminação ou desigualdade. Seja porque a escola não percebia a questão, seja porque não soubesse lidar com isso, o fato é que não havia ação direcionada a resolver ou evitar esse tipo de problema.

A experiência com a escola não foi longa com Faial já que teve pouco estímulo conforme afirma em: “Então, por exemplo, eu sou oriundo de um povo, de uma família, que nós homens não estudamos. Porque ninguém foi estimulado ao estudo. O mais moço sou eu, da família. Estudei ate o terceiro ano; formalmente estudei até o terceiro ano.”⁶⁹

A vivência que Faial possui em ambiente escolar atualmente tem sido como prestador de serviço de chaveiro e comumente é chamado às escolas da região onde mora para realizar seu trabalho. Nessas oportunidades, faz algumas observações do ambiente escolar que relaciona com a educação familiar e não exatamente sobre a escola como espaço de discriminação.

... com o anarquismo que gera nos lares que não educam seus filhos, e essa falta de educação é levada pelas crianças às escolas, eles muito pouco aprende, ou quase nada aprendem nas escolas. As meninas aprendem a se prostituir. E aqui no CIEP acontece abundantemente isso aí. Eu já fui abrir portas lá, em que eu, por exemplo, eu troquei a fechadura da sala 10, de manhã. Às onze horas estava trancada a fechadura. Aí me chamaram. “Não está trancada a fechadura, a fechadura esta aberta. Ela esta manetada, por dentro. Quer ver uma coisa que eu vou abrir a porta.” Aí eu quebrei a maçaneta, e empurrei o trinco pra dentro, meti a chave por dentro e abri a porta. (...) Aí eu entro na sala. Infelizmente eu estava sozinho. Entro na sala, dois guri em pé, uma guria e um guri fazendo cópula deitado entre as cadeiras lá no fundo. Eles estavam tão entretidos que não me ouviram. Eu digo: “O senhor vá lá na sala pra ver o quê que tá se

⁶⁸ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte3, p.5.

⁶⁹ Faial. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 4, p.2.

passando. A porta tá aberta.” Sabe o quê que eles fizeram? Nada. Não fizeram nada. Professor não tem autoridade, o quê que vai fazê? Diz o professor, na época, ele era o diretor que era o Antonio: “Tchê, eu não posso expulsá esses guri. Cada guri que eu tiver que expulsá daqui eu perco pontos para minhas promoções.” Então os professores são castrados de podê educá. Então o quê que acontece? As crianças se governam e badernam, livremente.⁷⁰

Pode-se interpretar este depoimento de Faial como um apelo à ética dos professores e dos outros responsáveis pela escola que assumam posturas mais educativas e por outro lado, um alerta à situação burocrática do professor que fica vinculada a uma lógica que mascara a realidade escolar.

Lusa também interrompeu a formação básica apesar de valorizar os estudos e o conhecimento. Prosseguiu com o ofício de cabeleireira e acabou por não dar continuidade à educação formal.

Eu estudei até o... segundo grau. Porque nós fomos... hoje somos 10 porque a gente perdeu uma irmã, né. Então como eu era a mais velha eu ajudava minha mãe muito. Em casa. E aí, eu já comecei a trabalhá bem menina, sabe!? Quando eu vim lá de fora eu já sabia trabalhá nisso aqui. [referindo-se ao salão de cabeleireira que mantém com seu trabalho]. Porque lá eu cortava pra todo mundo. Eu subia num banco desde pequena. (...) Sim. E aí eu deixei a escola por isso... e não me arrependo porque se dá, quase que se bate orelha nos ordenado, né.⁷¹ (...) Eu... eu adorava estudar, sabe?! Eu ia fazê magistério, mas o professorado que arrumava comigo, se queixavam tanto do que elas ganhavam que eu desisti.⁷²

Devido às necessidades da família, abriu mão de sua formação escolar e colaborou no investimento dos estudos dos irmãos.

... aí eu montei um salão bem grande, bem bonito nos anos 69, 70, por aí, numa avenida, lá em cima. (...) Claro, fazem 30 e poucos anos, né! Aí então a gurizada tinha que estudá, e esse aqui⁷³ [referindo-se ao dinheiro] não dava pra tudo né. Então aí eu comecei investir em cima deles. Interessante estudá. Aí eu botei tudo em cima deles: boas escolas, estudaram no Colégio de Fátima, todo o primeiro grau, aquela escola que tem ali. Todos eles passaram por ali...⁷⁴

Considera que, já que possuía uma profissão, uma fonte de renda, seria mais correto, justo, possibilitar aos irmãos o estudo, com incentivo e recursos.

⁷⁰ Faial. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 4, p.3.

⁷¹ Equivalência de valores entre o salário de quem estuda e a renda que obtém com trabalho do salão de beleza.

⁷² Lusa. Entrevista concedida em 21 de março de 2007. Parte 1, p.2.

⁷³ Expressão que significa dinheiro.

⁷⁴ Lusa. Entrevista concedida em 21 de março de 2007. Parte 1, p.2.

... e eu acho assim que, se tu já tem uma mão-de-obra, se tu cai, tu cai de pé, se tu tem uma profissão, tu cai de pé. Então tu deve investir naquele que tá crescendo. Já passou aquela fase, tu já tem um conhecimento, tu já amadureceu, tu já tem uma visão. E aqueles que tão aqui, não. Aqueles tu tem que botar tudo o que tem em cima, pra não passarem por certas coisas que tu não teria necessidade de ter passado. Então eu sempre achei que investir na educação, investir na criação das pessoas é o que tu mais rende na tua vida.⁷⁵

Sua vivência com escola, assim como a de Faial, pertence mais ao presente do que ao passado. Lusa acompanha os estudos de sua filha de criação e, quando tem oportunidade de ir à escola, procura intervir no ambiente escolar, onde afirma, em diversos momentos da entrevista, encontrar incorreções, injustiças.

Porque tudo o que existe de errado na face da terra, na vida, começa desda sala de aula. Não sei se já prestô atenção. A criança vai pra sala de aula pequenininha. Então ali ele começa a sentir a diferença entre ele e outro coleguinha do lado. Porque se ele está mais arrumadinho, então aquele ali tem mais atenção do professor. Isso aí é notório. É público e notório. Eu discuto com quem quiser isso aí. Então eu acho que dentro duma sala de aula não pode acontecê essas coisa.⁷⁶

Ainda nessa temática, Lusa acredita que sua filha sofreu discriminação em consequência de uma discordância entre ela e a diretora da escola onde a menina estuda. Numa reunião de pais, a diretora fez colocações a respeito da falta de verbas na escola a pediu contribuições dos responsáveis presentes, ao que Lusa reagiu com indignação.

... e que ela ia passá um caderno pra vê o quê que cada um podia ajudá: material de limpeza, giz, não sei o quê, não sei o quê. E que não ia ter aula por isso. Aí eu vi que o caderno ia saí e eu me levantei e disse assim: "Olha, professora, eu nunca tive aqui nessa escola, minha menina estuda aqui. Eu quero lhe dizer que eu acho que a senhora está batendo nas portas erradas. A senhora já ouviu falá em IPMF? (...) Pois ali tá todos os recursos pra isso aqui, que nós todos pagamos. Eu não vou lhe dá nem um giz e eu vô pedí pra todo mundo que não dê. Porque não é por aí que a senhora tem que fazê o trabalho. A senhora tem que ir pra televisão falá do governo. Então eu acho que não é pedindo pra mim nem pra essas criatura aqui que a senhora vai resolvê seu problema! A senhora tá batendo na porta errada!"⁷⁷

E, logo a seguir, explica como essa situação se reverteu em discriminação à sua filha, que manifestou sua opinião à época do acontecido.

⁷⁵ Idem. P. 5.

⁷⁶ Idem. P. 6.

⁷⁷ Lusa. Entrevista concedida em 29 de julho de 2007. Parte 3, p. 1.

A discriminação, já vai chegá lá. Então, é o seguinte: a minha menina rodô. [não foi aprovada para a série escolar seguinte] Então eu sei que nas escolas tem aquele acompanhamento que tu passa de ano tendo aquele acompanhamento. Tá! E ela não fez pra minha menina que rodô e eu acho que foi por causa que eu falei isso aí. E a minha guriazinha disse assim: “a minha colega passou que era mais burra do que eu!” (riso) Ela dizia: “Ela me roubou. Foi porque tu brigô, vó.” Foi o que ela disse pra mim. Isso são coisas que acontecem e que as crianças ficam chateadas.⁷⁸

A colaboradora afirma que as crianças percebem quando passam por alguma situação de discriminação. E é esclarecedor que a colaboradora enxerga a escola como um espaço discriminatório tanto entre professor e aluno, como na situação de preferência pelo aluno “mais arrumadinho”, como em relação à professora e o responsável pela criança, agindo contra esta última numa atitude de perseguição política.

Por fim, o último aspecto a ser analisado nos três depoimentos refere-se ao reconhecimento do que há de mais valioso na cultura da família, sob o ponto-de-vista dos colaboradores. Esta abordagem permitiu observar até que ponto a educação familiar orientou as atitudes e idéias dessas pessoas no relacionamento social.

As atividades profissionais de Corvo se desenvolvem junto a uma instituição de ensino de nível superior na cidade de Santa Maria, como editor gráfico de uma revista produzida no campus dessa universidade. Além desse trabalho, ele desenvolve pesquisas com acervos documentais históricos que têm como tema básico o Rio Grande do Sul. Já possui mais de uma publicação a cerca desse assunto que pesquisa por vontade própria, utilizando fotografias, documentos escritos, narrativas de viajantes.

... o que tem talvez de mais valioso na cultura das famílias... são as pessoas. Cada uma delas que eu conheci ou dessas que eu não conheci, mas que eu fiquei sabendo algo sobre elas, o que faziam, o que deixavam de fazer... a trajetória das pessoas... (...) Até pela ausência de outros ingredientes, materiais, costumes mais pronunciados... Eu diria que seja as pessoas e aquilo que elas aprenderam, que elas vivenciaram, o que transmitiram pros seus filhos.⁷⁹

Pode-se inferir que no caso deste colaborador, a ênfase dos avôs em certos valores como honestidade e respeito ao outro e a trajetória da sua família ligada à história do estado do Rio Grande do Sul, tiveram efeitos positivos. Foram

⁷⁸ Idem. P.2.

⁷⁹ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 4, p. 4.

considerados como importantes para a vida a ponto de serem perpetuados por Corvo, na sua prática profissional e no relacionamento com a família.

Faial apresenta ao longo da narrativa, situações que viveu e que se tornaram lições para a sua vida, idéias que defende embasadas na experiência pessoal ou nas lembranças dos ensinamentos dos pais:

... eu aprendi a ser. E não a ter. ... posso te dizer que foi a coisa mais bonita que a família nos ensinou. Ela sempre dizia: tu é igual a qualquer preto. O meu irmão que não gostava de preto. Já falecido. E ela dizia prele: "Tu, tu é igual a qualquer preto. Tu acha que tu vai feder menos depois que tu morrê? Não. Vai fedê igual a ele."⁸⁰

O velho meu pai, por exemplo, ele nos deu o exemplo, de como fazer as coisas bem feitas. Se ele ia fazer um chiqueiro, ele fazia milimetricamente correto, ponto com ponto. Se ia fazer uma casinha no fundo do quintal, uma latrina, mesma coisa. (...) Tudo o que tinha que ser feito, merecia ser bem feito. Eu aprendi sem ele me dizer. Eu, tudo que procuro fazer, eu procuro fazer bem feito, principalmente aquilo que vai servir outras pessoas. (...) Então eu não tenho, por exemplo, assim, ó, herança cultural, de estudo, de profissão... Então um homem tinha que ser aquilo pra que ele sabia fazer... Então vejamos que uma vez, não sei qual foi dos meus irmãos que disse: "Papai, o senhor me ensina a cortar cabelo?". O velho sabia várias coisas. Todos os portugueses, os descendentes de judeu que vieram, eles sabiam fazer várias coisas. Não tinha um homem que soubesse fazer só um ramo de uma coisa, sabia fazer várias. Então, o papai ele era barbeiro, ele era cabeleireiro ele fazia escultura de barro, fazia escultura de madeira, fazia escultura de chifre, construía em alvenaria, fazia carreta, fabricava carroça, construía cata-vento, levante para lavoura de arroz, pra botá água. (...) A mamãe também! A mamãe era capaz de carnear um porco sozinha! Sangrá e carnear ele, deixar ele pronto. Ela sabia fazer charque, lingüiça, queijo de porco, torresmo, salame, fazia queijo de leite, castrava porco se tinha necessidade, se não tinha ninguém em casa para castrar aqueles leitões.⁸¹

Porque naquela época que eu vivi com a minha família, nós nos preocupávamos em ser. Sermos amigos, sermos bons filhos, bons pais, sermos bons cidadãos, sermos dignos, sermos trabalhadores, sermos eficientes naquelas coisas que fazíamos. Hoje em dia, não! É ter! Todo mundo quer ter: tu comprou um automóvel hoje, tu já qué trocar ele o ano que vem! Tu comprou uma televisão nova, já qué trocá outra, e assim vai indo. Então é, o ter hoje substituiu o ser. Então o indivíduo se tornou materialista e egocêntrico. Hoje em dia o orgulho a gente vê estampado nos olhares de todos, mesmo no seio da igreja. Às vezes eu fico estarecido assim. Então isso, ser, na minha casa, eram ensinados desde pequenininho. "Vai tomá banho para não ser relaxado! Não seja relaxado! "Vai tomá banho para andar limpo!". Era ser!⁸²

Faial preocupa-se com a formação das pessoas que freqüentam a igreja em relação à espiritualidade e ao caráter. Aparece certa coerência entre o que guarda

⁸⁰ Faial. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 6, p.5.

⁸¹ Faial. Entrevista concedida em 24 de março de 2007. Parte 6, p.2.

⁸² Faial. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 3, p.3.

de importante da sua história no seio da família e o que desenvolve hoje como atividade básica diária. A preocupação com o 'ser' que surgiu na educação familiar reflete hoje na sua prática diária, na sua atividade religiosa.

Por fim, questionada sobre o que havia de mais valioso na cultura da família, Lusa respondeu:

O amor. Porque onde não existir o amor não vai existir a cultura. As pessoa tem que se amar, tem que se querer bem. Por quê? Uma família onde as pessoas não se amam, aquela família fica dispersada. Saem assim, uns maduro outros prematuro, outros não se sabe como. Então se não houver o amor... esse amor vai manter aquele ímã. O amor é como um ímã que une as coisas.⁸³

Mesmo que aludindo um sentimento, podemos relacionar a vivência infantil, de alegria, afeto e bondade da família ao sentimento amor, que se destaca como um elo que liga as pessoas na família e, sem o qual ela se dispersa.

Nos três depoimentos observamos que as experiências de infância apareceram em suas manifestações próprias em fase adulta de forma a conduzir pensamentos, atitudes e vida profissional dos colaboradores.

Considerando a trajetória de cada um dos colaboradores, podemos concluir que as experiências do passado, da infância interferem fortemente no agir adulto. A interferência não é previsível a ponto de imaginarmos que uma pessoa criada num ambiente de máxima compreensão e tolerância venha a ser o extremo dessas duas atribuições. Haja vista o colaborador Faial, que apesar de afirmar categoricamente que não havia preconceitos em sua criação, apresenta em suas análises sobre a cultura portuguesa claramente atributos pejorativos, contrariando sua postura inicial de respeito às diferenças.

A forma de transmissão de valores na família, no convívio, objetivo perseguido nesta pesquisa, sem dúvidas foi através do exemplo e da convivência. Os excertos dos depoimentos apresentados ressaltam direta ou indiretamente a força do mostrar, do ensinar, do exemplificar presente nas atitudes dos familiares dos nossos colaboradores. Há que se considerar, portanto que, embora a família tenha um papel fundamental na formação do indivíduo e na condução de suas atitudes, ela não é determinante nem definitiva.

⁸³ Lusa. Entrevista concedida em 04out2007. Parte 3, p.2.

O caso de Faial é exemplar neste sentido. Embora tivesse orientações de que todos merecem a mesma consideração e tratamento ficou expresso que após a maturidade, ao conhecer as relações entre portugueses e judeus, e posteriormente, açoritas, desenvolveu uma forma de antipatia pelos portugueses. Esta constatação aparece em seu depoimento quando subestima o aspecto gastronômico e comercial da cultura portuguesa, fundada nas atividades comerciais que, embora ele não mencione, remontam aos primeiros povos que ocuparam a Península Ibérica desde o século XII a. C. por fenícios, gregos e romanos, que exerciam comércio por todo o Mar Mediterrâneo.

A discriminação constatada durante a pesquisa ocorreu no ambiente escolar, mas não pelo aspecto étnico. Foi possível notar que diversas formas de preconceito aparecem. Pelo aspecto político, a discriminação fora vivenciada por Lusa no episódio relativo à reprovação do ano escolar de sua filha, que julga ter sido por perseguição política. No caso de Corvo a discriminação apareceu pelos aspectos econômicos e físicos. Meninos de famílias abastadas, tratados com preferência sobre os de famílias menos favorecidas, se julgavam à vontade para tratar com violência os outros garotos. A escola, em atitude de favorecimento a esses meninos, por consequência não tomava medidas para dissolver a violência física e psicológica que praticavam, caindo em omissão.

A última pergunta da entrevista tinha como objetivo estimular o colaborador a refletir sobre qual dos ensinamentos proporcionados pela experiência com a família teria sido mais marcante em nível de orientação para a vida. Por meio desta informação poderia se inferir em que aspecto a família exerceu maior influência sobre o indivíduo.

Faial considerou que em virtude da situação de pobreza da família, as orientações de atitudes e comportamentos estavam pautados na idéia de 'ser' por oposição a 'ter'. Ser honesto, ser limpo, ser trabalhador: "Culturalmente é como eu te digo: eu aprendi a ser. E não a ter. Isso aí era... posso te dizer que foi a coisa mais bonita que a família nos ensinou."⁸⁴. Demonstra o valor que dá a esse ensinamento por preocupar-se em transmitir isso aos filhos: "Então, isso eu já consegui colocar nos meus filhos homens, no sentido "Te prepara para ser.", não para ter! Te prepara para ser, ser é melhor que ter."⁸⁵

⁸⁴ Faial. Entrevista concedida em 21 de abril de 2007. Parte 6, p.5.

⁸⁵ Faial. Entrevista concedida em 24 de março de 2007. Parte 4, p.4.

De certa forma, a visão de Corvo coaduna com a visão de Faial no sentido da transmissão, de legado de avós, de pais para filhos: “Eu diria que sejam as pessoas e aquilo que elas aprenderam, que elas vivenciaram, o que transmitiram pros seus filhos... Acho que foi isso.”⁸⁶.

Tanto Faial quanto Corvo, cada um à sua maneira, revelam a importância que atribuem à transmissão de cultura entre as gerações. Ambos pesquisam a história da ascendência, revelando com isso a valorização da família e da herança cultural.

Lusa atribui a um sentimento amor a essência da união da família, pois estando próximas por se amarem, as pessoas convivem e mantêm sua cultura:

O amor. Porque onde não existir o amor não vai existir a cultura. As pessoa tem que se amarem, tem que se quererem bem. Por quê? Uma família onde as pessoas não se amam, aquela família fica dispersada. Saem assim, uns maduro outros prematuro, outros não se sabe como. Então se não houver o amor, isso aí é uma coisa que vai acontecê assim, ó: esse amor vai manter aquele ímã. O amor é como um ímã que une as coisas.⁸⁷

A preocupação maior que motivou esta pesquisa tem neste ponto o seu auge: como as famílias dos colaboradores transmitiram sua cultura, quais os aspectos mais marcantes nelas e como a escola pode interpretar essas informações para a melhoria do trabalho com os discentes.

O aprendizado da cultura familiar, no que se observou nesta pesquisa, se deu pela prática, pelo trabalho, pelo exemplo dos pais aos filhos. A preocupação em ensinar a ser, a transmissão de cultura pela vivência e a união da família através do amor, sentimento capaz de unir as pessoas são importantes indicações para a adoção de posturas docentes que considerem o exemplo, vivência e o bom relacionamento humano como itens constantes em sua prática educativa.

⁸⁶ Corvo. Entrevista concedida em 20 de abril de 2007. Parte 4, p.4.

⁸⁷ Lusa. Entrevista concedida em 04 de outubro de 2007. Parte7, p.2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS AONDE CHEGAMOS?

5.1 Quem sou eu? O nascimento da pesquisa

O interesse do pesquisador em investigar um tema não parte somente da necessidade de solucionar problemas de importância social. Ele também surge da inquietação pessoal e humana do indivíduo em confronto com suas experiências de vida, suas preocupações emocionais, existenciais.

A busca pela investigação acerca do preconceito étnico e da formação familiar de indivíduos neste tema parte de uma vivência, de uma experiência pessoal, única. A minha infância e adolescência construídas sobre a convivência com crianças filhas de italianos, japoneses, chineses, espanhóis, portugueses, alemães, afro-descendentes e judeus, com suas culinárias, suas religiões e vocabulários apresentou-me um mosaico de culturas jamais esquecido.

A cidade de São Paulo, um fractal do mundo, é a base da minha formação humana e intelectual e é, acima de tudo, a inspiração para esta pesquisa. Palco de convívio e de conflito entre etnias, foi nessa cidade que vivenciei diferenciações e preconceitos que hoje me levam à busca de respostas para questões do meu passado individual, mas que também é coletivo.

Santa Maria não é exatamente uma cidade em que todas as culturas estejam representadas. Mas possui uma característica importante para este tema que é a atração de pessoas oriundas das mais diversas regiões do país. Elas chegam e saem dando à cidade ares de área de migrações constantes e que, portanto recebe as diferentes culturas em seu dia-a-dia.

5.2 Quem são os outros? O caminho às respostas

Investigar as formas de transmissão cultural no convívio familiar tendo como principal fonte de pesquisa as narrativas de descendentes de imigrantes, demonstra a preocupação com a convivência humana, com o respeito ao diferente e com a preservação da paz. A formação da criança nas primeiras etapas da vida se expressa na escola, no trabalho e na relação social. A criança, razão de ser dos educadores, das escolas, merece todo o respeito e atenção preconizados pelas leis e pelas convenções sociais. Educá-la para a paz é lutar contra discriminações e injustiças. Entender como ocorre o desenvolvimento da formação de valores étnicos na criança pode contribuir para a prática docente na solução de conflitos no ambiente escolar.

O comportamento adulto, formado desde a infância em vários espaços de convivência, reflete não apenas a influência daqueles com quem a criança se relacionou. Demonstrem também como esses adultos incorporaram em seus valores as diversas experiências ocorridas em várias fases da vida. Seus conhecimentos adquiridos pelo estudo, pelo trabalho, pelos envolvimento pessoais.

A preocupação que subjaz à pesquisa está em como aproveitar as experiências e as informações em prol de melhor lidar com o universo discente. Esta investigação está pautada por essa motivação maior, e que suplanta as outras de ordem pessoal e emocional.

A colônia de colaboradores, embora pequena do ponto de vista quantitativo, correspondeu em qualidade às necessidades de respostas à problemática apresentada. As vivências de Corvo, Faial e Lusa, analisados através das narrativas direcionadas para a educação familiar na vivência infantil e as percepções de discriminação étnica, permitiram algumas elucidações.

Primeiramente, as práticas familiares que se constituíram em formas de transmissão de cultura ou de valores se apresentaram no universo infantil de Lusa e Faial pelo exercício do trabalho. As relações de trabalho entre o avô e o pai de Lusa e os trabalhadores em suas fazendas ultrapassava o âmbito do acordo trabalhista e de sobrevivência. O convívio diário levava à solidariedade e à confiança mútua. A infância de Faial no interior do Estado do Rio Grande do Sul numa época de poucos recursos para toda aquela população levava ao convívio em relações de

solidariedade e respeito. Corvo também aponta para o reforço dos avôs em aconselhar as crianças à honestidade e ao respeito. Porém pela prática do aconselhamento, da conversa de adulto preocupado com a formação dos descendentes.

Ainda no que se refere à transmissão de cultura entre gerações, o aspecto étnico, ponto-chave neste trabalho, foi percebido como de menor ênfase para a cultura familiar. Tanto no que toca à preservação da cultura de origem quanto no que se refere ao respeito ao outro, ao diferente. O fato de Faial e Corvo só saberem da origem açoriana de suas famílias em idade adulta significa que seus ascendentes deram pouca ênfase à questão da cultura familiar e dos aspectos étnicos que caracterizam essa cultura. Pode-se afirmar isso ao menos no que se refere a elementos identificadores como: nome da etnia, culinária, histórias dos povos daquela origem. Quanto ao aspecto respeito ao diferente, aos outros, as atitudes e episódios narrados demonstram respeito, mas não há indicativos de uma ação da família em orientar para a não-discriminação do diferente.

As narrativas dos colaboradores apontam para o fato de que embora houvesse na família aconselhamentos, exemplos e, em menor medida, conversas, essas práticas não foram determinantes para o comportamento adulto. Faial é nosso alerta para isso ao tecer comentários depreciativos sobre portugueses após ter afirmado que em sua família ele aprendeu a não discriminar ninguém. Então, embora a cultura familiar aponte o caminho para o caráter, as atitudes, a definição de alguns valores, ela não é determinante no que se refere à formação de valores, nos casos analisados.

5.3 Como estamos? Resultados e idéias

Todas as opções feitas na história desta pesquisa, desde a decisão em concorrer à vaga acadêmica no programa de pós-graduação até a organização do texto final, intermediado pelas discussões teóricas, pelo trabalho de campo, pelas amizades e angústias trocadas entre os demais mestrandos, são a construção de uma nova pessoa. As situações novas levaram a reflexões importantes que

provocaram revisão de paradigmas, mudança de valores, alterações de saúde, novos olhares sobre a convivência e sobre a educação escolar.

Este estudo foi inicialmente motivado pela constante alusão que se faz nas reuniões pedagógicas escolares a respeito da responsabilidade da família sobre a determinação do comportamento da criança. Entendendo por comportamento, não só o relacionamento com os colegas e o convívio em todos os espaços escolares, mas também o auto-cuidado, a higiene, a alimentação, a responsabilidade com seus materiais e estudos.

Acreditava-se que a resposta a ser encontrada para as indagações apresentadas ao início do projeto – a hipótese – era a que as relações iniciais do mundo infantil, aqui representadas pela família, eram a base determinante do comportamento infantil. Então se a criança não se dá bem com os colegas, ou é uma pessoa muito inquieta e falante, ou ao contrário muito introspectiva, provavelmente tem suas raízes nas relações que antecedem o mundo escolar.

As análises das narrativas e o estudo a respeito da formação da personalidade evidenciaram que as relações iniciais são um dos componentes que constrói o modo de ser da pessoa. A própria relação com os colegas, a empatia ou não com determinados grupos, o sentimento de aceitação, a violência implícita presente na escola, o ambiente da sala de aula, da vizinhança onde mora, as condições econômicas da família, os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, o mundo do trabalho, são todos estes fatores que interferem na formação do indivíduo.

Assim, hipótese inicial era que a base de toda a formação da pessoa era a família, levava a crer que a escola pouca responsabilidade tinha sobre a presença de conflitos e preconceitos de qualquer natureza. Depois de ter percorrido este caminho investigativo e reflexivo, a escola já aparece como elemento coadjuvante no surgimento de problemas escolares. Seja por omissão diante de problemas, seja pela falta de iniciativa ou despreparo na solução dos mesmos, a escola aparece também como responsável simplesmente pelo fato de ser o espaço de convívio onde as relações se desenvolvem.

O que antes parecia ser um problema que já se iniciara resolvido – a escola não tem responsabilidade por nada – abriu a possibilidade de se pensar a escola como co-responsável pela educação e desenvolvimento pessoal do indivíduo em formação. Sendo assim, a escola, ao assumir a influência que exerce na construção de valores e de personalidade dos indivíduos, possui todas as condições para se

lançar ao trabalho direcionado de formação de valores, longe da omissão ou do despreparo. Visto que as opiniões, as atitudes das pessoas são reelaboradas constantemente, há espaço para a atuação escolar nesse sentido, de formação para a paz.

Concluir esta conversa sem mencionar as modificações em dimensão pessoal seria uma contradição, visto se lidar com experiências de vida. Seria se furtar a admitir que, fruto de toda essa coletividade, essas análises atingem o lado emocional das pessoas envolvidas.

Inegavelmente as análises teóricas acerca do social transcendem para o nível pessoal e emocional. A cada dia é preciso muito mais flexibilidade, cautela, rigor ético, solidariedade e autonomia ao se tomar cada decisão. Ter como fonte para uma pesquisa a memória de alguém, suas lembranças íntimas e pessoais exigem respeito e equilíbrio emocional. Por outro lado, expor sua intimidade, sua história familiar, seu ambiente de trabalho ou moradia para uma pessoa totalmente desconhecida, e que passa a registrar sua voz, sua imagem para fazer um trabalho totalmente inesperado, também é sinal de despojamento e de solidariedade.

As histórias individuais de colaboradores e pesquisadora se entrelaçaram. Ainda que não se tenha grande amizade ou alguma intimidade, os momentos aqui compartilhados expressam a condição em que se encontram no mundo. Todos têm, além da alma que personaliza o espírito, um corpo físico por onde corre um sangue que tem a mesma cor para todos, sejamos brancos, negros ou mestiços. É o que esquentava e que dá energia para sorrir diante da visão de um novo horizonte, um novo limite, apenas mais um. Para os homens, para as escolas, um novo limite é possível.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

Corvo. Entrevista concedida no dia 20 de abril de 2007.

Faial. Entrevistas concedidas nos dias 24 de março, 21 de abril e 2 de junho de 2007.

Lusa. Entrevistas concedidas nos dias 5 e 21 de março, 29 de julho e 4 de outubro de 2007.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BARROSO, V. L. M. (Org.) **Açorianos no Brasil: história, memória, genealogia e historiografia**. Porto Alegre: EST, 2002.
- BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria 1797-1933**. 3. ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.
- CAMBI, F. “A segunda metade do século XX: ciências da educação e empenho mundial da pedagogia”. In: _____. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999. p. 596-643.
- CARVALHO, D. V. de. “**Entre a solidariedade e a animosidade**”: Os conflitos e as relações interétnicas populares. Santa Maria – 1885 a 1915. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- CUNHA, J. L. da. “O Rio Grande do Sul e a Colonização Alemã entre 1824 e 1830” In: QUEVEDO, J. (Org.) **Rio Grande do Sul: quatro séculos de história**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.
- FARINATTI, L. A. E. **Sobre as cinzas da mata virgem**. Lavradores Nacionais na Província do Rio Grande do Sul (Santa Maria, 1845-1880). 1999. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- FERNANDES, Florestan. **A Organização Social dos Tupinambá**. São Paulo: Hucitec/Ed. da UnB, 1989.
- FLORES, M. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ediplat, 2006.
- FORTES, J. B. **Os casais açorianos: presença lusa na formação do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.
- FREITAS, S. M. de F. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- HALL, C. S. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: EPU, 1984. V.1.
- KÜHN, F. **Breve História do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LOBO, M. E. L. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MARTINS, A. A. "Imigrantes esquecidos na fronteira norte. Açorianos na colonização e na cultura. Maranhão, século XVII". In: BARROSO, V. L. M. (org) **Açorianos no Brasil**. Porto Alegre: EST, 2002.

MATURANA, H. R. e VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. "Palavras do Editor". In: **Revista História Oral**. São Paulo, n. 1, p. 7-9, jun 1988.

MORIN, E. "Determinismos culturais e efervescências de cultura". In: _____. **O Método 4**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

OLIVEN, R. G. **A Parte e o Todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: história. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino médio. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

SILVEIRA, G. P. G. da. "Famílias açorianas em Canguçu, Piratini, Herval, Santa Maria, Vila Rica, São Martinho e Tupanciretã". In: BARROSO, V. L. M. **Açorianos no Brasil**. Porto Alegre: EST, 2002.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. História Oral. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

TREVISAN, A. F. "Casa Branca – São Paulo. A povoação dos ilhéus." In: BARROSO, V. L. M. **Açorianos no Brasil**. Porto Alegre: EST, 2002.

OUTRAS OBRAS CONSULTADAS

FERREIRA, M. de M. "Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil". In: **Revista História Oral**. São Paulo. n.1, p.19-30. jun 1988.

GUARINELLO, N. "Breve Arqueologia da História Oral" In: **Revista História Oral**. São Paulo. n. 1, p. 61-66. jun 1988.

LAYTANO, D. de. **Arquipélago dos Açores**. Porto Alegre: EST, 1987.

NOSELLA, M. de L. C. D. **As belas mentiras**. A ideologia subjacente aos textos didáticos. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1981.

Revista **Trabalhadores**: Imigrantes. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas. Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1989.

WIEDERSPAHN, H. O. **A Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes / Instituto Cultural Português, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Anúncio

CLASSIFICADOS DO DIÁRIO - SÁBADO, 27 DE JANEIRO DE 2007

Outros Produtos

VENDE-SE mesa de som AMP. EQ. micro Tr.(55) 9105-0081

TERRENO 2 lugares cemitério Santa Rita F: 8401-5934

COMPRA-SE Centrifuga p/mel F:3226-1686

VENDE Fridge Consul 220L e balcão Frigorífico F:3028-4148

VDO Mesa de Bilhar, semi-nova F:3213-5715/9128-8870

SERVIÇOS

Advogados

Advocacia
Dr. Luiz Pedro Oliveira
Direito Empresarial
Direito Trabalhista
Direito Previdenciário
Rua Alberto Pasqualini, 121 sala 604
(55) 3025 5888
Ed. Continente - Santa Maria - RS

Sebo Cafe
COMPRÁ, VENDA E TROCA DE LIVROS NOVOS, USADOS, RAROS, ANTIGOS, DISCOS DE VINIL, REVISTAS E C.D.'s.
Rua Floriano Peixoto, 1303/01 - Centro
Próx. ao Colégio Santa Maria
Telefone: (55)3221-9714
E-mail: sebocafe@gmail.com
www.sebocafe.estanovirtual.com.br

GLAUBER RIOS, ADVOGADO-Direito Civil(Família, Sucessões, Contratos, Locações, Consumidor, Indenizações), agrário, Ambiental, e Trabalhista. Rua do Acampamento, 858, sala 504 F: 3028-7338 Santa Maria -Rs

Aulas Particulares

AULA de língua de sinais. Fone:8404-3323

Avisos Religiosos

ORAÇÃO dos Anjos em 1 lugar mais alto q sua cabeça, acenda 3 velas brancas em 1 prato c/água e açúcar .Ofereça aos 3 anjos protetores :Gabriel, Rafael, e Miguel .Faça 3 pedidos, 2 difíceis e 1 impossível. Publique no 3º dia e observe o que acontecerá no 4º dia. Agradeço graças alcançadas.S.M.O.F.

Clínicas

RESIDENCIAL GERIÁTRICO VIDA E SAÚDE
Assistência ao Idoso
ENFERMAGEM 24H
HOSPEDAGEM PERMANENTE E TEMPORÁRIA
R. Antônio Felício Poletto, 196
Vila Formosa - Bairro Urutanda
Fundos Uglione
F: 3211-4495 / 9118-8661

Colégios

PESQUISA UFSM

PESQUISADOR procura descendente portugueses e açorianos p/pesquisa histórica. (55)91447814 (corsabad@hotmail.com)

COLÉGIO MILITAR

Vendo unif usado CMSM idade 10 a 13 e livros didáticos 7ª série. F:3217-4099/9141-7594

Consertos Eletrodomésticos/Eletrônicos

TÉCNICO especializado máquina Lavar, geladeira, freezer e ar cond. Orç gratuito 3223-7737

Construção/ Reforma/Manutenção

SÓ PEDRAS

Material de construção Tipo 6 furos o milheiro R\$ 200,00, pré laje R\$ 14,50 e cimento R\$ 16,50. F: 3212-2323

CASA/PROJETOS

Projetamos e Legalizamos sua casa a partir de R\$ 250,00 F:3212-4772 / 3221-5688

MICRO estacas,fundação econômica F:9994-9889 c/ Nelson

AUGUSTO reformas estalação elétr e hidropinturas casa e apartamentos F: 9907-9426

Consultorias/Contadores

GRÁFICA: Impressão Notas Fiscais, TI pedidos, Cartões, Convites, Cartazes, Receituários, etc... 3222.9220 - 3026.9221

Desentupidoras/Deletizadoras

Encanamentos Santa Maria

Instalações Hidráulicas em Geral e esgoto.
Fazemos Reformas, com garantia
Passo C/PI e Nota Fiscal.
F: 3213.4362 e 9953.7365

Entretenimento e Lazer



• Espaço para Brincar
• Salão de Festas
• Animação
• Locação de Brinquedos
F: 3217.0147-3219.3481
9963.0097

GUITARRA - Tagima Stratocaster e pedal Delay Ibanez. T. 3222-3292 c/ Eduardo.

Esteticistas/Cabeleireiros

Cia da Beleza
Cortes, Mãos e pés, hidratações, tinturas, esboços definitivos e progressivos, estética facial e corporal...
F: (55)3223-3043
(em frente ao Shopping de Beito, esp. de Bezzoni)

Festas/Bufet

Chrisma
DECORAÇÃO EM FESTAS DE FORMATURAS, CASAMENTOS, ANIVERSÁRIOS E EVENTOS. ALUGAMOS MATERIAS E LOUÇAS
RUA TAMANDAY, 499
NSA. SRA. DE LOURDES
FONES: (55) 3223.2522 9961-6664
SANTA MARIA - RS

ZAZÁ RECREAÇÕES

Personagens para eventos em geral,aluguel de fantasias, karaokê e cama elástica.
F:32111255/99562326

ROSAS OUROS

Decoração, filmagem, telão, foto...

APÊNDICE 2

Roteiro de Entrevista

1. O que você sabe sobre a origem de sua família? **(EXPLORAR DETALHES: LOCAL DE ORIGEM, COMO FOI A VIAGEM ATÉ AQUI? QUANDO CHEGARAM À CIDADE? NÚMERO DE INTEGRANTES QUANDO DA CHEGADA, NÚMERO DE INTEGRANTES ATUALMENTE, TEM MEMBROS DA FAMÍLIA EM OUTRAS REGIÕES DO ESTADO OU DO PAÍS? A FAMÍLIA VEIO TODA PARA ESTA REGIÃO DO ESTADO OU SE FRAGMENTOU?)**
2. Como você tomou conhecimento da sua história familiar?
3. Como surgiu seu interesse pelo conhecimento da história dos seus antepassados?
4. Como foi o estabelecimento de sua família no Brasil e, particularmente em Santa Maria? **(EXPLORAR: CONSTRUÍRAM SUAS MORADIAS OU COMPRARAM MORADIAS PRONTAS? COMO ERAM ESTAS MORADIAS? TIVERAM ALGUM APOIO DO GOVERNO FEDERAL OU ESTADUAL? ERAM COMERCIANTES, PRODUTORES RURAIS OU TRABALHADORES ASSALARIADOS?)**
5. Como se desenvolveu a história de seus avós e seus pais até você?
6. Quais foram as dificuldades de sobrevivência enfrentadas pelos familiares antigamente? **(EXPLORAR: QUAIS ERAM SEUS ALIMENTOS? COMO PREPARAVAM SEUS ALIMENTOS? A FAMÍLIA SE REUNIA PARA FAZER AS REFEIÇÕES? COMO ACONTECIAM AS REFEIÇÕES? O QUE PLANTAVAM? COMO SE VESTIAM? COMO O CLIMA INTERFERIU NA FORMA DE VIVER? JÁ HAVIA HABITANTES LOCAIS QUANDO CHEGARAM? HOVE CONFLITOS COM ESTES HABITANTES? COMO SE DAVA O COMÉRCIO? QUAL ERA A IGREJA FREQUENTAVAM? A IGREJA JÁ EXISTIA OU FOI CONSTRUÍDA POR ELES? HAVIA ESCOLAS OU FORAM CONSTRUÍDAS POR ELES?)**
7. Como superaram essas dificuldades?
8. Quais são as maiores dificuldades, atualmente?
9. Como faz para superá-las?

10. Como se deram as escolhas de estudo das pessoas da família? **(EXPLORAR DETALHES: TEM MEMBROS DA FAMÍLIA QUE FEZ OU FAZ CURSO SUPERIOR? ALGUM MEMBRO DA FAMÍLIA FOI ESTUDAR FORA DO ESTADO OU DO PAÍS?)**
11. Quais fatores influenciaram essas escolhas? **(EXPLORAR DETALHES: A ESCOLHA POR UMA DETERMINADA ESCOLA TEVE ALGUM MOTIVO ESPECIAL: PREÇO, QUALIDADE, LOCALIZAÇÃO?)**
12. Como se deram as escolhas de trabalho das pessoas da família? **(EXPLORAR DETALHES: SEGUIRAM AS PROFISSÕES OU ATIVIDADES DOS PAIS OU AVÓS? POR QUE SIM OU POR QUE NÃO?)**
13. Quais fatores influenciaram essas escolhas? **(EXPLORAR DETALHES: OPORTUNIDADES LOCAIS, ACONSELHAMENTO DA FAMÍLIA?)**
14. Quais são as tradições culturais de sua família que ainda se mantêm?
15. Quais são as tradições culturais de sua família que se perderam no tempo?
16. Como as tradições culturais de sua família foram passadas pelas gerações? **(EXPLORAR DETALHES: HAVIA REUNIÕES FAMILIARES PARA ALGUMA COMEMORAÇÃO ESPECÍFICA; ANIVERSÁRIOS, FESTAS RELIGIOSAS? ALGUÉM DA FAMÍLIA MANIFESTOU (OU MANIFESTA) DESEJO DE RETOMAR ALGUMA TRADIÇÃO PERDIDA? HAVIA BRINCADEIRAS NOS TEMPOS DE CRIANÇA QUE SOMENTE OS MEMBROS DA FAMÍLIA CONHECIAM?)**
17. Quais elementos da sua tradição familiar você considera que diferenciam a sua família das outras que vivem nesta região?
18. Quais são os elementos da sua tradição familiar que têm sido mais valorizados (religião, tipo de trabalho, estudo, vida doméstica, etc.) na sucessão de gerações?
19. Algum parente já organizou algum arquivo de memórias da família, como álbum de fotografias, cartas ou textos escritos? **(EXPLORAR: ÁRVORE GENEALÓGICA, FOTOGRAFIAS, PEQUENAS FILMAGENS)**
20. Por que o parente fez ou faz esse tipo de arquivo da família?
21. Você sabe informar se sua família sofreu algum tipo de discriminação por serem estrangeiros ao se estabelecerem no Brasil? Pode dar exemplos?
22. Você recorda de algum caso de discriminação sofrido por algum familiar na escola, no trabalho ou na igreja em função de suas origens ou de suas tradições

familiares? **(EXPLORAR: AS PESSOAS (CONHECIDOS, COLEGAS DE ESCOLA OU DE TRABALHO) SABEM QUE SUA FAMÍLIA É CONSTITUÍDA POR DESCENDENTES DE PORTUGUESES?)**

23. Em relação às tradições familiares, recentemente a sua família já sofreu ou sofre algum tipo de discriminação na vizinhança, no trabalho, na igreja ou na escola? Pode dar exemplos?
24. Você considera que em algum momento sua família manifestou restrições em relação a aspectos culturais de pessoas de outras origens étnicas (italianos, alemães, africanos e seus descendentes)? Pode citar exemplos?
25. Vocês já conversaram a respeito das situações de discriminar ou ser discriminado em relação às suas origens familiares?
26. Por que você acha que existem discriminações entre as pessoas em relação às suas origens?
27. Pode explicar as razões desse sentimento entre as pessoas ou os povos?
28. Qual a interferência dessa situação (discriminar ou ser discriminado) no comportamento da família na escola, na igreja ou no trabalho?
29. Como procuraram agir no seio da própria família em relação a esse tipo de conflito **(EXPLORAR: PENSARAM EM CONVERSAR COM AS PESSOAS OU CONVERSAR ENTRE SI, MUDAR AS ATITUDES EM RELAÇÃO AO ASSUNTO?)**?
30. Você acha que as tradições culturais da família têm se mantido através das gerações ou tem diminuído com o passar do tempo?
31. Quais aspectos da cultura familiar de origem portuguesa você considera que fazem parte da atual cultura gaúcha **(EXPLORAR: VESTIMENTA, ALIMENTAÇÃO, DANÇAS, TOCAR INSTRUMENTOS MUSICAIS, FREQUENTAR CTGs, IR A FESTIVAIS DE MÚSICAS REGIONAIS? TRADICIONALISMO/NATIVISMO)**?
32. Como você acha que a escola poderia contribuir para que as tradições familiares fossem preservadas?
33. Você acha que a religião tem alguma importância na preservação das tradições familiares?
34. A religião de sua família se alterou com o passar do tempo? Quais os motivos dessa alteração?

35. Você conhece alguma história da família que possa mostrar a importância das tradições familiares?
36. O que você acha que há de mais valioso na cultura de sua família?
37. Você gostaria de fazer algum comentário sobre o assunto desta entrevista ou da pesquisa ou sobre algo que julga importante para o trabalho?

APÊNDICE 3

Mensagem eletrônica

de Dalila Varino <dalisvarino@gmail.com>

para

data

assunto

enviado por

Boa tarde, Prof Gustavo,

11/01/07

g_py@terra.com.br

11/01/2007 14:40

Pesquisa sobre descendentes açorianos no RS

gmail.com

sou mestranda na área de educação na UFSM e pesquiso educação familiar com descendentes dos primeiros povoadores de Santa Maria-RS. Consultei seu texto no livro organizado pela profª Vera Barroso e consegui levantar alguns nomes. Porém para chegar aos descendentes preciso aprofundar a pesquisa. Notei que as mulheres não herdavam o sobrenome do pai, em geral só o da mãe. Não consegui nenhuma informação sobre como era o costume no século XIX e quando mudou esta forma de registro de nomes dos filhos nascidos no Brasil. Gostaria de alguma ajuda sua no sentido de esclarecer essa dúvida para que prossiga na busca com mais fluência indo aos cartórios, etc. Preciso localizar esses descendentes para poder realizar as entrevistas. Acho que um trabalho com história oral e educação enriqueceria sobremaneira os trabalhos que já foram produzidos sobre a temática.guardo ansiosamente sua resposta agradecendo antecipadamente,
Dalila Flora Cardoso Varino

Gustavo Py Gomes da Silveira 13/01/07

Prezada Dalila Flora Cardoso Varino

Sobre o registro dos sobrenomes, desde que existem anotações desses dados vitais - basicamente na igreja católica, os batismos registravam apenas o nome próprio do batizado, sem sobrenome. Ao tornar-se adulto, as pessoas escolhiam o sobrenome livremente: só o do pai, só o da mãe, os dois numa ordem ou na inversa, o sobrenome de materno de um avô (sobrenome do bisavô materno), etc. Não incomum que adotasse o sobrenome do padrinho. Os portugueses, especialmente os do continente, menos os dos Açores, por vezes adotavam o nome do local de origem, daí os Lisboa, os Porto, os Braga, os Guimarães, os Lima e tantos outros que existem no Brasil e no Rio Grande do Sul. Quanto às mulheres, era um pouco mais complicado, porque freqüentemente era adotado um complemento tipo "do Nascimento", "de Jesus", "de São Joaquim", "dos Santos", que nada tinha de sobrenome familiar - depois podem até ter se transformado em sobrenome - e que poderia estar ligado ao santo do dia que nasceu e, às vezes, se transmitia para as filhas. Até por volta de 1815-1820 a mulher não tomava o sobrenome do marido, o que acontecia no século XV, deixou então de acontecer, e passou a ser novamente usado na primeira metade do século XIX, e, hoje, vem sendo - de novo - abandonado o uso.

Sobre hábitos desses primeiros habitantes, o que existe de melhor no meu entender é o livro do Auguste de Saint-Hilaire "Viagem ao Rio Grande do Sul", com várias edições.

A minha edição é da editora Itatiaia, de Belo Horizonte, associada à editora da Universidade de São Paulo, de 1974. Talvez deva conhecer o livro, mas de qualquer forma é um relato minucioso da viagem feita no período de 1820 a 1821, passando pela região de Santa Maria. Saint-Hilaire descreve com pormenores os hábitos, as vestes, as moradias, o aspecto físico desses primeiros povoadores. Acho que vale a pena dar uma olhada.

Achei muito interessante o seu trabalho, e de interesse geral, pois não existe muito material abordando o tema.

Um abraço e boa sorte.

APÊNDICE 5

FICHA INDIVIDUAL DE COLABORADORES

..... nº

(colaborador)

Data de nascimento

Local de nascimento

Ocupação do pai

Ocupação da mãe

Irmãos

Irmãs

Educação

.....

Ocupações profissionais (datas)

.....

.....

Política

Religião

.....

Residências (datas)

.....

.....

.....

Data de casamento

Ocupação do(a) cônjuge

.....

.....

filhos

.....

.....

.....

APÊNDICE 6

FICHA DE CATALOGAÇÃO DAS ENTREVISTAS

..... Entrevista nº

(colaborador)

Endereço.....

.....

Entrevistador (a).....

Gravado no endereço

.....

Datas das entrevistas.....

.....

.....

.....

Observações referentes às gravações e transcrições

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Restrições ao acesso.....

.....

.....

.....

.....